

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA – PPGLL

JOSÉ ANILTON ALVES DA SILVA

**CONCORDÂNCIA VERBAL COM PRONOME *NÓS* NA ZONA RURAL DE
PARICONHA – AL**

MACEIÓ/AL

2021

JOSÉ ANILTON ALVES DA SILVA

**CONCORDÂNCIA VERBAL COM PRONOME NÓS NA ZONA RURAL DE
PARICONHA – AL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória.

MACEIÓ/AL

2021

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- S586c Silva, José Anilton Alves da.
 Concordância verbal com pronome nós na zona rural de Pariconha - AL /
 José Anilton Alves da Silva. – 2021.
 98 f.
- Orientadora: Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória.
 Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade
 Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em
 Linguística e Literatura. Maceió, 2021.
- Bibliografia: f. 92-95.
 Anexos: f. 96-98.
1. Concordância verbal. 2. Nós (Pronome pessoal). 3. Variação linguística.
4. Pariconha (AL). I. Título.

CDU: 81'367.626.1



TERMO DE APROVAÇÃO

JOSÉ ANILTON ALVES DA SILVA

Título do trabalho: “CONCORDÂNCIA VERBAL COM PRONOME NÓS NA ZONA RURAL DE PARICONHA-AL”

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitório (PPGL/Ufal)

Examinadores:

Prof. Dr. Almir Almeida de Oliveira (UNEAL)

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGL/Ufal)

Maceió, 03 de setembro de 2021.

A compreensão científica da linguagem integra-a dentro do homem, fazendo-a depender dele, de quem recebe toda a vida. Assim, antes de estudar a língua, é necessário olhar para o indivíduo que a fala, considerar o meio social em que ele se move, porque a sua linguagem há de refletir este ambiente. (MARROQUIM, 1934, p. 163)

Ao meu avô, José Alves Miguel, aos meus queridos pais, Antônio Alves da Silva e Maria Francelina Filha da Silva, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por ser o meu guia, meu amigo fiel, por sempre me dar saúde e força para superar as dificuldades, os desafios e ter me permitido chegar até aqui. Agradeço também, à Virgem Maria, a quem tenho especial devoção, minha intercessora em todos os momentos da vida;

Aos meus pais, Antônio Alves e Maria Francelina, pelo amor incondicional, por todo apoio nas decisões mais difíceis que tive que tomar, pelo incentivo constante e por estarem comigo em todos os momentos;

Agradeço de modo especial, à Professora Dra. Elyne Vitório, minha orientadora, por todo apoio, ensinamentos, paciência e incentivo desde a graduação. Agradeço pela excelente orientação e total dedicação;

Aos meus irmãos, Hamilton, Junior, Maria Alves, Lidiane, Ailton, Marinês, Ailson, e em especial, Cida, Gleiciane, Marluce e Maria do Carmo, pelo apoio, preocupações e cuidados;

Às professoras Dra. Priscila Rufino e Dra. Telma Magalhães, também aos professores Dr. Aldir e Dr. Almir pela leitura e contribuições enriquecedoras;

Aos professores Adeilson Sedrins, Núbia Bakker, Rita Souto, Cristina Felipeto e Jair Farias, pelos ensinamentos e contribuições para minha formação;

A todos os meus sobrinhos, em especial, a Luiz Alves, Lucas, Lilian e Jaqueline, por todo apoio, incentivo, companheirismo e disponibilidade sempre;

À Selma, grande amiga e educadora, pelo incentivo constante e sempre disposta a ajudar-me;

Às amigas Débora, Suzana, Vaneide, Liliam e Hosilânia, pela disponibilidade e ajuda na busca pelos informantes para a realização desta dissertação;

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL), pela oportunidade da realização desta pesquisa;

Agradeço de modo especial, aos meus informantes, pela disponibilidade e colaboração em fornecer dados, pois a partir deles foi possível a realização deste trabalho;

Agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente e que torcem pelo meu sucesso.

A todos, MUITO OBRIGADO!

RESUMO

Neste trabalho, mapeamos o perfil sociolinguístico dos falantes da zona rural do município de Pariconha em relação à concordância verbal com a primeira pessoa do plural, que pode ser realizada com primeira pessoa do plural (doravante, 1PP) ou com terceira pessoa do singular (doravante, 3PS). Nosso objetivo é analisar se há a variação deste fenômeno na fala dos pariconhenses, verificando, quais os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que interferem nesse processo de variação. Para alcançar os objetivos propostos, realizamos um estudo empírico, tomando por base os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008), que concebe a língua enquanto sistema heterogêneo e inerentemente variável, podendo ser observada, descrita e analisada em seu contexto social, em situações reais de uso. Seguindo criteriosamente a metodologia da sociolinguística laboviana, delimitamos nossa variável dependente e as seguintes variáveis independentes: explicitude do sujeito, saliência fônica, acentuação da forma verbal, paralelismo linguístico, tempo verbal, faixa etária, escolaridade e sexo/gênero. Para constituição do nosso *corpus*, coletamos uma amostra da fala de 45 informantes da zona rural de Pariconha, estratificada segundo as variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, em que analisamos e codificamos todas as realizações de concordância verbal com o pronome *nós*. Para a análise estatística dos dados, recorremos ao programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Como resultado deste estudo, obtivemos 263 ocorrências de concordância verbal com 1PP, que correspondem a 51% de realizações de *nós* + 1PP e 49% de *nós* + 3PS, mostrando que, na comunidade, há uma disputa acirrada entre as variantes, e que essa variação é motivada principalmente pelas variáveis escolaridade, tempo verbal, paralelismo linguístico e saliência fônica.

PALAVRAS-CHAVE: Concordância verbal. Pronome *nós*. Variação Linguística. Pariconha.

ABSTRACT

In this work, we mapped the sociolinguistic profile of speakers from the rural area of the municipality of Pariconha in relation to verbal agreement with the first person of the plural, which can be performed with the first person of the plural (hereinafter, 1PP) or with a third person of the singular (hereinafter, 3PS). Our objective is to analyze if there is a variation of this phenomenon in the speech of pariconhenses, verifying, which linguistic and extralinguistic conditioners interfere in this process of variation. To achieve the proposed objectives, we conducted an empirical study, based on the theoretical-methodological assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, 2008), which conceives language as a heterogeneous and inherently variable system, which can be observed, described and analyzed in their social context, in real use situations. Carefully following the methodology of Labovian sociolinguistics, we delimited our dependent variable and the following independent variables: subject's explicitness, phonic salience, accentuation of the verbal form, linguistic parallelism, verbal time, age range, education and sex / gender. For the constitution of our corpus, we collected a speech sample from 45 informants in the rural area of Pariconha, stratified according to the variables sex / gender, age group and education, in which we analyzed and coded all verbal agreement achievements with the pronoun *nos*. For the statistical analysis of the data, we used the computer program GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). As a result of this study, we obtained 263 occurrences of verbal agreement with 1PP, which correspond to 51% of achievements of nodes + 1PP and 49% of nodes + 3PS, showing that in the community there is a fierce dispute between the variants, and that this variation is motivated mainly by the variables education, verbal tense, linguistic parallelism and phonic salience.

KEYWORDS: Verbal agreement. Pronoun *nós*. Linguistic variation. Pariconha.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Concordância verbal com pronome nós em variedades do português brasileiro	43
Gráfico 2: Escolaridade da população de Pariconha - 25 anos ou mais – 2010	58
Gráfico 3: IDEB de Pariconha para os anos iniciais	58
Gráfico 4: Percentual de concordância verbal com 1PP na zona rural de Pariconha	73
Gráfico 5: Percentual de concordância verbal com 1PP conforme marca morfêmica	74
Gráfico 6: Percentuais de <i>nós + 1PP</i> e <i>nós + 3PS</i> conforme a escolaridade	76
Gráfico 7: Percentuais de <i>nós + 1PP</i> e <i>nós + 3PS</i> conforme tempo verbal	78
Gráfico 8: Percentuais de <i>nós + 1PP</i> e <i>nós + 3PS</i> conforme paralelismo linguístico	80
Gráfico 9: Percentuais de <i>nós + 1PP</i> e <i>nós + 3PS</i> conforme saliência fônica	82
Gráfico 10: Percentuais de <i>nós + 1PP</i> e <i>nós + 3PS</i> conforme acentuação da forma verbal	83
Gráfico 11: Percentuais de <i>nós + 1PP</i> e <i>nós + 3PS</i> conforme explicitude do sujeito	85
Gráfico 12: Percentuais de <i>nós + 1PP</i> e <i>nós + 3PS</i> conforme faixa etária	86
Gráfico 13: Percentuais de <i>nós + 1PP</i> e <i>nós + 3PS</i> conforme sexo/gênero	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação entre a variável saliência fônica e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos	33
Tabela 2: Efeito da variável tempo verbal na realização da concordância junto ao pronome nós em Santa Leopoldina/ES	36
Tabela 3: Realizações de <i>nós</i> + 1PP conforme a saliência fônica no sertão de AL	39
Tabela 4: Ocorrências de <i>nós</i> + 1PP e <i>nós</i> + 3PS Serra Talhada e Afogados da Ingazeira	40
Tabela 5: Frequência de uso dos alomorfes verbais de P4 em Cinzento/BA	41
Tabela 6: Realizações de <i>nós</i> + 1PP e <i>nós</i> + 3PS em relação à escolaridade	75
Tabela 7: Realizações de <i>nós</i> + 1PP e <i>nós</i> + 3PS conforme tempo verbal	78
Tabela 8: Realizações de <i>nós</i> + 1PP e <i>nós</i> + 3PS conforme paralelismo linguístico	79
Tabela 9: Realizações de <i>nós</i> + 1PP e <i>nós</i> + 3PS conforme saliência fônica	81
Tabela 10: Realizações de <i>nós</i> + 1PP e <i>nós</i> + 3PS conforme acentuação da forma verbal	84
Tabela 11: Realizações de <i>nós</i> + 1PP e <i>nós</i> + 3PS em relação à explicitude do sujeito	85
Tabela 12: Realizações de <i>nós</i> + 1PP e <i>nós</i> + 3PS conforme faixa etária	86
Tabela 13: Realizações de <i>nós</i> + 1PP e <i>nós</i> + 3PS conforme sexo/gênero	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Conjugação do verbo “comer” no presente do indicativo em português, italiano, inglês e japonês	21
Quadro 2: Quantitativo de regras e casos de concordância verbal segundo as gramáticas normativas	24
Quadro 3: Representação do paradigma verbal presente nas Gramáticas Normativas	26
Quadro 4: Conjugação dos verbos louvar, dever e partir no presente do indicativo	29
Quadro 5: Estratificação da amostra	60
Quadro 6: Variáveis controladas e códigos atribuídos	70

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da conjugação verbal no português brasileiro	27
Figura 2: Cidade de Pariconha	56
Figura 3: Ritual indígena	57

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa ilustrativo dos estudos sobre a concordância verbal no português brasileiro	31
Mapa 2: Mapa de Alagoas	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 O OBJETO DE ESTUDO: CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME NÓS	20
2.1 O fenômeno da concordância	20
2.2 O que dizem as gramáticas?	23
2.3 O que dizem os estudos sociolinguísticos?	28
2.3.1 Região Sul	31
2.3.2 Região Sudeste	34
2.3.3 Região Centro-Oeste	38
2.3.4 Região Nordeste	38
3 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO	44
3.1 Linguística: a constituição de um campo científico	44
3.2 Sociolinguística Variacionista	47
3.3 Metodologia	52
3.3.1 Hipóteses e objetivos	53
3.3.2 Constituição do <i>corpus</i>	54
3.3.2.1 A comunidade de fala	54
3.3.2.2 Seleção dos informantes e estratificação da amostra	59
3.3.2.3 Coleta de dados	61
3.4 Variável dependente e variáveis independentes	63
3.4.1 Rodada no GoldVarb X	69
3.4.2 Dados não considerados	71
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	72
4.1 Variável dependente	72
4.2 Variáveis estatisticamente significativas	74
4.2.1 Escolaridade	74
4.2.2 Tempo verbal	77
4.2.3 Paralelismo linguístico	78

4.2.4 Saliência fônica	SUMÁRIO	81
4.3 Variáveis estatisticamente não significativas		83
4.3.1 Acentuação da forma verbal		83
4.3.2 Explicitude do sujeito		84
4.3.3 Faixa etária		86
4.3.4 Sexo/gênero		87
5 CONCLUSÃO		89
REFERÊNCIAS		94
ANEXOS		98

1 INTRODUÇÃO

Língua e sociedade estão interligadas de modo óbvio e inquestionável. Entretanto, há no meio social uma visão equivocada em relação à língua, de que só existe uma forma “certa” de falar. Essa visão é fortemente pregada pela Gramática Tradicional Normativa (doravante, GTN), que veicula a ideia de homogeneidade linguística, na qual existem somente regras invariáveis. Nesta perspectiva, há algumas questões problemáticas e incoerentes em relação aos usos reais da língua, dentre elas, a caracterização da concordância verbal (CV) como regra categórica.

De maneira geral, as gramáticas normativas (ALMEIDA, 2009; BECHARA, 2010; CEGALLA, 2008; ROCHA LIMA, 2011) convergem no tratamento deste fenômeno e trazem enraizada em seus manuais a regra de que o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa, de modo que qualquer enunciado que fuja dessa norma é visto como “erro”, está em desacordo com a língua, sendo esta, nesta perspectiva, insuscetível de variação e mudança. Essas regras rígidas e áridas, segundo Marroquim (1934), são como camisas de força asfixiantes, uma vez que baseiam-se em fatos linguísticos isolados do “homem”.

De acordo com Bagno (2011, p. 641), a concordância variável ocorre em todas as línguas cuja gramática prevê este fenômeno morfossintático. No Brasil, a variação na CV é um dos fenômenos linguísticos mais perceptíveis, ocorre tanto na norma culta quanto nas variedades populares do português brasileiro (PB), e acumula, desde a década de 1970, considerável produção bibliográfica, sobretudo, no âmbito da teoria variacionista.

Apesar da tradição gramatical ainda considerar a CV como uma regra categórica, estudos sociolinguísticos mostram que, nas variedades do PB, há um comportamento variável na aplicação da regra de concordância verbal (cf. ZILLES; MAYA; SILVA, 2000; RUBIO, 2014; AGOSTINHO; COELHO, 2015). Assim, no que concerne à CV com a primeira pessoa do plural, apresenta além da forma padrão *-mos*, as formas não-padrão *-mo*, com perda do *-s* que compõe o morfema número-pessoa, e *zero* - Ø, com a omissão do morfema *-mos*.

Diante disso, focalizamos, nesta dissertação, a CV estabelecida com o pronome *nós*, como em (1) e (2), na zona rural do município de Pariconha-AL, com intuito de mostrar se há a variação *nós+1PP* e *nós+3PS* na comunidade em estudo, bem como, verificar se

condicionadores linguísticos e extralinguísticos interferem nessa variação e, ao mesmo tempo, refletir se estamos diante de um processo de variação estável ou de mudança em curso.

(1) *Nós vamos* estudar.

(2) *Nós vai* estudar.

Do ponto de vista linguístico, entre os enunciados apresentados em (1) e (2) (*nós vamos/nós vai*), não há diferença de significado. Porém, no âmbito social, estruturas como em (2) possuem forte valor sociolinguístico e tendem a ser avaliadas negativamente, de modo que os falantes que fazem uso desses traços linguísticos são discriminados linguisticamente. Desse modo, o apagamento das marcas de pluralidade tende a constituir fenômeno estigmatizado, sendo usado, segundo Bagno (2011), como aspecto sociocultural para separar os falantes que falam “certo” dos que falam “errado”.

Tendo em vista que, no PB, há carência de estudos que tratam especificamente da concordância verbal com 1PP, e sendo este um trabalho sociolinguístico inédito na zona rural de Pariconha, acreditamos que a relevância desta pesquisa contribui para o mapeamento das variedades do português brasileiro (cf. MARTINS; ABRAÇADO, 2015) e para os estudos sociolinguísticos, pois descrevemos o comportamento linguístico das variantes analisadas na comunidade em estudo. Ressaltamos, ainda, a relevância social, visto que a não realização de CV é um dos fenômenos linguísticos mais estigmatizados socialmente no português brasileiro, principalmente entre os falantes universitários do sertão de Alagoas (cf. VITÓRIO, 2018).

Para o desenvolvimento deste trabalho, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por William Labov (2008), que visa o estudo da variabilidade e evolução da língua no contexto das relações sociais, levando em conta os fatores linguísticos e sociais que as motivam. Nesta corrente teórica, a variação é inerente às línguas e estas constituem-se como sistemas heterogêneos sistematizados, podendo, portanto, ser descrita, analisada e explicada cientificamente.

Guiados pela metodologia da Sociolinguística Variacionista (TARALLO, 2003; CAMPOY; ALMEIDA, 2003; GUY; ZILLE, 2007), para a realização desta pesquisa, constituímos uma amostra sincrônica composta por 45 informantes, residentes e naturais da zona rural do município de Pariconha, estratificados de acordo com as variáveis faixa etária, sexo/gênero e escolaridade. Os dados de fala foram coletados entre outubro de 2019 e junho de 2020. Após a coleta dos dados, transcrevemos as entrevistas, em seguida, analisamos e codificamos todas as ocorrências de concordância verbal com 1PP presente no *corpus*. Por fim,

por dar probabilidade e tratamento estatístico aos dados coletados, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para fazer análise quantitativa dos dados, que foi baseada nas seguintes variáveis independentes: faixa etária, sexo/gênero, escolaridade, explicitude do sujeito, saliência fônica, acentuação da forma verbal, tempo verbal e paralelismo linguístico.

O nosso trabalho está organizado em cinco seções, conforme o exposto a seguir.

Sendo esta a primeira seção, fazemos uma apresentação sucinta do nosso objeto de estudo, pontuando o que propomos com este trabalho. Na segunda seção, apresentamos a descrição do fenômeno em estudo. Iniciamos com as reflexões a respeito da concordância verbal, em seguida, expomos como as gramáticas normativas e descritivas abordam este fenômeno, e, por fim, a partir de um mapeamento sociolinguístico nas diferentes regiões do Brasil, apresentamos o que dizem os estudos variacionistas sobre a concordância verbal com P4.

Na terceira seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos utilizados em nossa pesquisa. Fazemos, inicialmente, uma breve abordagem sobre os estudos linguísticos, dando ênfase à Sociolinguística Variacionista, apresentando os principais pontos e conceitos abordados pela Teoria da Variação e Mudança Linguística. Em seguida, expomos a metodologia, hipóteses e objetivos da nossa pesquisa. Na sequência, apresentamos a comunidade de fala, os procedimentos metodológicos adotados para coleta dos dados, bem como fazemos uma breve descrição da variável dependente e das variáveis independentes.

Na quarta seção, expomos a descrição e análise dos dados obtidos. Nesta seção, mostramos como o fenômeno em estudo se comporta na comunidade analisada, apresentando não só os resultados para variável dependente, mas também as variáveis independentes consideradas de maior significância e as variáveis estatisticamente não significativas selecionadas pelo programa. Por fim, na quinta seção, apresentamos a conclusão desta pesquisa, mostrando os resultados a que chegamos.

2. O OBJETO DE ESTUDO: CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME NÓS

Nesta seção, apresentamos uma breve exposição sobre os estudos que serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, inicialmente, discorreremos sobre o fenômeno da concordância. Em seguida, apresentamos o que dizem as gramáticas normativas e descritivas sobre a concordância verbal e, por fim, mostramos como a concordância verbal com a 1ª pessoa do plural é abordada nos estudos sociolinguísticos referentes a algumas variedades brasileiras.

2.1 O fenômeno da concordância

A origem etimológica do termo *concordância* mostra que este provém da forma latina *cum + cor, cordis-*, que significa coração. No entanto, os gramáticos latinos, tanto os antigos quanto os modernos, têm usado o termo *cohaerentia* (SILVA, 2005) para designarem a concordância, visto que esse tem acepção em coerência, conexão, coesão. Situada no nível morfossintático, a concordância é um dos fenômenos presente nas línguas, porém não abrange todas da mesma maneira, uma vez que há línguas que não a possuem, a exemplo do chinês.

De forma geral, a concordância, segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 74), tem sido entendida “como um fenômeno gramatical na qual a forma de uma palavra numa sentença é determinada pela forma de outra com a qual tem alguma ligação gramatical”, conforme o exemplo (3). A concordância está relacionada às flexões de gênero, número, pessoa e tempo que ocorrem a partir das relações que se estabelecem entre as palavras no interior do sintagma¹ e constitui, segundo Nicolau (1984), uma consequência do flexionismo típico das línguas indo-europeias.

(3) *Nós vamos* viajar.

Compreende-se, pois, que é por meio desse processo de flexão que a concordância verbal de número se manifesta gramaticalmente, visto que, conforme em (3), apresenta marcação morfológica das desinências de número e pessoa nos elementos envolvidos. No entanto, essa marcação morfológica não acontece do mesmo modo em todas as línguas. Conforme quadro 1, enquanto o português e o italiano possuem desinências particulares com marcação bastante rica no verbo, línguas como o inglês, por sua vez, apresentam marcação

¹ O sintagma é um conjunto hierarquizado de elementos linguísticos que formam uma unidade. Pode ser nominal, verbal, adjetival, preposicional e adverbial (PERINI, 2006).

mínima (apenas na 3ª pessoa do singular), e, no japonês, não existe. Desse modo, nessas línguas, a não realização dos pronomes pessoais impossibilita a recuperação do referente.

Quadro 1: conjugação do verbo “comer” no presente do indicativo em português, italiano, inglês e japonês.

Português	Italiano	Inglês	Japonês
Eu como	Io mangio	I eat	Watashiga taberu
Tu comes	Tu mangi	You eat	Anataga taberu
Ele come	Lui mangia	He eats	Karega taberu
Nós comemos	Noi mangiamo	We eat	Watashitachiga taberu
Vós comeis	Voi mangiate	You eat	Anatatachiga taberu
Eles comem	Loro mangiano	They eat	Karetachiga taberu

Fonte: Bortoni- Ricardo (2014, p. 78)

No que concerne à língua portuguesa, tomando por base o quadro 1, a concordância verbal, assim como em outras línguas, se dá entre o sintagma nominal que exerce a função de sujeito da sentença e o verbo a ele referido, de modo que haja entre eles conformidade. No entanto, considerando esses aspectos e tendo em vista que, em línguas como o português brasileiro, há a possibilidade de se marcar morfologicamente ou não todos os elementos presentes no sintagma, percebe-se que, nesse processo, o que ocorre na verdade é a configuração da concordância como um fenômeno redundante, visto que há duplicidade nas categorias gramaticais de número e pessoa, com marcação tanto no sujeito quanto no verbo.

Dessa forma, tendo em vista que o flexionismo é apenas um recurso da língua e não uma imposição, isso possibilita outras possíveis realizações de CV, de modo que pode ser marcada explicitamente no verbo, conforme em (4), ou não, conforme em (5):

(4) *Gostamos* de passear.

(5) *Nós* *gosta* de passear.

No que diz respeito a (5), observamos que a omissão da desinência não afeta a clareza e nem o entendimento da sentença. De acordo com Nicolau (1984), isso não passa de um reflexo da lei do menor esforço e da busca de simplificação, afirma, ainda, que o apagamento das marcas de flexão nos verbos, em português, é apenas uma maneira de se dispensar um traço que é redundante. Quanto a (4), verificamos que o sujeito não está expresso, mas podemos identificá-lo por meio da desinência de número e pessoa, que recupera essa categoria. Em (5), há a omissão da desinência verbal, a marca de primeira pessoa do plural aparece somente no pronome *nós*, que, por sua vez, nos permite entender o enunciado.

No que diz respeito à omissão das desinências no sistema de CV, Guy (1989) aponta como sendo um fenômeno de origem crioula². Para essa afirmação, o autor toma como ponto a sua tese de que a origem do português tem uma base africana, desse modo, os mecanismos de concordância no Brasil seriam, então, resultado dessa base, isto é, dessa “africanização” do português.

Naro e Scherre (1993), por sua vez, argumentam que:

A variação na concordância verbal tem um componente que parece puramente fonológico: quando o plural *comem* se reduz ao singular *come*, a única diferença existente pode ser a perda da nasalização da vogal não acentuada final. Tal regra existe atualmente no português do Brasil e opera variavelmente também sobre as formas não verbais do tipo *homem*, *ontem*, etc. Por outro lado, quando *comeram* é substituído por *comeu* a diferença consiste na substituição de uma desinência *-eram* por outra *-eu* e o fenômeno não mais parece fonológico. Existe evidência empírica que sugere que em etapas anteriores do desenvolvimento da concordância verbal o tipo *comem/come*, em que atuava a regra fonológica da desnasalização, liderava maciçamente a redução da concordância (NARO, SCHERRE, 1993, p. 442).

Estes autores, concluem que a redução morfológica de concordância teve um desenvolvimento mais tardio, isto é, se deu a partir da generalização da redução fonológica nos verbos, uma vez que a mudança linguística que envolve a CV iniciou-se na fonologia, mais especificamente, no processo de desnasalização. Tendo em vista que a desnasalização existe na fala popular de Portugal, principalmente na região de Entre-Douro-e-Minho (NARO; SCHERRE, 1993), os autores pontuam que a redução de CV teria, então, uma origem europeia, vindo, portanto, de uma deriva do português arcaico.

Ao realizar um estudo diacrônico sobre o fenômeno da CV, Silva (2005) mostra que a sua ausência no português brasileiro não estaria em uma raiz do português arcaico, visto que “não se encontram na língua portuguesa arcaica construções que se assemelham ao que vemos no português popular do Brasil” (SILVA, 2005, p. 196), assim, a ausência de CV não deve ser vista como seguimento de suas origens, mas, como resultado da situação de contato entre as línguas. Segundo Araújo (2012), é mais coerente correlacionar esta origem a sócio-história do Brasil, tendo em vista os grandes acontecimentos registrados na formação inicial do país.

Nesta breve exposição, verificamos que a concordância é um fenômeno gramatical que tem sido entendido como uma espécie de harmonização das marcas morfológicas na relação sujeito-verbo (no caso da CV). No entanto, este fenômeno não se constitui como regra categórica, uma vez que a língua dispõe de flexionismo, de modo que a marcação de número

² Línguas crioulas costumam apresentar uma única forma lexical e não admitem qualquer modificação para indicação de noções subsidiárias do tipo pessoa, gênero, número, etc (NARO; SCHERRE, 1993).

pode se dá com a presença *versus* a ausência da desinência número-pessoal (no caso dos verbos). Vale salientar que a não realização da flexão na CV é um dos aspectos do português brasileiro que mais tem sido avaliado negativamente (cf. VITÓRIO, 2018; FREITAG, 2016; BAGNO, 2011) visto que é socialmente estigmatizado e desprestigiado. A seguir, apresentamos como a concordância verbal é abordada pelas gramáticas normativas e descritivas, e na perspectiva dos estudos sociolinguísticos.

2.2 O que dizem as gramáticas?

Previamente à discussão proposta nesta subseção, faz-se relevante uma breve abordagem sobre o termo gramática. O primeiro ponto a se firmar é que o conceito de gramática não é unívoco, ele possui várias acepções que se voltam a objetos distintos, guiados por modelos teóricos diferentes. Para Duarte e Serra (2015), há apenas dois significados, a saber, GRAMÁTICA (conhecimento que o falante possui da língua) e GRAMÁTICAS (os volumes diversos). Embora, comumente, o termo gramática seja associado a compêndios ou manuais de normas, as autoras mostram que esse é um dos tipos de gramática em meio a outros existentes. Possenti (1996), por sua vez, parte de gramática enquanto “conjunto de regras”, essa expressão, segundo o autor, também pode ser entendida de várias maneiras. Esses autores nos apresentam três tipos de gramáticas: internalizada, normativa e descritiva.

A gramática internalizada, segundo Duarte e Serra (2015), diz respeito ao conhecimento que possuímos da nossa língua, ou seja, o conjunto de regras *que o falante domina*, conforme pontua Possenti (1996), independente de frequentar a escola ou não. Essa gramática corresponde a um saber interiorizado e adquirido de forma natural que “habilita o falante a produzir frases ou sequências de palavras de maneira tal que essas frases e sequências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua” (POSSENTI, 1996, p. 69).

Fortemente presente na sociedade e no âmbito escolar, as gramáticas normativas³ ou prescritivas apresentam, segundo Possenti (1996), o conjunto de regras e normas *que devem ser seguidas* pelos falantes para o considerado uso “correto” da língua. Tomando como parâmetro a língua escrita literária, esse tipo de gramática tem origem na cultura greco-romana, por isso é conhecida também como gramática tradicional, e tem como objetivo preservar a língua, considerando-a homogênea. Nessa perspectiva, a gramática apresenta um modelo idealizado de

³ Comumente chamada de normativa, ela é igualmente descritiva, por exemplo, quando são feitas as classificações, conceituações etc.

língua, pautado em um processo de padronização que não condiz com a realidade linguística dos falantes, de modo que qualquer uso que fuja desse modelo é visto como erro.

Embasadas em teorias linguísticas contemporâneas, as gramáticas descritivas, por sua vez, não estão preocupadas em estabelecer o certo ou errado da língua, nem padronizá-la, mas em descrever e explicar como as línguas são faladas e/ou escritas de fato (DUARTE; SERRA, 2015). Desse modo, essas gramáticas afastam-se do caráter normativo, e preocupam-se em tornar conhecidas as “regras” *que são seguidas* pelos falantes da língua.

No que diz respeito à concordância verbal, ao analisarmos as gramáticas normativas de Almeida (2009), Bechara (2010), Cegalla (2008) e Rocha Lima (2011), verificamos que inúmeras páginas são dedicadas ao estudo da concordância verbal, explicitada, excessivamente, por meio de regras e casos particulares, conforme o quantitativo do quadro 2.

Quadro 2: Quantitativo de regras e casos de concordância verbal segundo as gramáticas normativas

GRAMÁTICA	REGRAS GERAIS	CASOS PARTICULARES
Almeida (2009)	Duas: com sujeito simples e composto	31 casos
Bechara (2010)	Duas: com sujeito simples e composto	28 casos
Cegalla (2008)	Três: com sujeito simples, composto e sujeito composto de pessoas diferentes	37 casos
Rocha Lima (2011)	Duas: com sujeito simples e composto	22 casos

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Constatamos, ainda, que os autores consultados convergem no tratamento da CV, e trazem enraizadas em seus compêndios a regra de que o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. De acordo com esses gramáticos, a concordância caracteriza-se como fenômeno invariável. Desse modo, os enunciados que não obedecem a essa estrutura são nomeados de casos específicos/especiais de concordância, conforme exemplo (6), ou são taxados como errado, feio, não estão de acordo com a língua, conforme exemplo (7).

(6) Nem eu nem ele o convidamos (CEGALLA, 2008, p. 453).

(7) Nós vai para o colégio toda manhã⁴.

⁴ Exemplo criado para exemplificação do fenômeno.

No que diz respeito a CV com 1PP, as gramáticas analisadas tratam somente da variante de prestígio social – *nós* + verbo na primeira pessoa do plural. Embora dediquem inúmeras páginas ao tratamento da concordância, as gramáticas normativas não contemplam a realidade dinâmica e variável do português brasileiro, de modo que classificam a CV como regra categórica, restringindo-se a uma abordagem invariável, com foco na prescrição de usos de diversos casos particulares, negligenciando vários fenômenos que acontecem nos usos diários da língua. Tendo em vista o efeito regulador das gramáticas normativas sobre os usos da língua, a variação na concordância tende a ser um fenômeno estigmatizado e avaliado negativamente.

Reconhecendo a inconsistência teórica, noções mal definidas e as contradições presentes nas gramáticas tradicionais normativas, linguistas passaram a elaborar gramáticas descritivas (CASTILHO, 2010; PERINI, 2010; BAGNO, 2011), tomando por base teorias linguísticas contemporâneas. Essas gramáticas, diferentemente da abordagem normativa, não estão interessadas em impor o modelo ideal de língua que os falantes devem usar, nem tampouco atribuem juízos de valor aos variados fenômenos da língua, mas, sim, descrevem a realidade linguística em todos os seus aspectos.

Para Castilho (2010, p. 411), a CV está relacionada à “conformidade morfológica entre uma classe (neste caso, o verbo) e seu escopo (neste caso, o sujeito)”. No entanto, o gramático salienta que tal conformidade implica na redundância das formas, visto que havendo marcação de plural no sujeito (*nós*) haverá também no verbo (*mos*), como na frase: “*Nós estudamos na UFAL*”. Diferente da abordagem tradicional, o autor argumenta que, no PB, as regras de concordância estão sujeitas a regras variáveis ligadas a um conjunto de fatores condicionantes.

Dentre os fatores condicionantes, Castilho (2010) aponta a saliência fônica, proximidade/distância entre verbo e o sujeito, posição do sujeito na sentença, paralelismo linguístico e nível sociocultural dos falantes. O autor também ressalta que as sentenças são assimétricas em relação à concordância e que as regras de CV são variáveis tanto em falantes do PB culto quanto em falantes não escolarizados, de modo que o que diferencia as duas classes são os fatores que determinam a regra: para os falantes cultos, os fatores determinantes são proximidade/distância entre sujeito e verbo e posição do sujeito na sentença, enquanto que para os falantes do PB não padrão, são os condicionadores: saliência fônica e paralelismo linguístico.

Em *Gramática Descritiva do Português Brasileiro*, Perini (2010) mostra que tradicionalmente a CV tem sido entendida como uma espécie de harmonização, na qual o verbo deve assumir certa forma que esteja de acordo com o sintagma nominal que exerce a função de sujeito. No entanto, o autor argumenta que análises feitas nessa perspectiva não são adequadas,

uma vez que se choca com a existência de sentenças que não obedecem a este parâmetro. Podemos exemplificar com estruturas do tipo (8).

(8) Voltamos de viagem ontem.

Segundo Perini (2010), se para haver concordância é necessário “adaptar” o verbo aos traços de pessoa e número do sintagma nominal, a quem o verbo estaria se adaptando em sentenças do tipo (8)? A saída, de acordo com autor, foi a gramática normativa criar um “sujeito oculto”, que estaria nessa oração para disparar a concordância. Dessa forma, tendo em vista que a desinência número-pessoal nos indica claramente a pessoa gramatical referida em (8), o gramático conclui que o “sujeito oculto” posto pela tradição gramatical foi criado como uma maneira de “salvar a hipótese de que a forma do verbo depende da concordância com o sujeito” (p. 274).

Perini (2010) afirma ainda que a CV é mais restrita no PB falado, em virtude de fenômenos como “a eliminação histórica da segunda pessoa gramatical” (p. 277) e do gradual abandono do pronome *nós* em favor do *a gente*. Em relação à primeira pessoa do plural, o autor atenta que o uso do pronome *nós* continua geral e que ainda não se reduziu à terceira pessoa do singular. No entanto, caso isso aconteça, “teremos um sistema de concordância reduzido apenas a duas pessoas: a primeira pessoa do singular (*eu cheguei*) e uma “pessoa” geral que engloba todas as outras (*ele chegou; você chegou; a gente chegou*)” (PERINI, 2010, p. 278). O autor finaliza o capítulo afirmando ser necessário elaborar um novo conceito para o fenômeno da concordância, bem como reanalisar a noção de sujeito.

Em *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, Bagno (2011) também classifica a concordância como redundante, e nos mostra que a redundância consiste no fato de haver “duplicidade de marcação das categorias gramaticais de pessoa e número em dois elementos de um mesmo sintagma” (BAGNO, 2011, p. 643), conforme o quadro (3) abaixo:

Quadro 3: Representação do paradigma verbal presente nas gramáticas normativas

Eu	Falo
Tu	Falas
Ela	Fala
Nós	Falamos
Vós	Falais
Elas	Falam

Fonte: Bagno (2011, p. 643)

Segundo o autor, considerar a concordância como fenômeno linguístico redundante significa que ela é dispensável, ou seja, pode ser descartada e isto se deve ao fato de estarmos diante do fenômeno da economia linguística. Desse modo, segundo Bagno (2011, p. 541), para que marcar duas vezes a pessoa verbal para dizer *nós falamos* (*nós,mos*), se a forma mais econômica *nós fala* nos permite o mesmo entendimento? O linguista ressalta, então, que é preciso abandonar a ideia errônea de que em construções como *nós fala* “não existe concordância” e nos apresenta que

A concordância aqui existe, sim, mas no plano sintagmático: o que está no plural não é apenas o verbo, mas a combinação SN+V, SN que traz em si a marca suficiente de plural, ou seja, a não redundância das formas (BAGNO, 2011, p. 647).

Dessa forma, diferenciando-se do paradigma verbal, conforme quadro 3, apresentado pela gramática normativa, o autor, baseado em pesquisas realizadas no Brasil nos últimos quarenta anos, nos apresenta, em sua gramática, uma descrição mais atualizada do paradigma de conjugação do PB, conforme a figura 1:

Figura 1: Representação da conjugação verbal no PB

Se alguém se dispusesse a fazer, hoje, por exemplo, uma *descrição* dos paradigmas de *conjugação verbal* do português brasileiro, poderia apresentar um quadro parecido com este:

VARIEDADES URBANAS DE MAIOR PRESTÍGIO SOCIAL

A		B		C		D	
eu	FALO	eu	FALO	eu	FALO	eu	FALO
tu		tu / você		tu / você		tu	FALAS
você		ele / ela	FALA	ele / ela	FALA	você	
ele / ela		a gente		a gente		ele / ela	FALA
nós	FALA	nós		nós	FALAMO[S]	nós	FALAMOS
a gente		vocês	FALA[M]	vocês	FALA[M]	vocês	
vocês		eles / elas		eles / elas		eles / elas	FALAM
eles / elas							

VARIEDADES RURAIS OU RURBANAS DE MENOR PRESTÍGIO SOCIAL

Fonte: Bagno (2011, p. 539)

Podemos observar que essa atualização contempla quatro paradigmas que caracterizam grupos sociais diferentes, mas, segundo o autor, não esgotam todas as possibilidades de descrição. Dentre os fatores mais importantes para a simplificação e mudança na morfologia verbal do PB, Bagno (2011) aponta como determinantes, a generalização do índice de pessoa *você* e a ampla substituição de *nós* por *a gente*, por exemplo, *você fala/ a gente fala*. Em relação a não inclusão da forma “a gente falamos”, o autor justifica que

As pesquisas linguísticas têm demonstrado que a ocorrência dessa forma é extremamente baixa, mal chegando a aparecer nos quadros estatísticos. De fato, trata-se muito mais de um estereótipo do que de uma variante socialmente significativa (BAGNO, 2011, p. 539).

Contrapondo-se, então, às gramáticas e manuais escolares, o autor argumenta que a regra geral de CV postulada pela tradição normativa não se sustenta, pois “o verbo é quem projeta seus valores semânticos sobre os demais elementos da sintaxe para maior eficiência discursiva da sentença em que ele age como núcleo” (p. 647), logo é o sujeito que concorda com o verbo e não o contrário.

Sobre os chamados “casos especiais” de concordância, o linguista afirma que são, na verdade, variáveis que por já estarem gramatizadas e gramaticalizadas, bem como por estarem presentes em obras de grandes nomes literários da língua portuguesa é que são transformadas em “regras especiais”, porém, sob termos como silepse, sínese, concordância ideológica. Por fim, o autor ressalta que a concordância é um conjunto de fatos complexos que vai muito além das noções de certo e errado, de modo que, mesmo invertendo a ordem da chamada “regra geral”, não é possível dar conta realmente dos mecanismos que agem sobre a CV.

Dado o exposto, fica visível que as gramáticas descritiva e normativa divergem no tratamento da CV. Podemos observar que, enquanto a primeira descreve o funcionamento real da língua e reconhece a complexidade do fenômeno, a segunda, por sua vez, pauta-se na tradição gramatical, de modo que não admite a variabilidade e a mudança linguística, restringindo, dessa forma, o fenômeno a uma regra geral que não condiz com a realidade, atribuindo juízo de valor aos casos que fogem dessa regra.

2.3 O que dizem os estudos sociolinguísticos?

Diferente da ideia posta pelas gramáticas tradicionais que veem a língua como homogênea, os estudos linguísticos têm nos mostrado que a variação linguística é intrínseca às línguas, isto é, está presente em todo sistema linguístico, não acontecendo de forma desordenada, mas de forma coerente e sistemática. Embora todas as línguas apresentem variação, existem algumas formas que são mais estigmatizadas pela sociedade, como, por exemplo, o fenômeno da não concordância.

A CV vem sendo tomada como objeto de estudo por vários pesquisadores, que buscam explicar seu amplo processo de variação e, segundo Lucchesi *et al.* (2009, p. 331), por “está no centro dos debates acerca da relevância do contato entre línguas na formação da realidade linguística brasileira”. Embora as gramáticas normativas tradicionais insistam em classificá-la como regra categórica, inúmeros estudos têm comprovado cientificamente que esta constitui-se como fenômeno variável. Essa variabilidade encontra-se documentada desde os primeiros

estudos dialetológicos realizados no Brasil, conforme o quadro 4, apresentado em “*A língua do Nordeste*” por Marroquim (1934), ao estudar a língua de alagoanos e pernambucanos sem escolarização.

Quadro 4: conjugação dos verbos louvar, dever e partir no presente do indicativo

1.ª Conjugação – Louvar	2.ª Conjugação – Dever	3.ª Conjugação – Partir
Eu lóvo	Eu dêvo	Eu parto
Tu lóva	Tu deve	Tu parte
Ele lóva	Ele deve	Ele parte
Nós lóva	Nós deve	Nós parte
Vós lóva	Vós deve	Vós parte
Eles lóva	Eles deve	Eles parte

Fonte: Adaptado de Marroquim (1934, p. 115).

Como observamos no quadro 4, o autor atesta a não realização de CV. Para ele, a redução e a simplificação que se verifica na linguagem colocam a gramática no nível das necessidades de expressão dos falantes, atingindo, assim, o quadro das flexões verbais, de modo que “a simplificação atingiu a pessoas e tempos, mas sobretudo a pessoa, ficando reservado quase que só aos pronomes o papel de as determinar” (MARROQUIM, 1934, p. 115).

No âmbito da sociolinguística laboviana, os estudos sobre a CV no Brasil datam da década de 1980, e o nome de Marta Scherre se destaca como a pesquisadora que mais tem se aplicado ao estudo deste fenômeno. Para a pesquisadora, a famosa “regra geral” de CV é uma ilusão, e afirma que, em português, a concordância não é regida exclusivamente pelo núcleo do sujeito, como preconiza a gramática normativa, mas por traços, que podem aparecer em outras funções, conforme exemplos (9) e (10).

(9) 75% da população **apoiam** a entrada de Erundina no ministério.

(10) 10% da **população** ativa do país **está** desempregada.

(SCHERRE, NARO, 2007, p. 134).

Conforme os exemplos apresentados, quando o sujeito é um número percentual, a concordância pode ser controlada pelo núcleo desse sujeito, como em (9), ou pelo núcleo do adjunto, como em (10). Sendo assim, os casos de concordância com sintagmas em funções que não sejam de sujeito, acabam sendo denominados, segundo os autores, de casos particulares ou não regulares. Scherre e Naro (2007) argumentam que:

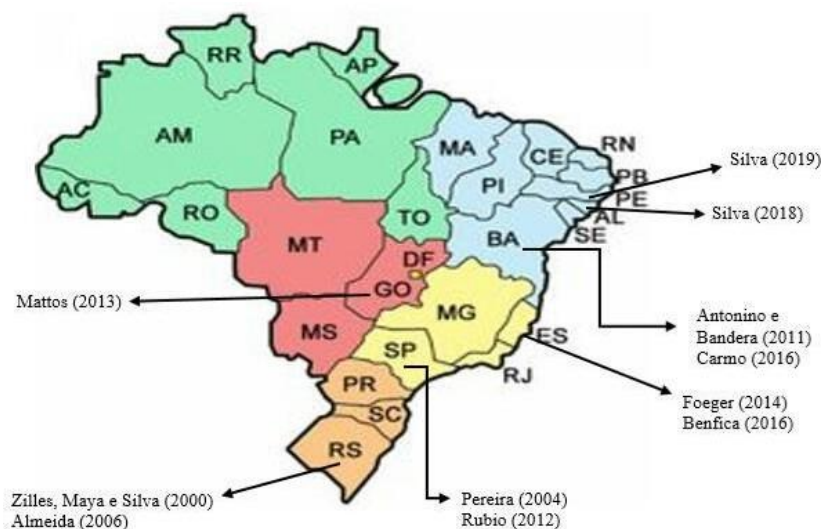
Alguns traços controladores da concordância verbal de número (e também de pessoa) ocorrem muito frequentemente no núcleo lexical (nominal ou pronominal) que se situa na posição canônica de sujeito [...]. Por esta razão, cria-se a impressão de que é o núcleo do sujeito da construção que controla canonicamente a concordância (SCHERRE, NARO, 2007, p. 153).

Ao longo de mais de trinta anos, o fenômeno da CV vem sendo amplamente estudado por diversos pesquisadores, acumulando considerável produção bibliográfica que focaliza em quase sua totalidade o estudo da CV de 3ª pessoa do plural, sendo, portanto, poucos os estudos que tratam especificamente da concordância com a primeira pessoa do plural. No que concerne à CV com 1PP, Naro, Gorski e Fernandes (1999) argumentam que:

Em português padrão, o sujeito de primeira pessoa do plural é *nós* e sua forma verbal correspondente é feita com a flexão gramatical *-mos*. Um exemplo típico é *nós falamos*. Entretanto, há uma alternativa para o sujeito pronominal de primeira pessoa do plural: *a gente*, que deriva de um sintagma nominal com a mesma forma e significa *as pessoas*. Na linguagem padrão o verbo usado com *a gente* recebe desinência de terceira pessoa do singular, com terminação zero. Um típico exemplo é *a gente fala*. Conquanto, o uso do pronome sujeito, com certa frequência, não é obrigatório, e, na linguagem informal, a desinência *-mos* é omitida com *nós* e usada com *a gente*, a despeito do papel categorial e ao contrário do padrão. As formas *nós falamos* e *a gente fala* são padrão; *nós fala* e *a gente falamos* são não-padrão (NARO; GORSKI; FERNANDES, 1999, p. 201).

Ao traçarmos o panorama dos estudos variacionistas para CV com 1PP no Brasil, verificamos que ainda são poucas as descrições a respeito deste fenômeno. Conforme o mapa (1), há investigações realizadas nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, no entanto, na região Norte do país ainda não há trabalhos realizados. Essas investigações abordam, em sua maioria, a análise conjunta da concordância com 1PP e 3PP ou da alternância pronominal *nós* e *a gente*, e focalizam majoritariamente sobre o comportamento linguístico em comunidades rurais.

Mapa 1: mapa ilustrativo dos estudos sobre a CV com 1PP realizados no Brasil



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Dessa forma, apresentamos, a seguir, os estudos sociolinguísticos que abordam a concordância verbal com a primeira pessoa do plural, a fim de entender como essa variação ocorre nas diferentes regiões do Brasil.

Conforme já exposto, na região Norte do país, não constatamos nenhuma investigação referente à concordância verbal com ao pronome *nós*. No entanto, localizamos o trabalho de Silva e Camacho (2017), que analisam *Os pronomes nós e a gente no português falado em Rio Branco* em um *corpus* de 40 entrevistas, estratificado por sexo, escolaridade e idade. Embora o foco da investigação recaia sobre a variação *nós* e *a gente*, os autores nos fornecem dados a respeito da CV com 1PP. Os dados revelam que *nós*+3PS é a forma preferida no português falado em Rio Branco/AC, com uso expressivo de 83% de frequência e .94 de PR.

2.3.1 Região Sul

Utilizando uma amostra constituída por 32 entrevistas pertencentes ao banco de dados do Projeto VARSUL⁵, Zilles *et al.* (2000) analisam a CV com 1PP nas cidades gaúchas de Panambi e Porto Alegre, RS. Após análise dos dados, os autores localizaram 1.035 realizações de CV com 1PP, sendo 926 da forma padrão *-mos*, que correspondem a 87% e 109 ocorrências de desinência zero (*nós* + 3PS), que correspondem a 13%. Partindo desses números, os autores apontam quatro fatores que foram selecionados como significativos em relação à omissão da

⁵ Variação Linguística Urbana na Região Sul.

desinência de 1PP, sendo dois fatores linguísticos e dois sociais, a saber, sílaba tônica, posição do sujeito em relação ao verbo, escolaridade e comunidade.

No que tange à variável sílaba tônica, os resultados apresentados pelos autores mostram que a forma alvo proparoxítona favorece muitíssimo a omissão da desinência de 1PP, apresentando peso de 0.97 e frequência de 43%, enquanto a forma paroxítona desfavorece (apenas 2%). Tendo em vista que há uma tendência geral na língua de predominar palavras paroxítonas, os falantes, segundo os autores, parecem evitar as proparoxítonas, seguindo, então, essa tendência.

Quanto à variável posição do sujeito em relação ao verbo, os dados mostram que a posposição e a distância de mais de 3 sílabas são os fatores que levam ao apagamento do morfema padrão de 1PP, apresentando, respectivamente, pesos de 1.00 e 0.62, que equivalem a frequências de 80% e 9%. Esses resultados mostram que quanto mais distante o sujeito fica do verbo a tendência é ocorrer a omissão, isso, segundo os autores, contraria a explicação funcional de que é a adjacência entre sujeito e verbo que favorece a omissão da desinência, tendo em vista maior facilidade de processamento.

No que concerne à variável escolaridade, o estudo mostra que são os falantes com nível primário que favorecem a desinência zero (0.74 de peso relativo), enquanto que os de nível secundário desfavorecem. No entanto, de acordo com os autores, apesar de apontar desfavorecimento, o peso de (0.25) para o nível secundário mostra que o fenômeno não está restrito a pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade.

Para a variável comunidade, os dados indicam que a omissão acontece com mais frequência em falantes de Panambi (peso de 0.57), enquanto que os falantes de Porto Alegre desfavorecem (0.41). Os autores supõem que este favorecimento em Panambi pode estar relacionado à influência do contato de línguas (alemão-português) na região.

Almeida (2006), por sua vez, estudou a CV em São Miguel dos Pretos, comunidade remanescente de escravos e com baixa escolaridade, localizada em Restinga Seca, RS. O *corpus* utilizado contou com uma amostra composta por 24 informantes (12 homens e 12 mulheres), distribuídos por três faixas etárias (15 a 24 anos, 40 a 64 anos e de 65 a 90 anos). Nesse estudo, a autora discute a CV com 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural, no entanto, apresentamos, neste trabalho, somente os dados referentes a 1PP.

Em relação à CV com 1PP, após análise dos dados, Almeida (2006) encontrou 422 realizações, sendo 310 ocorrências do emprego da variante padrão e 112 ocorrências de

ausência da desinência. Esses dados evidenciam que a comunidade em estudo apresenta alta frequência de concordância, com percentual de 73%. Se comparado ao estudo de Zilles *et al.* (2000) com dados da zona urbana do RS, essa frequência apresenta um índice alto, tendo em vista as características rurais dessa comunidade. Segundo Almeida (2006), essa alta frequência está ligada possivelmente ao contato intenso estabelecido com outras comunidades em virtude da necessidade de emprego, saúde, educação e etc.

Para a análise dos dados, a autora testou seis grupos de fatores, a saber, tipo de sujeito, saliência fônica, conjugação verbal, tempo verbal (fatores linguísticos) e faixa etária e gênero (fatores sociais). Entretanto, apenas dois grupos de fatores foram selecionados como estatisticamente significativos, são eles: saliência fônica e conjugação verbal.

Para a saliência fônica, os resultados encontrados pela autora mostram que há o favorecimento para aplicação do morfema padrão quando as formas verbais são mais salientes (níveis 4 e 5), ao passo que as formas menos salientes desfavorecem a aplicação (níveis 1, 2, 3), conforme tabela 1. Esses resultados, por sua vez, não seguem uma gradação hierárquica, conforme propõe os estudos relativos a essa variável, mas apresentam oscilações, de modo que não existe uma escala esperada entre os níveis, pois, o nível 1 inicia com frequência de 1%, no nível 2 se eleva drasticamente para 92% e depois cai novamente para 76%.

Tabela 1: relação entre a variável saliência fônica e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos

Nível	Exemplo	N	%	Peso
1	Falava/falávamos	1/83	1	0,0
2	Falava/falamos Trouxe/trouxemos	36/39	92	0,70
3	Está/estamos Tem/temos	68/89	76	0,29
4	Comeu/comemos Partiu/partimos Vai/vamos Foi/fomos	95/99	96	0,96
5	Falou/falamos	83/84	99	0,95
				Input 0,82

Fonte: Adaptado de ALMEIDA (2006, p. 97)

Em relação à oscilação dos índices de concordância observada nos níveis menos salientes (1, 2 e 3), a autora mostra que é provocada por outros fatores. Para o nível 1, Almeida (2006) mostra que existe dependência entre as variáveis saliência fônica e tempo verbal, pois as realizações dos tempos verbais pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo estão nesse nível, assim, quando acrescida a

desinência padrão de 1PP nessas formas, elas tornam-se proparoxítonas, seguindo, dessa forma, uma tendência do PB de evitar palavras desse tipo, para esse nível, os falantes usam menos a desinência padrão correspondente a 1PP.

A elevação drástica no nível 2 para 92%, segundo a autora, pode estar relacionada à predominância da presença do pronome reto na função de sujeito, tendo em vista a hipótese de que sujeito desse tipo favorece a concordância, uma vez que há uma tendência de vir anteposto ao verbo. Quanto à queda de percentual verificada no nível 3, Almeida (2006) associa ao fato de haver ocorrências com o infinitivo pessoal e com o futuro do subjuntivo, em que recebem a desinência em apenas 3% dos casos.

No que se refere à variável conjugação verbal, são os verbos da terceira conjugação quem favorecem a realização de concordância com o morfema padrão em São Miguel dos Pretos, com 84% de frequência, enquanto que os verbos de primeira e segunda conjugação desfavorecem (0.51 e 0.78, respectivamente), com percentuais de 67% e 72 %. O favorecimento por parte dos verbos de terceira conjugação, segundo Almeida (2006), está provavelmente relacionado às ocorrências da perífrase *vamos* + infinitivo que categoricamente concordam com o sujeito em 55 ocorrências dos 105 casos analisados nessa conjugação.

2.3.2 Região Sudeste

Em estudo intitulado *Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas*, Pereira (2004) analisa a CV com 1ª e 3ª pessoas do plural em variedades do português popular falado por pessoas idosas da zona rural dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Para a análise, a autora utilizou parte do *corpus* do Projeto Filologia Bandeirante coletado em 1998, composto de 15 inquéritos de informantes com média de 78 anos, de ambos os sexos, analfabetos ou semiescolarizados.

Levando em consideração os resultados referentes à CV com 1PP, Pereira (2004) nos mostra uma frequência de 33% de concordância com o morfema padrão *-mos* e percentual de 77% da ausência deste. Esse resultado demonstra que, na comunidade em estudo, a variante não padrão predomina fortemente, de modo que a acentuação da forma verbal exerce papel decisivo, tendo em vista que quando esta é proparoxítona a não realização da regra é praticamente categórica, com frequência de 99%.

Ainda mostraram-se significativas as variáveis paralelismo discursivo, status informacional do sujeito e distância do referente do sujeito, que inibem a aplicação de CV com

1PP quando: o verbo vem precedido de verbo no singular (88%), o status informacional do sujeito apresenta informação dada (82%) e quando o sujeito zero com referente anterior próximo (92%). Em relação às variáveis sociais, no estudo de Pereira (2004), apenas a escolaridade foi estatisticamente significativa, apontando que a probabilidade de falantes escolarizados aplicarem a regra é maior, isto é, de .62 de PR com frequência de 38%. Dessa forma, o alto percentual de não concordância com *nós* encontrado pela autora vai ao encontro dos estudos sociolinguísticos, mostrando que falantes residentes na zona rural e de baixa escolaridade são os favorecedores das realizações de *nós* + 3PS.

A pesquisa de Rubio (2012) investiga a CV e a alternância pronominal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do singular e plural no português brasileiro e no português europeu. Para análise do PB, o pesquisador utilizou uma subamostra de falas da região Noroeste do estado de São Paulo, composta por 64 entrevistas. Esses dados são pertencentes ao Banco de Dados Iboruna, estratificado segundo as variáveis escolaridade, faixa etária e gênero.

No que concerne aos dados referentes à CV com pronome *nós*, de modo geral, os dados obtidos por Rubio (2012) revelam que, no português europeu, esse fenômeno constitui regra categórica, ao passo que, no PB, apresenta comportamento variável, com percentual de 85,5% de concordância. Ao testar os fatores que condicionam a variabilidade no uso desse fenômeno, foram estatisticamente significativos: escolaridade, faixa etária (sociais), saliência fônica verbal, paralelismo discursivo e explicitude do sujeito (linguísticos).

A escolaridade mostrou-se como variável mais relevante. Os dados apontam que essa variável exerce grande influência sobre a manutenção da realização de CV com a forma padrão, uma vez que o aumento gradativo do nível de escolaridade reflete no uso da aplicação de CV com 1PP. Dessa forma, informantes com menos escolaridade (1 a 4 anos) exibem percentuais mais baixos (72%), enquanto que informantes com 12 anos ou mais de escolarização apresentam percentuais mais altos (95,8%).

Em relação à variável faixa etária, o autor obteve os seguintes percentuais: 16 a 25 anos (83,8%), 26 a 35 anos (78%), 36 a 55 anos (91,1%) e mais de 55 anos (81,8%). Para Rubio (2012), esses resultados “não apontam indícios de avanço na implementação de uma ou de outra variável, já que não houve aumento nem diminuição nos índices de aplicação das marcas de 1PP” (RUBIO, 2012, p. 279). Assim, tendo em vista que somente os informantes de 26 a 55 anos apresentaram peso relativo acima de 0.5, são eles os favorecedores da CV com a desinência padrão, com peso relativo de 0.63 e 91,1% de frequência.

Com relação aos fatores linguísticos, no interior paulista, a CV com a forma padrão de 1PP é favorecida quando a saliência verbal é máxima (94,1% e 0.68 PS), quando o verbo anterior é em primeira pessoa do plural (95, 3% e 0.81 PS). Já no que se refere à explicitude do sujeito, segundo Rubio (2012), a probabilidade de empregar a desinência padrão é maior quando o sujeito está oculto, com 0.7 PR.

Comparado aos dados de Pereira (2004) com falantes da zona rural, a análise de Rubio (2012) com informantes do interior apresenta um resultado inverso, pois evidencia que, na fala do interior paulista, o que predomina é aplicação da regra de concordância com 85,5% contra 14,5% da forma *nós* + 3PS. Esse favorecimento de aplicação observada nos dados do interior paulista pode ser explicado, segundo Rubio (2012), pelas características sociais de cada *corpus*, principalmente na consideração do nível de escolaridade.

Em estudo sobre *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES*, Foeger (2014) analisa dados de fala de 32 entrevistas de falantes da zona rural, considerando as variáveis faixa etária, gênero/sexo e escolaridade. Feito o levantamento dos dados, a autora contabilizou 817 realizações de *nós* na posição de sujeito, sendo 388 realizações de concordância e 429 ocorrências de não concordância. De modo geral, esses dados correspondem, respectivamente, a percentuais de 47,5% e 52,5%, demonstrando que o fenômeno caracteriza-se como regra variável, com favorecimento de não aplicação da regra de concordância (52,5%). Das variáveis consideradas na análise, a saliência fônica, o tempo verbal, a faixa etária e a referencialidade foram selecionadas como mais relevantes.

Ao analisar a atuação das variáveis saliência fônica e tempo verbal, Foeger (2014) aponta que, na zona rural de Santa Leopoldina/ES, as formas verbais mais salientes são mais favorecedoras à realização de CV com a forma padrão (96,3%), e que esta é desfavorecida quando as formas verbais apresentam menos saliência (0,4%). Ao analisar a variável tempo verbal, a autora encontra resultados interessantes em relação à CV com 1PP, conforme tabela 2.

Tabela 2: efeito da variável tempo verbal na realização da concordância junto ao pronome *nós* em Santa Leopoldina/ES

Tempo Verbal	Aplicação/Ocorrências	%	P.R.
Pretérito perfeito	288/289	99,7%	0.98
Pretérito imperfeito	1/283	0,4%	0.01

Presente	99/245	40,4%	0.38
TOTAL	388/817	47,5%	

Fonte: FOEGER (2014, p. 127)

No pretérito imperfeito, a autora observou não haver variação, com a não-concordância sendo quase categórica (99,6%), é nesse tempo que ocorrem as proparoxítonas com *-mos*, forma que tende a ser evitada pelos falantes. Em relação ao pretérito perfeito, os dados também não apontam variação, pois nesse tempo a probabilidade de aplicação da regra padrão é de 0.98 e frequência de 99,7%. Segundo Foeger (2014), esse favorecimento de aplicação de concordância indica que o morfema *-mos* está se especializando como marca de pretérito perfeito para desfazer a ambiguidade existente entre esse tempo verbal e o presente.

Dessa forma, em relação à variável tempo verbal, os resultados obtidos pela autora indicam que, em Santa Leopoldina/ES, a variação na CV com 1PP só ocorre de fato no tempo presente (40,4% e 0.38 de peso relativo). Embora a saliência fônica constitua fator importante nos estudos sobre concordância, a autora constatou que o fator determinante é o tempo verbal.

No que diz respeito à variável referencialidade, a concordância é favorecida quando a referência é genérica e indefinida, com peso de 0.96 e percentual de 91,7%. Em relação à faixa etária, Foeger (2014) mostra que são os informantes mais velhos (50 anos ou mais) quem mais favorecem a concordância (PR 0.79). Essa configuração, segundo a autora, sugere uma mudança em progresso em direção a não concordância.

Benfica (2016), por sua vez, analisou a CV com 1ª e 3ª pessoas do plural na cidade de Vitória/ES. Para a investigação, a autora serviu-se de 46 entrevistas pertencentes ao banco de dados do projeto PortVix⁶. Considerando apenas os dados referentes a 1PP, os resultados obtidos pela autora apontam um índice significativo de aplicação da regra de concordância (90,4%).

No estudo de Benfica (2016), três fatores mostraram-se relevantes: tempo verbal, escolaridade e faixa etária. Em relação ao fator tempo verbal, a autora mostra que a aplicação da concordância padrão é amplamente favorecida quando o pretérito perfeito apresenta a mesma forma que o tempo presente, com percentual de 98,3% e PR 0.69, e é desfavorecida quando o tempo é pretérito imperfeito (31,5%). Quanto às variáveis escolaridade e faixa etária, os dados

⁶ Projeto Português Falado em Vitória.

revelam que são os jovens (7 a 25 anos) e universitários que favorecem a concordância com percentuais de 98,5% e 97%, respectivamente.

2.3.3 Região Centro-Oeste

Ao estudar *Goiás na primeira pessoa do plural*, Mattos (2013) mostra uma frequência de 77% de concordância com o morfema padrão e 23% de apagamento deste. Para o estudo, a autora serviu-se de um *corpus* constituído por 55 informantes de diversas localidades de Goiás e que está estratificado segundo as variáveis: sexo/gênero (28 mulheres e 27 homens), escolaridade (ensino médio e ensino superior) e faixa etária (16-24 anos; 25-40 anos; 41-86 anos). Feita análise dos dados, a autora constatou que a variação na CV com 1PP é motivada por quatro variáveis, a saber, ritmo, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

Os resultados obtidos para a variável ritmo mostraram que a omissão da desinência de 1PP é favorecida nos casos de mudança de vocábulo paroxítono em proparoxítono, apresentando peso relativo de 0.88 e 47% de frequência. Por outro lado, o peso relativo de 0.35 aponta que a mudança de oxítone-paroxítone desfavorece, com percentual de 14%.

No que diz respeito às variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, os resultados apontam que a não CV com *nós* na fala goiana é favorecida pelos informantes da faixa etária mais jovens (16-24 anos), do sexo/gênero feminino e com até 10 anos de escolarização (ensino médio), com percentuais de 40% (peso relativo 0.82), 26% (peso relativo 0.69) e 36% (0.80 de peso relativo), respectivamente.

O favorecimento da omissão da forma padrão por pessoas com ensino médio, segundo Mattos (2013), seria um traço cultural da ruralidade fortemente valorizada em Goiás, tendo em vista o caráter rural que moldou a cultura e a fala do estado. Para a autora, o percentual de 23% de apagamento da desinência padrão em Goiás caracteriza-se uma identidade linguística.

2.3.4 Região Nordeste

Com relação à região Nordeste, os estudos referentes à CV com 1PP concentram-se em três dos nove estados que compõem a região, são eles: Alagoas, Pernambuco e Bahia.

O estudo de Silva (2018) aborda a CV estabelecida com o pronome *nós* no sertão de Alagoas. Para investigação, o autor recorreu ao banco de dados do projeto Lusa⁷, coletado em 2015, composto por 96 informantes de cidades do sertão alagoano. Feita a análise dos dados, num total de 196 realizações de CV com pronome *nós* encontradas na amostra, o autor mostra que a forma *nós*+1PP é a preferida entre os falantes do sertão alagoano, ocorrendo em 75% dos casos. Para o estudo, foram selecionadas como significativas as variáveis escolaridade, saliência fônica e explicitude do sujeito.

Ao controlar a variável escolaridade, o autor buscou analisar quatro fatores, a saber, analfabeto, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Os resultados encontrados revelam que são os informantes com nível superior que favorecem a aplicação da regra de concordância (97% e PR .87), enquanto que informantes sem escolarização desfavorecem (40% e PR .9), mostrando, assim, que a escola fomenta o uso das formas de prestígio social.

Para a variável saliência fônica, Silva (2018) analisou dois fatores: formas mais salientes e menos salientes. Os dados apontam que os dois fatores apresentaram percentuais mais elevados para concordância (86% e 67%, respectivamente), no entanto, a probabilidade de não concordância é maior quando as formas verbais são menos salientes, com peso relativo de .66 e frequência de 33%, como podemos observar na tabela 3.

Tabela 3: realizações de *nós*+1PP e *nós*+3PS conforme a saliência fônica

Fatores	Nós+1PP			Nós+3PS		
	Total/Oc	Perc.	Pr.	Total/OC	Perc.	Pr.
+ Saliente	80/69	86%	.73	80/11	14%	.27
- Saliente	116/78	67%	.34	116/38	33%	.66

Fonte: SILVA (2018, p. 55)

Quanto à variável explicitude do sujeito, os resultados revelam que o fator sujeito implícito é o que mais favorece o uso da concordância, com percentual de 85% e peso de .64.

Tendo em vista esses resultados, Silva (2018) constatou, em sua investigação, que, no sertão de Alagoas, a CV com 1PP apresenta comportamento variável, com predomínio da aplicação da regra (75%) sendo favorecida nos seguintes contextos: por falantes com ensino superior, formas verbais mais salientes e quando o sujeito está implícito.

⁷ A língua usada no sertão alagoano. A amostra está estratificada de acordo com as variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

Em trabalho intitulado *A variação na concordância verbal na língua falada no sertão do Pajeú*, Silva (2019) investiga a CV com 1ª e 3ª pessoas do plural nas cidades pernambucanas de Serra Talhada e Afogados da Ingazeira. No que diz respeito aos dados de CV com 1PP, nos resultados obtidos pela autora foram constatados a presença de nocautes, que revelaram não haver variação na CV com pronome *nós* na comunidade em estudo. As ocorrências de nocautes, segundo a autora, justificam-se pela pouca produtividade de dados obtidos em relação à forma *nós*+3PS, conforme tabela 4.

Tabela 4: ocorrências de *Nós*+1PP e *Nós*+3PS em Serra Talhada e Afogados da Ingazeira

Cidades	Ocorrências de <i>Nós</i> +1PP	Ocorrências de <i>Nós</i> +3PS	Total
Serra Talhada	56	18	74
Afogados da Ingazeira	82	2	84

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Em Serra Talhada, esses dados correspondem, em termos percentuais, a 76% de marcas de concordância e 24% de não concordância, no entanto, ao submeter os dados ao programa GoldVarb X, ocorreram nocautes. Ao analisar as 18 ocorrências que não apresentaram marcas de concordância, a autora verificou que elas foram realizadas por 4 informantes pertencentes à mesma faixa etária (mais de 41 anos) e diferente nível de escolaridade (ensino fundamental e médio). Em relação a Afogados da Ingazeira, não houve variação efetiva, uma vez que os dados indicam frequência de 98% de aplicação de concordância.

Sendo assim, o estudo de Silva (2019) concluiu que, no sertão do Pajeú, a CV com *nós* representa uma regra semicategórica, e que os percentuais de concordância encontrados para Serra Talhada (76%) e Afogados da Ingazeira (98%) revelam que, no sertão de Pernambuco, há um padrão diferente para CV com 1PP.

Tomando por base o banco de dados do projeto Vertentes do Português Rural da Bahia, Antonino e Bandeira (2011) investigaram a concordância de 1PP na fala de 12 informantes do município de Cinzento (comunidade afro-brasileira isolada) na Bahia. O *corpus* foi estratificado de acordo com as variáveis sexo e faixa etária (20 a 40 anos, 41 a 60 anos, 61 a 80 anos e acima de 80 anos). Após analisar os dados, os autores obtiveram 948 ocorrências, das quais somente 9,5% (91) eram de realização do morfema de 1PP. Para os autores, essa frequência é bastante reduzida, tendo em vista que, nesse total, estão inseridos o morfema padrão *-mos* e seus alofones *-mo* e *-emo*. Ao fazer o desmembramento entre eles, obtém-se o seguinte resultado.

Tabela 5: frequência de uso dos alomorfes verbais de 1PP em Cinzento

Desinência	Nº de oc. / TOTAL	Frequência
-mos	08/948	0,8%
-mo	76/948	8%
-emo	07/948	0,7%
Zero	857/948	90,5%

Fonte: Antonino e Bandeira (2011, p. 170)

Conforme tabela 5, observamos que, na comunidade de Cinzento, predomina a não aplicação da regra padrão de concordância, com percentual de 90,5%. Em relação à desinência padrão, não chega nem a 1% de frequência, e quanto aos alofones, o mais utilizado pela comunidade é apagamento do -s final que compõem o morfema *-mo* (8%). Os resultados do estudo apontam que as variáveis paralelismo discursivo, saliência fônica e sexo mostraram-se mais relevantes.

Em relação aos condicionadores linguísticos, o paralelismo discursivo foi selecionado como a primeira variável estatisticamente significativa. Os dados revelam que sentenças precedidas por *nós* mais desinências *-mos*, *-mo* e *emo* ou apenas pelas desinências favorecem a aplicação de concordância, com respectivamente 60% e 63% e PR .93, enquanto formas precedidas por *nós* mais verbo com desinência zero desfavorecem (12% e PR .58), seguindo, dessa forma, a tendência de que marcas levam a marcas e zero leva a zero. Para a variável saliência fônica, os autores mostram que são as formas mais salientes que favorecem a CV com 1PP (42% e PR .92), ao passo que as formas menos salientes desfavorecem (0,6% e PR .08).

No que concerne à variável sexo, na comunidade de Cinzento, são os homens, segundo Antonino e Bandeira (2011), que tendem a usar mais concordância (11% e PR .55) pelo fato de se deslocarem para os centros urbanos em busca de trabalho, tendo, dessa forma, mais contato com a variante padrão. As mulheres, por sua vez, tendem a não marcar a concordância (7%), pois ficam mais isoladas na comunidade e a vida rural.

Os resultados de Carmo (2016), em *A variação na concordância verbal com a primeira pessoa do plural em comunidades rurais do semiárido baiano*⁸, também mostram que, nessas comunidades, predomina a não aplicação da regra de concordância (58,4%), caracterizando o fenômeno como variável. No entanto, os resultados obtidos pela autora revelam que a

⁸ Para o estudo, a autora utilizou 48 entrevistas pertencentes ao projeto Coleção Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano.

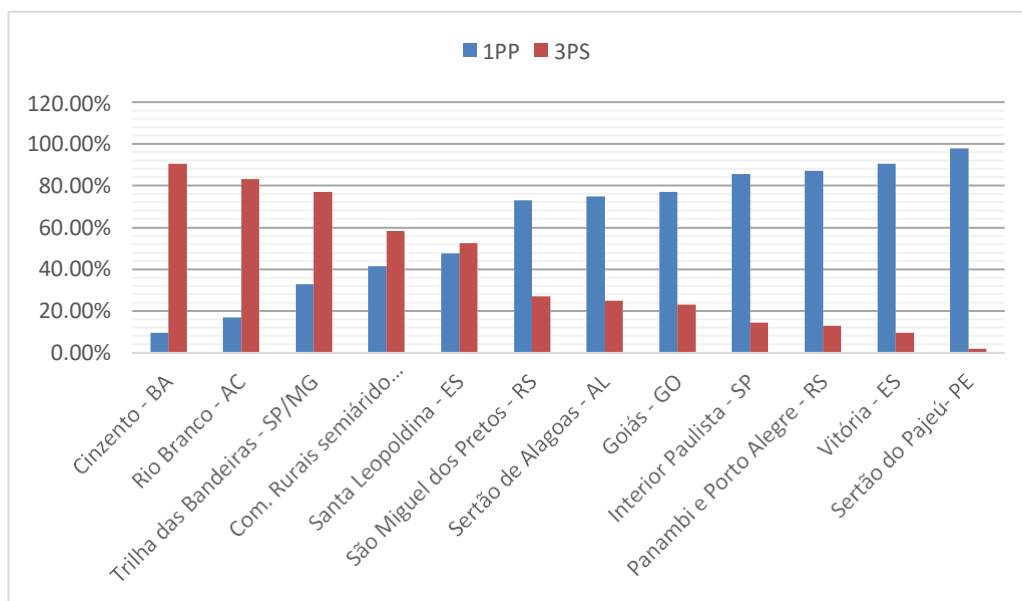
concordância verbal com pronome *nós* tem ganhado tendência ao uso de marcação de plural (41,6%), sendo condicionada principalmente pelas variáveis: realização e posição do pronome sujeito, saliência fônica, composição do sujeito, tempo verbal e comunidade.

Para a variável realização e posição do sujeito, a autora observou que a probabilidade de concordância é maior quando o sujeito é realizado e antecede o verbo, com PR .55 e 24,4% de frequência, e desfavorecida quando o sujeito realizado antecede ao verbo, mas vem separado por alguns constituintes (.33 de PR). Semelhante a outros estudos, os dados referentes às variáveis saliência fônica e tempo verbal apontam que a concordância tende ser mais realizada quando as formas verbais são mais salientes (PR .75 e 66% de frequência) e quando o tempo verbal é pretérito perfeito (.69 de PR e percentual de 68%), sendo desfavorecida no tempo presente (41,5%) e em formas menos salientes (46,7%).

Em relação ao fator composição do sujeito, os resultados indicam que a marca de concordância é favorecida em contextos que o sujeito é simples com quantificador *todo(s)/toda(s)*, com 50% de frequência e peso de .77, e apresenta desfavorecimento quando o sujeito é simples com quantificador *tudo* (PR .46). Quanto à variável comunidade, são os informantes de Lagoa do Inácio que favorecem a realização de concordância (.66 de PR e 49,1%), ao passo que os moradores da comunidade Mato Grosso desfavorecem, com 24,7% de frequência e .22 de PR. Os resultados referentes a Mato Grosso, segundo a autora, foram inesperados, uma vez que a comunidade é de etnia branca e tem maior contato com a sede do seu município (Rio de Contas).

A partir do exposto, podemos perceber que diferente das gramáticas normativas que classificam a concordância verbal como regra categórica, o mapeamento dos estudos sociolinguísticos em diferentes regiões do Brasil nos permite afirmar que a concordância verbal com a primeira pessoa do plural caracteriza-se como um fenômeno variável na maioria das comunidades estudadas, com percentuais maiores ou menores a depender de contextos linguísticos e sociais, conforme podemos observar no gráfico abaixo.

Gráfico 1: CV com pronome nós em variedades do PB



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Conforme gráfico 1, observamos que, no português brasileiro, não há uma padronização no uso da CV com 1PP. Os estudos mostram que somente no Sertão do Pajeú – PE há um emprego semicategórico das formas verbais com o pronome *nós*. Por outro lado, os altos percentuais de ausência de concordância com *nós* estão em Cinzento (BA), Rio Branco (AC) e na área correspondente à Trilha das Bandeiras (SP/MG), com frequências de 90,5%, 83% e 77%, respectivamente. As amostras de fala dessas comunidades que apresentam um percentual maior de realização do pronome *nós* mais o morfema zero caracterizam-se por pertencerem a falantes com baixa escolaridade.

De forma geral, os dados obtidos por meio desse mapeamento parecem indicar não só que a região – urbano e rural – que pertencem os falantes interferem nas realizações do pronome *nós* com o verbo na 1PP e 3PS, como também que a variável escolaridade parece exercer grande influência na escolha dessas variantes. É a partir desses estudos, que focalizamos na análise da concordância verbal com o pronome *nós* na zona rural de Pariconha-AL.

3 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam nosso estudo. Iniciamos com uma breve abordagem sobre os estudos linguísticos, dando ênfase à Sociolinguística Variacionista, elencando principais pontos e conceitos. Em seguida, apresentamos os objetivos e hipóteses que nortearam a nossa pesquisa e, por fim, discutimos sobre os procedimentos metodológicos adotados, detalhando a amostra utilizada, as variáveis selecionadas e a rodada realizada pelo programa GoldVarb X.

3.1 Linguística: a constituição de um campo científico

Ao longo da história, as diferentes sociedades sempre desenvolveram reflexões em torno da linguagem. As primeiras manifestações de interesse advêm do século IV a.C., com os povos Hindus, motivados por razões religiosas. Posteriormente, os gregos e os romanos pensaram a questão da linguagem a partir da perspectiva filosófica, pautando-se, sobretudo, no caráter normativo e prescritivo. Mais tarde, no início do século XIX, ao comparar o sânscrito com as línguas latina, grega, persa e germânica, Franz Boop⁹ chega à conclusão de que entre elas havia correspondências sistemáticas.

Essa percepção de sistematicidade permitiu, então, revelar o parentesco entre as línguas, desencadeando, assim, o desenvolvimento do estudo histórico e comparativo das línguas. A partir do estabelecimento de princípios e métodos, e baseando-se na observação direta dos dados linguísticos, os teóricos desse período chegam, então, ao método comparativo, no qual “descreve-se uma língua (sua forma fonética, sua organização sintática, etc) não por meio de uma análise interna dela mesma, mas pela comparação com outras diferentes línguas” (MUSSALIN, 2008, p.29).

Diferente dos estudos histórico-comparativos das diferentes línguas, o segundo período do século XIX é marcado pelo surgimento do chamado movimento dos neogramáticos. Os teóricos desse movimento quiseram, segundo Robins (1979), fazer da linguística histórica uma ciência exata, que estivesse nos moldes no pensamento científico vigente. Desse modo, tendo em vista que “a escrita seria incapaz de fornecer informações adequadas sobre a pronúncia real das línguas mortas” (ROBINS, 1979, p. 151), os neogramáticos formularam uma nova teoria,

⁹ Linguista alemão precursor no desenvolvimento dos estudos histórico e comparativo das línguas.

na qual deram ênfase ao estudo das línguas vivas, a fim de se compreender o funcionamento linguístico em processo.

Destarte, o século XIX apresenta-se como um divisor de águas para o campo da linguística, uma vez que há o desenvolvimento de modernos conceitos, tanto teóricos quanto metodológicos. Nessa perspectiva, destaca-se a modificação no caráter dos estudos da linguagem, visto que diferente dos trabalhos precedentes em que o estudo da linguagem era subordinado às exigências de outras áreas do conhecimento (lógica, filosofia, filologia, crítica literária, etc.), os estudos linguísticos desse período implicam um novo direcionamento, de modo que a linguagem passa a ser estudada pensando-se em fazer ciência.

No início do século XX, a publicação do *Curso de Linguística Geral (CLG)*, de Ferdinand Saussure, opera uma grande mudança nos estudos linguísticos, levando-os a alcançarem a cientificidade, inaugurando, assim, a linguística moderna. Pertencente à corrente de estudos denominada estruturalismo, na qual a língua é compreendida como homogênea e autônoma, o pensamento desse linguista teve papel revolucionário, pois buscou um novo objeto de estudo e demonstrou uma nova delimitação para tratar os dados linguísticos.

Saussure reconhece que a integralidade do objeto de estudo da linguística é diferente, ou seja, é composta por dois elementos (língua e fala), existentes em um mesmo fenômeno (linguagem). Assim, por ser constituída por objetos diferentes, a linguagem apresenta características diversas (é física, psíquica e fisiológica), de forma que é impossível descobrir sua unidade, não se prestando a uma análise científica.

Dessa forma, para garantir a cientificidade da linguística, Saussure precisou homogeneizar o seu objeto de estudo, visto que “apenas a homogeneização do objeto permitirá descobrir nele a sua verdadeira ordem, uma ordem que ultrapasse a mera descrição e que permita chegar ao nível da explicação” (BORGES NETO; DASCAL 1991, p.25). Para tanto, ele fez a separação entre a competência linguística do falante e os dados linguísticos reais, estabelecendo, assim, a famosa dicotomia língua (*langue*) e fala (*parole*).

A *parole* representa os dados imediatamente acessíveis ao observador, mas o objeto próprio da linguística é a *langue* de cada comunidade: o léxico, a gramática e a fonologia que são interiorizados por cada indivíduo e que lhe permitem falar e entender a língua da sociedade em que foi educado. (ROBINS, 1979, p. 163).

Na visão de Saussure, a língua é a parte essencial da linguagem, possui natureza psíquica e social, constitui um bem coletivo. A fala, por sua vez, é caracterizada pelo teórico como

individual, variável, constituída de heterogeneidade. Tendo em vista essa oposição, Saussure elege a língua como objeto de estudo da linguística, por ela ser homogênea e sistematizável.

Coube, ainda, ao linguista, a tarefa de formalizar as dimensões sobre as quais a linguística poderia estudar a linguagem, isto é, a dicotomia sincronia e diacronia. Na sincronia, a língua é considerada como se apresenta num determinado intervalo de tempo implicando um estudo descritivo, na diacronia focalizam-se as mudanças que determinada língua sofreu ao longo do tempo, caracterizando um estudo histórico. Saussure opta pela perspectiva sincrônica, e introduz um novo ponto de vista nos estudos da língua.

O eixo sincrônico corta o eixo diacrônico, determinando um ponto. Esse ponto constitui o intervalo de tempo em que uma determinada língua será estudada, isto é, constitui o intervalo de tempo (a sincronia) em que as relações entre os fatos que coexistem no interior de um sistema linguístico serão consideradas para estudo (MUSSALIM, 2008, p.43).

Nesse sentido, a dicotomia sincronia/diacronia marca um rompimento com o paradigma vigente do século XIX, permitindo separar o interno do que é externo. Nessa perspectiva, Saussure abstrai a língua dos fatores sociais, considerando-a estática, homogênea, de modo que pode ser estudada sem que seja levada em conta as circunstâncias externas. O linguista dá a língua um caráter autônomo. A autonomia, segundo Borges Neto e Dascal (1991, p. 26), ao mesmo tempo que unifica os estudos linguísticos, retirando-os da “sombra” de outros saberes, abre perspectivas para a multiplicação de abordagens teóricas distintas desse novo objeto.

Desse modo, a partir da década de 1950, surge outra corrente de estudos linguísticos, conhecida como Gerativismo, representada por Noam Chomsky. Tal como Saussure, Chomsky insiste na ideia de homogeneizar o objeto de estudo da linguística, para isso, faz a distinção entre competência e desempenho, na qual a primeira refere-se ao conhecimento abstrato das regras da língua, e a segunda diz respeito à seleção e execução dessas regras. Fundamentando-se em uma perspectiva inatista, o gerativista elege a competência linguística de um falante-ouvinte ideal como objeto da linguística, concebendo a língua como homogênea, um sistema de princípios universais, como uma espécie de conhecimento mental.

A respeito dessas correntes teóricas, Coelho *et al.* (2010) pontuam que

De fato, a concepção estruturalista de língua de Ferdinand Saussure fez muito no sentido de elevar a linguística à posição de campo científico pleno, com objetos e métodos definidos. Chomsky sofisticou ainda mais os objetivos dessa ciência ao propor que a faculdade da linguagem é um componente universal e inato da espécie humana, cujas regras poderiam ser descritas a partir da análise das construções gramaticais (aceitáveis) de línguas diversas (COELHO *et al.*, 2010, p. 19).

Podemos notar, portanto, que essas formulações sobre a linguagem foram essenciais para a constituição da linguística enquanto ciência. No entanto, tanto na perspectiva gerativista quanto nos pressupostos saussurianos, os componentes da gramática (regras e relações internas) são suficientes para descrição linguística, de modo que não são consideradas influências de ordem externa, ou seja, os aspectos sociais, culturais, históricos etc., que atuam sobre o sistema linguístico, nem reconhecem a variabilidade presente nesse sistema, fazendo, dessa forma, uma abordagem autônoma e homogênea da língua.

3.2 Sociolinguística Variacionista

A busca em articular a linguagem com aspectos do meio social e cultural fez despontar na década de 1960, uma nova área de estudos linguísticos denominada de Sociolinguística. Agregando pesquisadores de diferentes campos do saber, como da Sociologia e da Antropologia, essa nova área é marcada por uma origem interdisciplinar¹⁰, e reúne diferentes vertentes (sociolinguística variacionista, interacionista, educacional e a etnografia). Em nossa pesquisa, nos deteremos especificamente na vertente variacionista proposta por Labov (2008), que aborda a questão da variação e mudança linguística.

Tendo como precursor o linguista William Labov, a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança Linguística, surge, na década de 1960, como uma reação as correntes estruturalista e gerativista, contrapondo-se a ideia de homogeneidade do sistema linguístico proposta por Saussure e Chomsky, e por estes abstraírem o componente social dos estudos linguísticos.

Na percepção da Sociolinguística, apreender apenas o invariável, reduz a compreensão a respeito do fenômeno linguístico. Assim, partindo desse pressuposto, Labov (2008) correlaciona língua e sociedade e elege a variabilidade e a mudança linguística enquanto objeto de estudo. O linguista propõe, então, um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico que focaliza “o estudo da língua em seu contexto social” (2008, p. 41), isto é, usada nas interações sociais.

Ao enfatizar os fenômenos de variação e mudança e defender a presença do componente social na análise linguística, a abordagem laboviana propõe um novo olhar sobre a estrutura da

¹⁰ Por situar-se no espaço da interdisciplinaridade, a sociolinguística lida também com questões voltadas para o contato linguístico, bilinguismo, línguas minoritárias e política e planejamento linguístico.

língua, integrando o linguístico ao social. A língua, nesta perspectiva, é vista como objeto possuidor de heterogeneidade e de variação, sendo esta inerente ao sistema linguístico. Desse modo,

Cabe à sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático (MOLLICA, 2008, p. 11).

Nesse sentido, os pressupostos labovianos afastam-se das abordagens teóricas que o precederam, marcando, dessa forma, o rompimento da relação estabelecida por Saussure entre sincronia/diacronia, aproximando-as, pois, para que ocorra mudanças no sistema, é necessário que ele sofra algum tipo de variação.

Deste modo, a natureza heterogênea e variável da língua torna-se o pressuposto fundamental para a teoria de Labov. A heterogeneidade, no entanto, não implica ausência de regras ou um “caos” do sistema linguístico, pois, enquanto sistema, a língua é um conjunto estruturado de regras, porém não se constitui numa realidade completamente autônoma, visto que ao lado das regras categóricas há também regras variáveis.

A noção de regra variável implica que não existe variação livre (como se vê numa abordagem estruturalista). Uma regra variável relaciona duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre uma das formas e, quando não se aplica, ocorre (m) a (s) outra (s) forma (s). A aplicação ou não das regras variáveis é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico (COELHO *et al.* 2010, p. 24).

A teoria laboviana revela que a heterogeneidade da língua é estruturada e sistematizada, e isto pode ser evidenciado pelo fato dos falantes de uma comunidade se comunicarem e se entenderem. Quanto à variação, é inerente a todas as línguas, e caracteriza-se não como um problema, mas como uma propriedade regular do sistema linguístico. Dessa forma, é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão, uma vez que ela é que “orienta e sustenta a observação, descrição e interpretação do comportamento linguístico” (MUSSALIM, 2001, p. 42).

Caracterizada como um fenômeno universal decorrente da heterogeneidade linguística, a variação é definida como um processo em que duas ou mais formas linguísticas ocorrem em um mesmo contexto, para tanto, é necessário que possuam o mesmo significado referencial e mesmo valor de verdade. Estas formas alternativas individuais que “concorrem” em uma variável são denominadas de variantes. A variável corresponde ao lugar na gramática em que se localiza a variação.

Para melhor compreensão desses conceitos, exemplificamos com o fenômeno estudado em nossa pesquisa, na qual temos como variável em análise a concordância verbal com (*nós*) expressão de primeira pessoa do plural (categoria da língua que se encontra a variação), e temos como variantes: *Nós* com a concordância padrão -*mos* – *Nós+1PP* e *Nós* sem concordância padrão – *Nós+3PS*. Por exemplo: *Nós gostamos* de viajar/ *Nós gosta* de viajar.

As variáveis, de acordo com Mollica (2010), classificam-se em: variável dependente e variáveis independentes. Para a autora, uma variável é considerada como dependente quando o emprego das variantes não acontece de forma aleatória, mas influenciada por grupo de fatores de natureza social e estrutural, ou seja, as chamadas variáveis independentes. Essas são definidas como variáveis linguísticas (fatores internos à língua, condicionadores semânticos, discursivos, lexicais, etc.) ou variáveis extralinguísticas (fatores externos, como, sexo, idade, escolarização, classe social, etc.), que podem aumentar ou diminuir a frequência de realização de determinado fenômeno em variação, uma vez que exercem influências sobre tais usos.

As variantes linguísticas, por sua vez, possuem significado social e classificam-se em: variante padrão e não padrão, conservadora e inovadora, de prestígio e estigmatizada, e encontram-se sempre em concorrência na comunidade de fala. Tarallo (2007) pontua que

Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade (TARALLO, 2007, p. 11 e 12).

No contexto das relações sociais “há sempre uma ordenação valorativa das variantes em uso” (MUSSALIM, 2001, p. 39), em que algumas formas linguísticas são prestigiadas, como é o caso do *nós* mais o verbo na 1PP, e outras estigmatizadas, como é o caso do *nós* mais o verbo na 3PS, decorrentes de julgamentos sociais sobre as línguas. Dessa forma, em uma variável, as formas variantes disputam pela expressão de um significado, de modo que a escolha do falante por uma ou outra variante é condicionada pela atuação das variáveis independentes, chamadas também de condicionadores linguísticos e sociais, que regulam essa escolha.

Enquanto propriedade regular do sistema linguístico, a variação não acontece de forma caótica, desordenada ou irregular, mas condicionada por fatores internos e externos à língua, de modo que pode ocorrer em todos os níveis de análise linguística (lexical, fonológico, morfológico, sintático, morfossintático e discursivo), em dimensões e maneiras diferentes, (variação regional, social, estilística, diamésica).

Ao assumir a variação como inerente ao sistema linguístico, a Sociolinguística coloca em evidência também a questão da mudança linguística, uma vez que toda mudança pressupõe um processo de variação em que há a coexistência da forma substituta e da substituída. No entanto, a este respeito, Weinreich, Labov e Herzog (2006) ressaltam que

A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 125).

Nesse sentido, a mudança não é discreta, visto que durante o processo de mudança há sempre fases intermediárias em que, por exemplo, uma forma X e uma forma Y coexistem como variantes, bem como há momentos em que a concorrência entre elas diminui, até que a mudança ocorra completamente. Como consequência inevitável da dinamicidade da língua, a mudança não é transmitida de pai para filho, mas sim dentro da comunidade como um todo, ou seja, é na comunidade que variação e mudança tomam forma. Para compreendê-las, segundo Labov (2008), é necessário lidar com dados empíricos.

A teoria sociolinguística propõe, então, duas abordagens sobre as quais é possível analisar um fenômeno de variação e mudança linguística, a saber: observações no tempo aparente e observações no tempo real. O estudo em tempo aparente relaciona-se ao aspecto sincrônico da língua, consiste em uma análise feita a partir da distribuição das ocorrências de determinado fenômeno em várias faixas etárias, permitindo, constatar se o fenômeno se encontra em estado de variação estável ou mudança em progresso.

O estudo em tempo real, por sua vez, consiste na observação do comportamento linguístico dos informantes em diferentes períodos, pode ser realizado sob duas perspectivas, estudo de tendência, quando o pesquisador dispõe de um *corpus* e depois de determinado espaço de tempo retorna a mesma comunidade para coletar uma nova amostra, utilizando a mesma metodologia, mas com informantes diferentes; e estudo de painel, no qual o pesquisador retorna à comunidade utilizando a mesma metodologia e deve consultar os mesmos informantes.

Para descobrir os mecanismos da mudança, Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam cinco problemas empíricos, são eles: problema de transição, problema de encaixamento, problema de implementação ou atuação, problema de restrição e problema de avaliação, de modo que esses podem nos orientar no processo de investigação da mudança linguística. Neste estudo, não só recorreremos à metodologia de análise em tempo aparente, bem

como focalizamos no problema de restrição, ao objetivarmos analisar como a variação na concordância verbal com o pronome *nós* ocorre na comunidade em estudo.

O problema de transição busca compreender como as mudanças passam de um estágio para outro. Tendo a língua um caráter dinâmico de mudança contínua, a característica mais recorrente desse problema, segundo Faraco (2005), é o fato da mudança não acontecer de forma abrupta e, nem ocorrer uma troca simultaneamente, pois “há sempre, no processo histórico, períodos de coexistência e concorrência das formas em variação até a vitória de uma sobre a outra” (FARACO, 2005, p. 46). Dessa maneira, a mudança acontece de forma lenta, constante, gradual e regularmente, atingindo partes e não o todo da língua.

O problema de encaixamento nos mostra a correlação que existe entre a mudança e a estrutura, tanto linguística quanto social. A correlação desses dois aspectos é necessária para se ter uma visão adequada e mais abrangente das forças que condicionam e direcionam a mudança, visto que explicar a mudança a partir de uma análise estritamente linguística é insuficiente. Coelho *et al.* (2010, p. 99) pontuam que “o encaixamento pode ser observado quando estudos atestam uma correlação entre o fenômeno de mudança e a estrutura social (grupo socioeconômico, idade, sexo, escolaridade, etnia, localização geográfica)”. Nesta perspectiva, cabe ao linguista determinar o grau de correlação social existente e mostrar o peso que ela exerce sobre o sistema linguístico.

O problema de implementação ou atuação está ligado ao fato de saber como uma mudança é implementada na comunidade de fala. A explicação para a implementação pode ser encontrada a partir dos fatores linguísticos e extralinguísticos, isto é, à medida que esses condicionadores são identificados é que se encontram respostas sobre a implementação.

O problema de avaliação busca investigar como os membros da comunidade avaliam a mudança e como esta avaliação pode afetar esse processo. A avaliação acontece a partir de julgamentos sociais atribuído às formas variantes, que, segundo Labov, acontecem consciente e inconscientemente. A partir da avaliação social que recebem, as variantes são classificadas por Labov (2008) em três categorias, a saber: estereótipos, marcadores e indicadores.

1. *Estereótipos*: diz respeito aos traços linguísticos marcados de forma consciente, isto é, são percebidos facilmente pelos falantes e alvos de comentários sociais estigmatizados. Ex.: *nós fumo/ nós vévi*.
2. *Marcadores*: são traços linguísticos que correlacionam variação linguística e estilística. Ex.: o uso alternado dos pronomes *tu* e *você*.

3. *Indicadores*: correspondem aos elementos linguísticos sobre os quais há pouca força avaliativa. Ex.: couro/coro.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.124) ressaltam que “o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística”. Nesse sentido, a avaliação baseia-se em julgamentos e significados sociais atribuídos às formas linguísticas, sendo favoráveis à mudança quando gozam de prestígio social e desfavoráveis quando são estigmatizadas. O valor social atribuído as variantes podem retardar, acelerar e até impedir o processo de mudança.

Quanto ao problema de restrição, o qual focalizamos em nossa pesquisa, busca investigar quais os fatores linguísticos e sociais que se interrelacionam e condicionam a mudança. Este problema configura-se como ferramenta básica para se compreender os mecanismos da variação e mudança linguística em uma comunidade de fala.

É a partir da identificação dos fatores que agem condicionando a variação e mudança linguística que será possível explicar como a concordância verbal com o pronome *nós* é implementada nos contextos estruturais e em diferentes estratos sociais na zona rural de Pariconha-AL. Para tanto, tomamos por base o problema empírico de restrição e partimos do pressuposto de que tanto variáveis linguísticas quanto variáveis sociais condicionam o fenômeno em estudo, mostrando, assim, que a língua apresenta uma heterogeneidade ordenada.

3.3 Metodologia

A realização de uma pesquisa exige todo um cuidado e preparo por parte do pesquisador, uma vez que o despreparo e cuidados não adotados podem interferir diretamente nos resultados dos dados coletados. Para chegar aos resultados obtidos em nossa pesquisa, seguimos a metodologia da sociolinguística variacionista (TARALLO, 2003; CAMPOY; ALMEIDA, 2003; GUY; ZILLE, 2007), que dispõe de etapas criteriosas para a sistematização de uma regra variável. Dessa forma, inicialmente, delimitamos nosso objeto de estudo, em seguida, definimos a nossa comunidade de fala e seleção dos informantes, posteriormente, coletamos os dados e constituímos nossa amostra, na sequência, analisamos os dados, e por fim, realizamos a interpretação e explicação dos dados obtidos, conforme apresentamos a seguir.

3.3.1 Hipóteses e objetivos

À luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008), nossa pesquisa tem por objetivo analisar a variação na concordância verbal com pronome *nós* na zona rural do município de Pariconha- AL. Para tanto, realizamos uma análise quantitativa dos dados com o intuito de responder às seguintes questões:

- I. Há variação *nós* + *1PP* e *nós* + *3PS* no município de Pariconha?
- II. Supondo a existência de variação, qual a interferência dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos nesse processo variável?
- III. Estamos diante de uma variação estável ou mudança em curso?

Como respostas provisórias às questões formuladas, temos as seguintes hipóteses:

- I. Sendo a língua um sistema inerentemente variável, partimos do pressuposto de que há variação na concordância verbal com a forma pronominal *nós*;
- II. Tendo em vista que a variação linguística é ordenada, acreditamos que as realizações de *nós* + *1PP* e *nós* + *3PS* são condicionadas tanto por restrições linguísticas quanto por sociais;
- III. Considerando que *nós* + *1PP* é a forma selecionada na norma culta e o fenômeno da concordância tende a apresentar, nas variedades brasileiras, estigma social, acreditamos que estamos diante de uma variável estável, com a forma *nós* + *3PS* sendo caracterizada como um estereótipo linguístico.

Desse modo, para confirmar ou refutar essas hipóteses, apresentamos os objetivos específicos que norteiam esta pesquisa:

- I. Analisar se há variação na concordância verbal com o pronome *nós* na zona rural do município de Pariconha-AL;
- II. Verificar se as variáveis linguísticas: explicitude do sujeito, saliência fônica, acentuação da forma verbal, paralelismo linguístico, tempo verbal, interferem nessa variação;
- III. Verificar se as variáveis sociais sexo/gênero, faixa etária e escolaridade interferem nessa variação;
- IV. Refletir se estamos diante de um processo de variação estável ou de mudança em curso.

3.3.2 Constituição do *corpus*

3.3.2.1 A comunidade de fala

Integrada e dependente do homem, a língua constitui-se como retrato sociocultural da comunidade. Desse modo, segundo Marroquim (1934, p. 163), “antes de estudar a língua, é necessário olhar para o indivíduo que a fala, considerar o meio social em que ele se move, porque a sua linguagem há de refletir esse ambiente”. Nessa perspectiva, definir a comunidade de fala é uma etapa importante, uma vez que, segundo Labov (2008), é nela que acontece a interação entre língua e sociedade, bem como a escolha reflete na seleção dos informantes.

Dessa maneira, para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, selecionamos a comunidade de fala da zona rural do município de Pariconha (AL), e assumimos a definição proposta por Labov (2008) de que “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas, ela é bem mais definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (LABOV, 2008, p. 188).

Selecionada a zona rural do município de Pariconha, a nossa comunidade é composta por informantes que podem pertencer às seguintes localidades: Marcação, Burnil, Boi Morto, Corredores, Campo do Urubu, Mosquita, Maria Bode, Campinhos, Tanque, Melancias, Verdão, Capim, Caldeirão, Caraibeiras dos Teodósios, Queimadas, Figueiredo, Araticum, Ouricuri, Poço da Areia, Moxotó, Vieira, Tabuleiro, Serra do Engenho, Malhada Vermelha, Serra da Jurema, Serra dos Vitórios, Baixa Verde, Alto das Mangueiras e Lagoa Preta.

Apresentamos, a seguir, os aspectos históricos, geográficos e sociais da nossa comunidade de fala. Essas informações são importantes para interpretação e análise dos dados, tendo em vista que a vida social de uma comunidade opera constantemente sobre a língua.

Localizada a cerca de 314 Km da capital Maceió, a povoação do atual município de Pariconha data de meados do século XIX com a chegada das famílias Teodósio, Vieira, Viana e Felix, que se estabeleceram na região com atividades centradas na agricultura e na criação de animais. A família Teodósio estabeleceu-se às margens do rio Moxotó, na localidade denominada hoje de povoado Caraibeiras dos Teodósios, as demais, por sua vez, fixaram-se na região que hoje compreende a sede do município.

Registra-se, ainda, na história do município, que cerca de duas décadas após a chegada dos primeiros colonizadores, um grupo de índios, denominados Jeripancós, vindos da

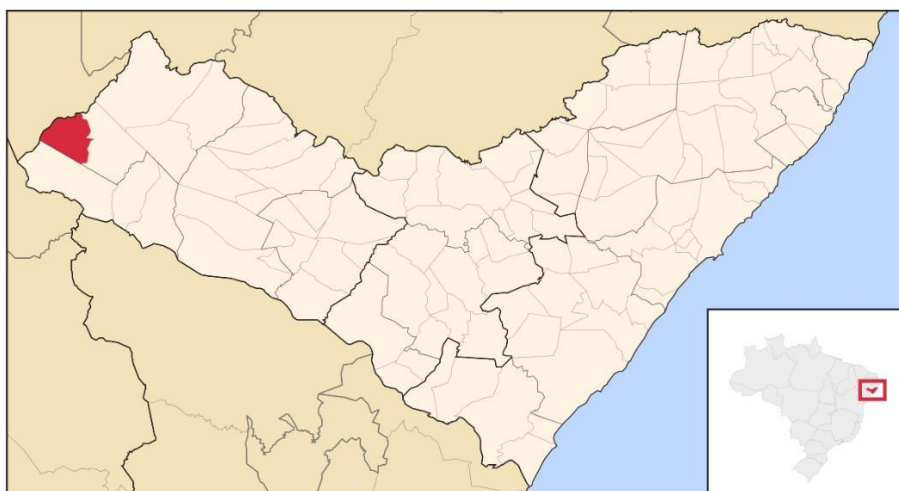
comunidade de Brejo dos Padres em Tacaratu-PE, instalou uma aldeia na Serra do Ouricuri, nas proximidades da povoação¹¹.

Pertencente, então, ao município de Água Branca, a luta pela emancipação política de Pariconha teve início no ano de 1961. Em 1962, o povoado foi elevado à categoria de distrito pela Lei 2.240 de 1ª de maio do corrente ano, entretanto, por interesses políticos e econômicos das lideranças locais da época, a emancipação foi negada. Em 1987, um grupo de pariconhenses decide reiniciar o processo, no qual foi solicitado um recenseamento da localidade e a realização de um plebiscito, neste prevaleceu o sim pela emancipação.

O município de Pariconha foi criado pela Constituição Estadual, em 5 de outubro de 1989, mas, devido à resistência de políticos água-branquenses que não aceitavam a redução do poder e de seu território, a aprovação da lei de emancipação política só veio ocorrer em 7 de abril de 1992, desmembrando-se, assim, de Água Branca. O nome da cidade, segundo a história local, inicialmente, era chamado de Par-de-conha devido a um pé de ouricurizeiro em que os frutos continham duas conhas¹², mas, com o passar do tempo, foi simplificado para Pariconha.

Em termos geográficos, o município de Pariconha está situado na mesorregião do sertão alagoano, ocupando uma área territorial de 262,15 Km², a qual se limita ao Norte com Tacaratu-PE, ao Sul com Delmiro Gouveia, ao Leste com Água Branca e ao Oeste com Jatobá-PE.

Mapa 2: Mapa de Alagoas



Fonte: Wikipédia

¹¹ As informações sobre a história do município foram extraídas do site oficial da Prefeitura de Pariconha e do Grupo Portal disponíveis respectivamente em <http://www.pariconha.al.gov.br/index.php/cidade-2/historia> e na Página do facebook Pariconha Viva.

¹² É assim que a polpa desse fruto é conhecida na região.

No que concerne aos aspectos demográficos, os dados obtidos pelo último censo (IBGE/2010)¹³ revelam que, no município, há cerca de 10.264 habitantes, dos quais 50,18% são do gênero feminino e 49,82% do gênero masculino. Essa população, majoritariamente, reside na zona rural, ou seja, são 7.468 (72,76%) pariconhenses distribuídos por aproximadamente 30 povoados/sítios, enquanto que a zona urbana concentra cerca de 2.796 moradores, que correspondem a um percentual de 27,24% da população¹⁴.

Figura 2: Cidade de Pariconha



Fonte: Facebook: Pariconha¹⁵

Pariconha também abriga em seu território comunidades de povos tradicionais indígenas e quilombolas. São cerca de 95 famílias quilombolas distribuídas em três comunidades, a saber, Burnil, Melancias e Malhada Vermelha, todas certificadas pela fundação Palmares¹⁶. A população indígena, por sua vez, recebe atendimento da Fundação Nacional do Índio - FUNAI.

Os povos indígenas do município estão divididos em três etnias: Jeripancó, Karuazu e Katokin, todas originárias da etnia Pankararu em Brejo dos Padres no município de Tacaratu-PE. A aldeia Jeripancó está localizada no povoado Ouricuri, a Karuazu entre as comunidades de Campinhos e Tanque e a aldeia Katokin no bairro Alto da Boa Vista. Essas aldeias preservam tradições, costumes e rituais, sendo que alguns desses são restritos aos membros

¹³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

¹⁴ Informações extraídas do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, baseadas no censo demográfico IBGE/2010.

¹⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/EuAmoPariconha/>

¹⁶ Responsável pela certificação de comunidades quilombolas.

internos da comunidade. Dentre as principais festividades indígenas estão: a flechada do umbu, o toré com cansação e o menino do rancho, festas que atraem muitos visitantes.

Figura 3: Ritual indígena



Fonte: Marcelo Amorim (2018)¹⁷

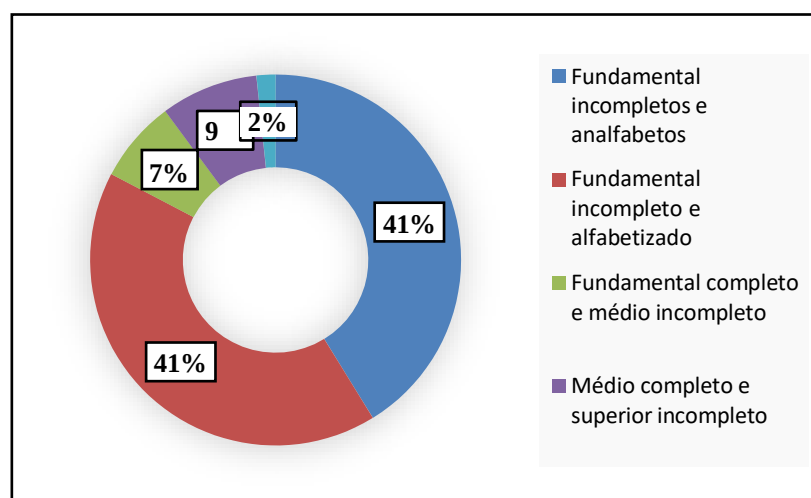
Em relação ao sistema de educação, no município, não há oferta do ensino privado, mas, dispõe de três escolas estaduais (duas localizadas na zona urbana e uma na zona rural – Aldeia Jeripancó¹⁸), e 23 escolas municipais, das quais duas (uma na zona urbana e outra no povoado Campinhos) ofertam o ensino fundamental completo e atendem aos alunos das comunidades rurais (que ofertam apenas o ensino fundamental 1, do primeiro ao quinto ano).

De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2013), em 2010, 75, 20% da população pariconhense de 6 a 17 anos estavam cursando o ensino básico com até dois anos de defasagem na relação idade-série e 3,79% dos jovens de 18 a 24 anos estavam cursando o ensino superior. A população de 25 anos ou mais apresentava percentual maior de analfabetismo e de pessoas com ensino fundamental incompleto, isso devido às gerações mais antigas que não tinham muito acesso à escola.

¹⁷ Disponível em <https://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=321041>

¹⁸ Na aldeia, funciona também um polo da UNEAL para o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena -CLIND, que oferta os cursos de Letras, Matemática, História e Geografia.

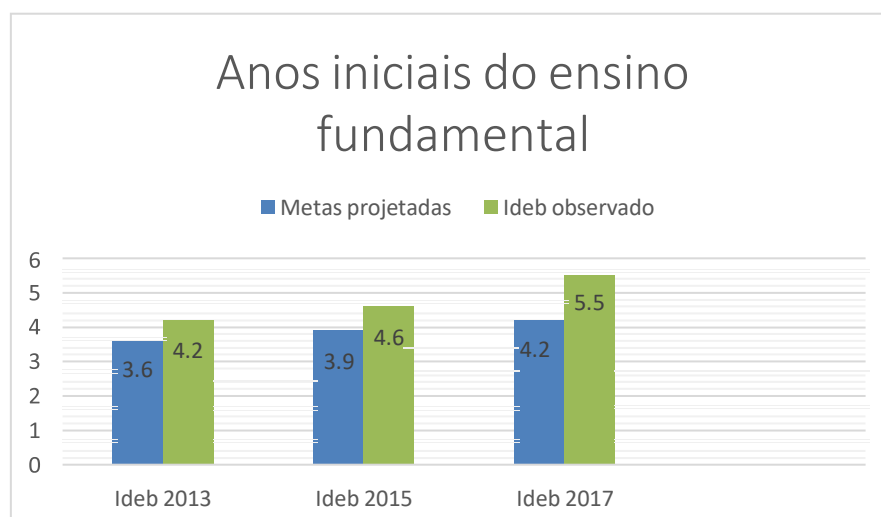
Gráfico 2: Escolaridade da população de 25 ou mais - 2010



Fonte: Adaptado de Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2013)

Em termos educacionais, o município de Pariconha vem atualmente se destacando positivamente pelo índice que vem obtendo no IDEB¹⁹. Conforme gráfico 3, para os anos iniciais, o município obteve desempenho significativo em 2017, pois ultrapassou a meta projetada para 2019 (4,5), bem como foi o único município do Alto Sertão²⁰ de Alagoas que ultrapassou a meta projetada para os anos finais (3.9), com 4,2²¹.

Gráfico 3: IDEB de Pariconha para os anos iniciais



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

¹⁹ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

²⁰ A região do Alto Sertão é composta pelos municípios de Água Branca, Canapi, Delmiro Gouveia, Inhapi, Mata Grande, Olho D'água do Casado, Pariconha e Piranhas.

²¹ Os dados referentes ao IDEB são disponibilizados pelo Ministério da Educação em <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=1374104>

As atividades econômicas desempenhadas pelos pariconhenses estão ligadas às características do município. Desse modo, por ser um município pequeno e com uma população predominantemente rural, as atividades socioeconômicas que predominam são: a agricultura, pequenos comércios e administração pública. A maioria das famílias tem suas rendas complementadas por programas e benefícios sociais do governo federal. Por não haver oportunidades de empregos, a maior parte dos jovens ao atingir a maior idade parte para os grandes centros urbanos da região Sudeste do Brasil em busca de oportunidades de trabalho.

Dentre as festividades realizadas no município, destacam-se a festa do Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da cidade, a festa da emancipação política e as tradicionais festas de padroeiros que acontecem nos sítios e povoados ao longo do ano e são animadas por cantores regionais e locais, atraindo visitantes de cidades circunvizinhas.

3.3.2.2 Seleção dos informantes e estratificação da amostra

Definida a comunidade de fala, o próximo passo foi a seleção dos informantes e a estratificação da amostra. Considerando as dimensões sociais relevantes da variação, estratificamos a nossa amostra levando em conta três variáveis: sexo/gênero (masculino/feminino), escolaridade (sem escolarização, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e faixa etária (F1 – 18 a 29 anos/ F2 – 30 a 44 anos e F3 – acima de 44 anos).

A partir do cruzamento destas variáveis ($2 \times 4 \times 3$), obtivemos um total de 24 células²². Realizada essa estratificação, consideramos dois informantes por célula, totalizando 48 informantes ($24 \times 2 = 48$) a serem entrevistados. No entanto, por diversos fatores (dificuldade de encontrar informantes com o perfil estabelecido, o momento de pandemia, respeitar a vontade do informante em não aceitar participar da pesquisa), não conseguimos fechar a amostra com as 48 entrevistas. Desse modo, constituímos uma amostra sincrônica composta por 45 entrevistas sociolinguísticas, conforme estratificação no quadro (5)²³.

²² As células sociais são subconjuntos formados pela tabulação de índices de enquadramento social dos indivíduos, isto é, pertencem a dado sexo, têm certa faixa etária, passaram (ou não) por escolarização, etc (FREITAG; LIMA, 2010).

²³ Reconhecemos que a falta dos informantes causa ortogonalidade na amostra, o que nos leva a olhar os resultados com mais cautela, principalmente na variável escolaridade.

Quadro 5: Estratificação da amostra

Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Nº de informantes
Masculino	18 a 29 anos	Sem Escolarização	X
Masculino	18 a 29 anos	Ensino Fundamental	2
Masculino	18 a 29 anos	Ensino Médio	2
Masculino	18 a 29 anos	Ensino Superior	2
Feminino	18 a 29 anos	Sem Escolarização	1
Feminino	18 a 29 anos	Ensino Fundamental	2
Feminino	18 a 29 anos	Ensino Médio	2
Feminino	18 a 29 anos	Ensino Superior	2
Masculino	30 a 44 anos	Sem Escolarização	2
Masculino	30 a 44 anos	Ensino Fundamental	2
Masculino	30 a 44 anos	Ensino Médio	2
Masculino	30 a 44 anos	Ensino Superior	2
Feminino	30 a 44 anos	Sem Escolarização	2
Feminino	30 a 44 anos	Ensino Fundamental	2
Feminino	30 a 44 anos	Ensino Médio	2
Feminino	30 a 44 anos	Ensino Superior	2
Masculino	Acima de 44 anos	Sem Escolarização	2
Masculino	Acima de 44 anos	Ensino Fundamental	2
Masculino	Acima de 44 anos	Ensino Médio	2
Masculino	Acima de 44 anos	Ensino Superior	2
Feminino	Acima de 44 anos	Sem Escolarização	2
Feminino	Acima de 44 anos	Ensino Fundamental	2
Feminino	Acima de 44 anos	Ensino Médio	2
Feminino	Acima de 44 anos	Ensino Superior	2

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Para a seleção dos informantes, adotamos o critério da amostragem aleatória, em que cada informante da comunidade tem a mesma chance de ser selecionado para participar.

Apesar de ser aleatória, a seleção de indivíduos que são potenciais falantes fornecedores de dados para investigação costuma ter algumas restrições. [...]. As restrições reduzem bastante o número de potenciais fornecedores de dados, mas, ao mesmo tempo, dão uma mínima garantia de que aqueles indivíduos selecionados são genuínos representantes da comunidade de fala a ser analisada (FREITAG; LIMA, 2010).

A fim de obtermos uma amostra representativa da comunidade em estudo, além da estratificação amostral, estabelecemos três parâmetros para a seleção dos informantes: os informantes deveriam ser pessoas nascidas e criadas nos povoados e sítios que compõem a zona rural do município de Pariconha, não tivessem se afastado desses locais por tempo superior a cinco anos, bem como não ter morado fora da comunidade durante a adolescência, tendo em vista que é nessa fase que o vernáculo é adquirido.

3.3.2.3 Coleta de dados

Delimitada a amostra, o passo seguinte foi a coleta de dados. Cientes de que toda a pesquisa envolve risco, e pautados nos princípios éticos, no respeito ao participante e na preservação de sua integridade física, moral e ética, antes de iniciarmos a coleta dos dados, submetemos o nosso projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFAL, e obtivemos aprovação com Parecer de número: 3.566.661, em setembro de 2019. Após a aprovação do nosso projeto de pesquisa pelo CEP, iniciamos a coleta dos dados.

Para tanto, como nosso objetivo era coletar a fala natural e espontânea dos informantes, isto é, o vernáculo, utilizamos o método básico proposto por Labov (2008), a entrevista individual, conhecida também como entrevista sociolinguística, que segue um roteiro previamente estabelecido, visando o direcionamento do informante para uma fala em que o mínimo de atenção é prestado à língua.

As entrevistas realizadas foram do tipo Diálogo entre informante e Documentador (DID). Para obtenção dos dados, elaboramos uma ficha social (anexo I) contendo informações dos informantes a serem entrevistados e elaboramos um questionário-guia (anexo II) com determinados temas (infância, festas tradicionais, manifestações culturais, violência, viagem, passeio, experiências pessoais, etc.). O questionário-guia, segundo Tarallo (2004), tem por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes, possibilitando, posteriormente a comparação, o controle dos tópicos de conversação e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal, experiência esta que leva o informante a ficar envolvido na narrativa, de modo que preste mais atenção *ao que* fala, deixando, assim, o vernáculo emergir.

Para tentar neutralizar a força inibidora da nossa presença na comunidade e garantir a espontaneidade dos dados, o contato com os informantes foi estabelecido por intermédio de moradores das localidades. Ao abordarmos os informantes, inicialmente não revelávamos que se tratava de uma pesquisa linguística, mas que estávamos realizando uma pesquisa com interesse em saber sobre o dia a dia da comunidade. Esse procedimento foi adotado pelo fato de que se os informantes soubessem os objetivos da pesquisa previamente iriam alterar o seu comportamento linguístico, ocasionando o chamado paradoxo do observador (LABOV, 2008), distanciando-se do vernáculo, o que poderia enviesar os resultados da pesquisa.

Após os informantes concordarem na participação, realizávamos a checagem social através do preenchimento da ficha do entrevistado e reafirmávamos diante deles o compromisso

de confidencialidade e anonimato quanto à sua identificação. Feito isso, iniciávamos a gravação das entrevistas, deixando o informante falar livremente e só interferíamos apenas para manter a interação. Ao final das entrevistas, apresentávamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), explicando os objetivos reais da pesquisa e a necessidade deles o assinarem. Também deixamos claro que caso não dessem o seu consentimento, sua entrevista seria retirada do projeto, respeitando, dessa forma, a sua vontade.

Realizadas as entrevistas, a próxima etapa foi a transcrição. Em nossa pesquisa, as transcrições foram realizadas à medida que as entrevistas eram finalizadas. Para tanto, utilizamos o programa computacional Express Scribe²⁴ e seguimos o Protocolo de Transcrição do Projeto A Língua Usada em Alagoas²⁵, de forma que todas as entrevistas tiveram transcrição ortográfica, nas quais buscamos seguir a ortografia oficial, mas também registrar as características da fala coletada, conforme exemplo (14).

(14) - foi deu uma chuvada tão grande – uma inchente qui: carregô as coisa da casa duma duma vizinha aqui tudinho – e era o raio cumeno no cento e nois cum a inxada – cavano apanhano as coisa as televisão tudo dento dagua e nois carregano as coisa e nemse toquemo qui se um raio bate na inxada nois poderia morrê - no ôto dia foi qui nois foi pensá - - pá acudi essas pessoas – L11ft2²⁶

A coleta de dados ocorreu entre outubro de 2019 e junho de 2020, com quarenta e cinco informantes. As entrevistas foram realizadas nas residências dos informantes, na maioria das vezes, no primeiro encontro ou quando da sua disponibilidade. O tempo das entrevistas foi em média de 18 minutos, totalizando cerca de 14 horas e 16 minutos de gravações. Utilizamos para gravação, um gravador digital portátil divercon.

²⁴ O programa auxilia o pesquisador na tarefa de transcrição do registro de áudio. O programa está disponível em: <https://www.baixaki.com.br/download/express-scribe.htm>.

²⁵ Responsável pelo projeto: Prof^a Dr^a Denilda Moura, da Faculdade de Letras – Universidade Federal de Alagoas.

²⁶ Para identificar o perfil do informante, utilizamos a letra L, seguida da ordem de transcrição, para o sexo/gênero usamos F (para feminino) e M (masculino). Para representar a faixa etária foi usado a letra d (18-29 anos), f (30-44 anos) e a (acima de 44 anos). A escolaridade foi representada por 0 (sem escolarização), 1 (ensino fundamental), 2 (ensino médio) e 3 (ensino superior). Mais adiante, apresentamos um quadro detalhado sobre esse sistema de codificação.

3.4 Variável dependente e variáveis independentes

Selecionar a variável dependente e as variáveis independentes constitui etapa indispensável em um estudo que visa à sistematização de uma regra variável. Tendo em vista isso, em nossa pesquisa, delimitamos como variável dependente a concordância verbal com a primeira pessoa do plural e consideramos esta como uma variável binária composta pelas variantes *nós+1PP* e *nós+3PS*, isto é, a realização do morfema de plural ou o apagamento total deste, conforme os exemplos (11) e (12). Essas variantes atuam condicionadas por grupo de fatores de ordem linguística e social, as chamadas variáveis independentes.

(11) - o que eu percebo qui atrai muinto é bebedeiras – esse negócio festas com bebedeiras com baladas danças essas coisas atrai muinto – eu num vô dizê ***nós temos*** uma como você viu uma igreja qui é linda e maravilhosa que a própria comunidade construiu /mas, mais/ assim eu já percebi qui se for pra iscolhê entre a igreja entre a ida a igreja e a e as festas da rua é as festas de danças e bebedeiras - que /mais, mas/ atrai. L11fa3

(12) - a gente vai às veis pá trabaiaá po mei do mundo ô atrás de algum arrumá um servicinho pá arrumá o pão de cada dia /mas, mais/ passei ninguém passêa não passêa os caba lá de Brasília que todo vão lá gasta vinte e três mil num:: num almoço num café da manhã ***nois quando gasta*** dez real pra nois a falta faz falta amanhã xxx isso aí é ruim pra nois. L2mt0

Para análise da variável dependente, selecionamos oito condicionadores, sendo estes internos e externos à língua e que atuam no processo de variação. Vale salientar que a sua escolha não é feita de forma aleatória, pois “é necessário ter um conhecimento sobre a variável dependente e levar em consideração também os dados linguísticos coletados e as características sociais da comunidade de fala em estudo” (SANTOS; VITÓRIO, 2011, p. 45).

Destarte, tomando como referência os estudos mencionados na segunda seção desta dissertação, selecionamos cinco grupos de fatores internos, a saber, explicitude do sujeito, saliência fônica, tempo verbal, acentuação da forma verbal e paralelismo linguístico.

A explicitude do sujeito é uma variável que vem sendo testada em vários estudos que abordam o fenômeno da concordância verbal. O controle desta variável pode indicar se determinado tipo de sujeito exerce influência na realização ou não de marcas de 1PP. Ao selecionarmos esta variável, consideramos que ela pode acontecer de duas formas: sujeito

explícito, quando ocorre a realização do sujeito, isto é, o pronome *nós* é realizado foneticamente, como em (13), e sujeito implícito ou nulo, ou ainda, desinencial, identificável a partir da desinência número-pessoal, conforme em (14).

(13)- nesse sentido assim purque a forma qui as pessoas falam aqui foi a forma qui eles digamos a cultura - - é o qui ouvem porque você sabe qui ***nós viemos*** de uma geração onde não teve istudos - - não teve orientações desse dessa falace digamos dessa forma de falá qui é errado essas coisa. L11fa3.

(14) - cada noitero já é lá naquela reunião decidido o qui fazê onde ***Ø decidimos*** é: tipo na noite da legião de Maria qui eu sou de umas das organizadora a gente vai vê a questão do padre qui a gente qué qui celebre a questão do: dos animadores cantores – sabe? L11fa3

Estudos como o de Rúbio (2012) e Silva (2018) apontam o fator sujeito implícito como favorecedor no uso da variante *nós+1PP*, com percentuais de 91,8% e 85%, respectivamente. Desse modo, considerando que, ao deixar de preencher o índice de sujeito, existe a possibilidade de resgatar a informação de número e pessoa no verbo, ao selecionarmos esta variável, partimos do pressuposto de que o sujeito implícito tende a favorecer marcas de 1PP.

No que concerne à saliência fônica, diz respeito às diferenças fonológicas existentes na relação singular e plural, no caso deste estudo, a relação entre as formas verbais de 1PP e 3PS. Essa variável tem se mostrado como um dos aspectos linguísticos mais fortemente significativos para a variação da CV. O princípio deste fator baseia-se em uma hierarquia de níveis de saliência que, segundo Antonino e Bandeira (2011)

Consiste na ideia de que entre duas formas niveladas que se opõem, é mais provável a permanência dessa oposição quando há, entre elas, uma diferenciação fônica acentuada. Contrariamente, quando há uma menos distinção, existe uma tendência a neutralizar-se a oposição e prevalecer o uso de apenas uma das formas (ANTONINO; BANDEIRA, 2011, p. 172).

Dessa forma, inúmeras pesquisas (ALMEIDA, 2006; ANTONINO; BANDEIRA, 2011; RÚBIO, 2012; FOEGER, 2014; CARMO, 2016; SILVA, 2018) têm evidenciado que quando as formas verbais são mais salientes, isto é, quando a diferença fônica é mais perceptível, maior é a frequência de realizações de marcas de plural. Assim, para esse grupo de fatores, pressupomos que a variante *nós+1PP* tende a ser favorecida quando as formas verbais são mais salientes e desfavorecida em contextos de menor saliência.

Para análise desta variável, adotamos a divisão dos níveis de saliência proposta por Rúbio (2012). Para tanto, separamos a variável em quatro fatores: saliência esdrúxula²⁷, quando a forma de P4 é proparoxítona, como podemos observar em (15); saliência mínima, quando a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical, conforme em (16); saliência média, quando ocorre uma semivogal na forma de 3PS que não ocorre na forma da 1PP e a oposição vogal/vogal-mos é tônica nas duas formas, como em (17); e saliência máxima, quando ocorre mudança no radical e a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou nas duas formas, como podemos observar no exemplo (18).

(15) - aí **nois ía** [íamos] brincá de bola de: chicote quente que nem antigamente a gente brincava muinto – de queimado e era desse jeito. L8mt0

(16) - a de São Francisco graças a Deus pra mim é uma uma bença porque é a melhó festa - - do tempo todinho qui **nois tem** [temos] quê quando chega no: no tempo da festa todo mundo é feliz. L14fa0

(17) - no ôto dia foi qui **nois foi** [fomos] pensá - - pá acudi essas pessoas. L10ft2

(18) - porque você sabe qui **nós viemos** [veio] de uma geração onde não teve estudos. L11fa3

Quanto à variável tempo verbal, Rúbio (2012) e Scherre *et al.* (2018) afirmam que há sobreposição desta com a saliência fônica. Scherre e Naro (2010) argumentam, ainda, que são variáveis fortemente significativas em análise distintas, porém, quando são controladas em uma mesma análise como fatores separados, a saliência sempre supera o tempo e modo verbal. Por sua vez, ao discutirem o papel da saliência fônica e do tempo verbal quando controlados distintamente, Naro, Gorski e Fernandes (1999) afirmam que o que se pode ver “é um progressivo enfraquecimento da força da oposição da saliência, com um aumento concomitante do tempo” (apud SCHERRE *et al.*; 2018, p.431), e que *-mos* aparentemente está sendo reanalisado como marca de pretérito.

Foeger (2014), ao estudar a CV com 1PP na zona rural de Santa Leopoldina/ES, mostra que a variável tempo verbal foi estatisticamente significativa e que a reanálise de *-mos* como marca de pretérito realmente se dar. A autora constatou que, no pretérito imperfeito e no pretérito perfeito, não há variação, uma vez que, para o primeiro, a não concordância é quase categórica (99,6%), e, para o segundo, a aplicação da regra padrão é de 99,7%. Assim, para a variável tempo verbal, em Santa Leopoldina, a variação na CV com pronome *nós* só acontece

²⁷ *Esdrúxulo* tem como sinônimo *esquisito*, *extravagante*, *excêntrico*; além desses, apresenta também como sinônimo (em desuso) *proparoxítono*, acepções que nos levaram à denominação dessa categoria de saliência (RÚBIO, 2012, p. 171).

no tempo presente, com 40,4% de *-mos*. Os estudos de Carmo (2016) e Benfica (2016) também apontam o tempo pretérito perfeito como favorecedor da variante padrão.

Nesse contexto, selecionamos a variável tempo verbal (modos indicativo e subjuntivo) a fim de verificar quais tempos verbais condicionam o uso da CV na zona rural de Pariconha. Consideramos para o controle desta variável quatro fatores: presente, como podemos observar em (19), pretérito perfeito, como em (20), pretérito imperfeito, como em (21), e infinitivo pessoal/futuro²⁸, como em (22). Para esta variável, pressupomos que a marca de 1PP seja favorecida pelo tempo pretérito perfeito.

(19) hoje **nós num queremos** eu qui moro aqui no município de Pariconha num quero nem í a Pariconha a pé. L3fa3

(20) assim pelo falá dos /mais, mas/ véi pelas pesquisa qui **nois fizemo** é: a Marcação sugiu através duns sinhores qui vinham – abandonado aí – da seca. L20mt3

(21) com certeza hoje os jove é: tem tem muintos direito faiz o qui bem qué a realidade é essa e antigamente **nois num fazia** isso. L20mt3

(22) é: purque é:: o jeito do:: dos pessual falá né aí já vem a:: a tradição de **nois falá** já assim. L17ft1

A variável acentuação da forma verbal diz respeito à classificação das formas verbais em relação à posição da sílaba tônica, isto é, em oxítone, paroxítone e proparoxítone. No que diz respeito à acentuação, vale ressaltar que, na língua portuguesa, há uma tendência de predomínio de palavras oxítonas e paroxítonas (cf. CÂMARA JR., 2004), a classe das palavras proparoxítonas, por sua vez, é menor e tende a sofrer a síncope, ou seja, redução pela supressão de um segmento postônico, tornando-se, assim, paroxítone.

Baseados em Zilles et al. (2000) e Pereira (2004), que apontam a variável acentuação da forma verbal como fator decisivo no condicionamento da concordância, para análise desta variável, estabelecemos dois fatores, a saber, formas verbais paroxítonas, como podemos observar em (23) e formas verbais proparoxítonas, conforme em (24).

(23) - nesse caso **nós tivemos** oportunidade de aprender tá intendeno? L3fa3

²⁸ Devido às poucas ocorrências, resolvemos amalgamá-los.

(24) - é: digamos se **nós tínhamos** três dias ou quatro dias de formação um dia ela tirava pra gente fazê uma atividade cultural. L11fa3

Partindo do pressuposto de que, na língua portuguesa, os falantes parecem evitar formas verbais proparoxítonas, a nossa hipótese para esta variável é a de que formas verbais paroxítonas favorecem a CV de 1PP, enquanto que as proparoxítonas desfavorecem.

Quanto ao paralelismo linguístico, Scherre e Naro (1993) mostram que ele desempenha papel central no uso das marcas linguística, em particular, no fenômeno da concordância. Esse fator consiste na “repetição das variantes de uma mesma variável dependente no discurso” (SCHERRE, 1998, p.30), ou seja, diz respeito a uma tendência de formas gramaticais semelhantes serem repetidas em uma sequência discursiva. Desse modo, em relação à CV, o princípio do paralelismo linguístico é de que

Verbo precedente – referente ao mesmo sujeito ou a sujeito do mesmo campo semântico – com variante explícita favorece verbo subsequente igualmente marcado, enquanto verbo com variante zero favorece verbo com variante zero (SCHERRE, 1998, p.35).

Para análise desta variável, consideramos quatro fatores: forma isolada, quando ocorre apenas uma das variantes na sentença, como em (25) e (26); primeira da série, que é a primeira realização da variante da sequência, como em (27) e (28); verbo anterior com marca de 1PP, quando a forma verbal anterior apresenta marca de *-mos*, como em (29); e verbo anterior sem marca de plural, quando a forma verbal anterior apresenta marca zero, como em (30).

(25) fosse caso deu – dizê **nois vamo** simbora pa ôto lugá eu ía. L7fd0

(26) agora **nois divia** tê uma farmaça aqui no tainque (risos). L7fd0

(27) **nós brincávamos** de bonecas qui num era muinto bem num era bem bonecas dessas como *nós temos* hoje. L11fa3

(28) a festa daqui é uma festa boa – bem organizada dá muito trabaio qui a dificuldade é grande né /mas, mais/ **nois consegue** cum fé em Deus e nossa sinhora *nois dêxa* nois faz uma festa bem bunita. L13ft1

(29) **nois tamo** veno aí qui a nossa cidade **temos** dois policial distacano numa cidade cum onze mil habitante. L20mt3

(30) a nossa iscola fechô né /mas, mais/ **nois tem** a iscola de Pariconha **tem** os onibu qui vem pegá o pessoal. L24fa2

Partindo do princípio do paralelismo, acreditamos que a presença de marcas de 1PP na forma verbal anterior tendem a exercer influência de marcas sobre as formas seguintes, favorecendo a variante *nós+1PP*, mantendo, desta forma, o paralelismo linguístico.

As variáveis linguísticas não agem sozinhas, como aponta Mollica (2010), elas operam em correlação com as variáveis sociais, para assim, favorecerem ou inibirem o emprego das formas variantes. Desse modo, na dimensão externa da língua, selecionamos três grupos de fatores, são eles: sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

A variável sexo/gênero é um dos grupos de fatores de condicionamento linguístico que influencia nas escolhas linguísticas. Testada frequentemente nos estudos de cunho variacionista, esta variável tem se mostrado importante pelo fato de que homens e mulheres fazem usos linguísticos diferentes. As diferenças mais evidentes, segundo Paiva (2010), encontram-se no nível lexical, uma vez que estudos sociolinguísticos apontam que as mulheres demonstram maior preferência por variantes mais prestigiadas socialmente. Outro ponto a destacar a respeito desta variável é que a escolha ou ocorrência entre uma ou outra variante está associada também aos papéis sociais assumidos pelos falantes dentro da comunidade. Para controlar esta variável, consideramos dois fatores, a saber: masculino e feminino.

Contrário ao que aponta os estudos sociolinguísticos, a nossa hipótese para esta variável é de que, na zona rural de Pariconha, são os homens quem mais favorecem a variante *nós+1PP*, tendo em vista que, comumente, são eles quem se deslocam para os centros urbanos em busca de trabalho, tendo, desta forma, mais contato com a variante padrão.

Em relação à variável faixa etária, nos estudos sociolinguísticos, tem se mostrado um importante condicionador nos usos da linguagem. O controle desta variável torna possível o conhecimento de como as variantes estão distribuídas na comunidade, e nos permite identificar, a partir das diferenças linguísticas existentes entre pessoas de gerações diferentes, se estamos diante de uma variação estável ou de uma mudança em curso.

Para esta variável, delimitamos três faixas etárias: F1 – 18 a 29 anos, F2 – 30 a 44 anos e F3 – acima de 44 anos e pressupomos que a variante *nós+3PS* será mais frequente na fala das pessoas mais jovens, mas não acreditamos que estamos diante de uma mudança em curso, tendo em vista que parece haver estigma no uso dessa variante.

Quanto à variável escolaridade, consideramos como fator significativo que exerce influência sobre a língua, de modo que à medida que os falantes passam a frequentar a escola,

esta passa a gerar mudanças na fala desses falantes, agindo principalmente como preservadora das formas de prestígio social.

No que concerne à CV com 1PP, estudos sociolinguísticos (ZILLES *et al.*; 2000; PEREIRA, 2004; RUBIO, 2012; MATTOS, 2013; BENFICA, 2016; SILVA, 2018) apontam que a variante padrão tende a ser usada por falantes mais escolarizados, enquanto que a variante de menor prestígio tende a ser usada pelo menos escolarizados. Dessa forma, para o controle da escolaridade, estabelecemos quatro fatores, a saber: sem escolarização, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Tendo em vista que, no português brasileiro, a não concordância verbal com 1PP tende a ser avaliada negativamente e é socialmente estigmatizada acreditamos que a variante *nós+1PP* será mais frequente na fala de pessoas que possuem maior nível de escolarização.

3.4.1 Rodada no GoldVarb X

Para chegar ao entendimento da sistematicidade da variação e dos eventuais processos de mudança linguística, a Sociolinguística Laboviana se vale também da estatística, para assim, “revelar tendências e correlações inerentes na massa de dados linguísticos e validá-las, dentro de um determinado grau de certeza” (SCHERRE; NARO, 2010, p.176). Assim, por operar com números, probabilidade e por dar tratamento estatístico aos dados coletados, é chamada também de Sociolinguística Quantitativa.

Para realizar a quantificação dos dados coletados e chegar aos resultados estatísticos, em nossa pesquisa, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que verifica o efeito relativo que cada fator exerce sobre a variável estudada. Para calcular esse efeito, o programa usa a medida probabilística do peso relativo (PR), com valores que vão de 0.0 a 1.0, sendo que valores próximos a 1.0 revelam como favorável à aplicação da regra, e valores próximos a 0.0 demonstram pouco favorecimento, pesos relativos próximo a 0.5, por sua vez, apontam neutralidade.

Para tanto, antes de executarmos a rodada no programa, fizemos a análise da amostra, fazendo o levantamento de todas as ocorrências de concordância verbal com o pronome *nós*. Feito isto, partimos para codificação dos dados, essa etapa é importante, uma vez que possibilita sistematizar todas as ocorrências do fenômeno variável, e também pelo fato do programa trabalhar somente com a leitura de códigos. Desse modo, atribuímos símbolos tanto para a variável dependente quanto para as variáveis linguísticas e sociais, conforme quadro 6.

Quadro 6: Variáveis controladas e códigos atribuídos

VARIÁVEIS	CODIGOS ATRIBUÍDOS
1. Variável dependente	Nós + 1PP – 1 Nós + 3PS – 0
Variáveis independentes:	
2. Sexo/Gênero	Masculino – m Feminino – f
3. Faixa etária	F1 (18 a 29 anos) – d F2 (30 a 44 anos) – t F3 (acima de 44 anos) – a
4. Escolaridade	E0 (sem escolarização) – 0 E1 (ensino fundamental) – 1 E2 (ensino médio) – 2 E3 (ensino superior) – 3
5. Explicitude do sujeito	Explícito – 1 Implícito – 0
6. Saliência fônica	Esdruxúla – a Mínima – b Média – c Máxima – d
7. Acentuação da forma verbal	Paroxítona – p Proparoxítona – P
8. Tempo e modo verbal	Presente – h Pretérito perfeito – o Pretérito imperfeito – j Infinito pessoal/futuro- i
9. Paralelismo linguístico	Forma isolada – u Primeira referência – r Verbo anterior com marca de 1PP – c Verbo anterior sem marca de plural – s

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A atribuição deste sistema de codificação deu-se da seguinte maneira: uma ocorrência como – *Nordeste mesmo qui **nois fala** tudo assim né* – L18 – foi codificada da seguinte forma

(*0fa11bphu*, sendo que *0* indica que a variante usada foi *nós+3PS*, *f* que o falante é do sexo feminino, *a* que tem idade acima de 44 anos, *1* que a escolaridade é ensino fundamental, *1* que o sujeito está explícito, *b* que a saliência é mínima, *p* que a forma verbal é paroxítona, *h* que o tempo é presente, e *u* que a forma é isolada. Codificamos 263 realizações de CV com P4.

Realizada a codificação, submetemos os dados à análise quantitativa. Após o processamento dos dados, o programa nos forneceu as porcentagens e pesos relativos dos fatores para variável em estudo, apontando quais grupos de fatores selecionados na pesquisa foram mais favoráveis ou não à realização da concordância. No que concerne aos valores obtidos, é importante ressaltar que “não respondem diretamente as perguntas que motivaram a pesquisa, mas funcionam apenas como uma espécie de direção para se chegar até elas”. (BRESCANCINI, 2002, p.24). Desse modo, cabe ao pesquisador analisar, interpretar e explicar os resultados gerados pelo programa.

3.4.2 Dados não considerados

Com o objetivo de garantir resultados confiáveis e evitar o enviesamento dos dados, em nossa análise, optamos por não considerar as seguintes ocorrências: formas desinenciais de 1PP sem pronome explícito em contexto anterior, como em (31); expressões cristalizadas, como em (32), (33) e (34); expressões de caráter convidativo, como em (35).

(31) - eu acho qui isso já vem das raízes do dos iscravos – essa linguagem que **usamos** aqui no istado de Alagoas e no Brasil é da épuca dos iscravo derde os escravos. L1

(32) - sim – muinta liberdade - -purque antigamente – é:: - **vamo supô** eu só saía pruma festa se fosse acompanhado do meu pai ô da minha mãe. L9

(33) - melhorô – não cem pu cento que cem pu cento era fazê um asfalto bom né /mas, mais/ **vamo dizê** uns setenta oitenta pu cento né – de antigamente (risos) melhorô. L4

(34) - as ações qui ele faz diante da da educação como você vê esses cortes a: **digamos** - - as ironias qui ele solta diante da educação. L11

(35) - eu lembro qui antes quando as criança se encontrava era prá brincare **vamos** brincá disso **vamos** brincá daquilo não tinham brinquedo /mas, mais/ formava os brinquedos.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos a descrição e análise dos dados relativos à concordância verbal com 1PP na zona rural de Pariconha/AL. Inicialmente, mostramos os resultados da análise quantitativa da variável dependente, cujas variantes são as formas *nós + 1PP* e *nós + 3PS*, em seguida, apresentamos os resultados das variáveis selecionadas como estatisticamente significativas, a saber, escolaridade, tempo verbal, paralelismo linguístico e saliência fônica. Por fim, expomos as variáveis acentuação da forma verbal, explicitude do sujeito, faixa etária e sexo/gênero, descartadas pelo programa GoldVarb X como estatisticamente não significativas na variação em estudo.

4.1 Variável dependente

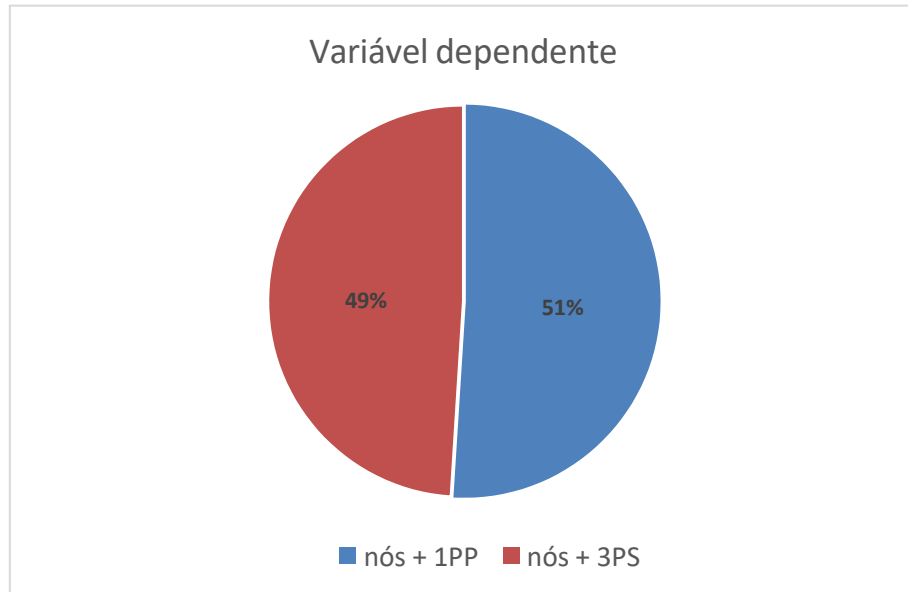
Como já exposto na seção anterior, neste trabalho, delimitamos a concordância verbal com o pronome *nós* como variável dependente, considerando-a como regra variável binária. Seguindo, então, todas as etapas da pesquisa sociolinguística, após a análise e rodada dos dados no programa computacional GoldVarb X, obtivemos um total de 263 ocorrências de concordância verbal, com ou sem marca de plural, conforme exemplificado em (36) e (37).

(36) - na língua portuguesa português é errado /mas, mais/ /mas, mais/ assim é uma tradição uma cultura onde todos **nois intendemos** o qui se ixpressa a palavra qui se fala. L43mt2

(37) - a festa de nossa senhora nossa senhora das dores padroeira dessa comunidade- qui há /mais,mas/ de cento e vinte anos **nois festeja** ela. L38ma1

Das 263 ocorrências analisadas, 135 realizações foram de *nós + 1PP* e 128 realizações de *nós + 3PS*. Esses dados correspondem a percentuais de 51% de aplicação do morfema padrão e 49% de apagamento, isto é, da forma *nós + 3PS*, bem como mostram que, para realização de concordância verbal, na zona rural de Pariconha, há uma competição acirrada entre as variantes, com leve predomínio da variante *nós + 1PP*, como observamos no gráfico 4.

Gráfico 4: Percentual da concordância verbal com 1PP na zona rural de Pariconha



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Tendo em vista os resultados encontrados e considerando que a CV com 1PP pode ocorrer ainda com os alomorfes²⁹ *-mo* e *-emo*³⁰, como podemos observar em (38) e (39), resolvemos então testar a frequência dessas realizações na comunidade em estudo, a fim de verificar como se dá essa distribuição. Para tanto, realizamos uma rodada a parte no programa GoldVarb X e obtivemos os seguintes resultados, conforme observado no gráfico 5.

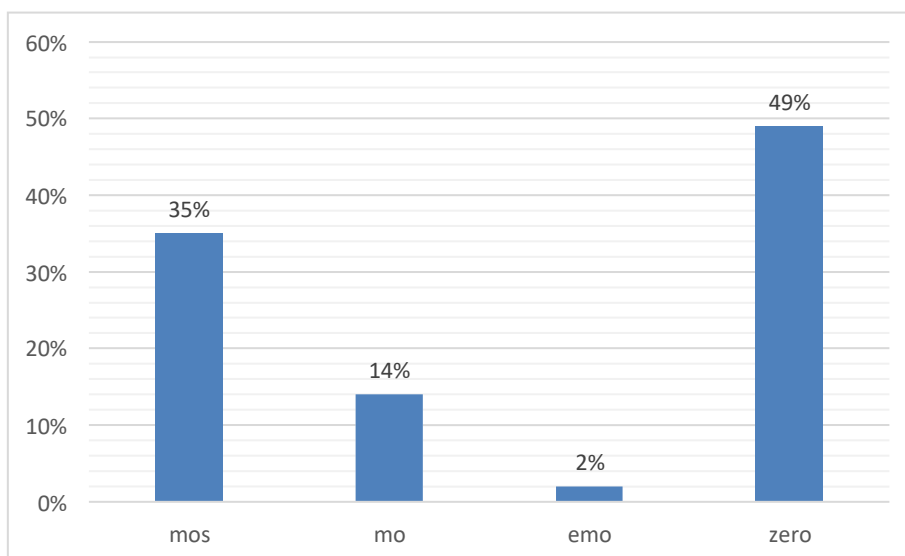
(38) - é a população nois participa aqui da semana santa sexta fêra da paixão qui vem os pessual de fora pá participá **nois vamo** prás procissão – aí incontra ôtos povoado nois tudo se reuni. L17ft1

(39) - eu já vim pra cá já era grandona né pra cá não fui pos Campinho /mais,mas/ minha vó de lá minha vó morava lá e **nois fiquemo** lá aí minha vó morreu. L33fa0

²⁹ São as diferentes formas de um mesmo morfema.

³⁰ Há também o *-imo*, porém, em nossa amostra não houve realizações deste.

Gráfico 5: Percentuais de concordância verbal com 1PP conforme a marca morfêmica



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Conforme os resultados acima, ao fazer o desmembramento dos alomorfes do morfema de primeira pessoa do plural, verificamos uma frequência de 35% para o morfema *-mos*, 14% para o alomorfe *-mo* e 2% para *-emo*. A partir desses dados, notamos que, dentre os três alomorfes, o *-mos* é mais usado na comunidade em estudo. No entanto, se considerarmos o uso das quatro variantes separadamente, podemos constatar que a ausência do morfema é mais frequente na comunidade, com percentual de 49%.

4.2 Variáveis estatisticamente significativas

Comprovado o comportamento variável da CV com 1PP na comunidade, apresentamos a seguir nossa análise dos fatores linguísticos e sociais que condicionam o uso de cada uma das variantes. Dos oito grupos de fatores controlados para analisar as ocorrências de *nós+1PP* e *nós+3PS* na fala dos moradores da zona rural de Pariconha, quatro foram considerados estatisticamente significativos pelo programa computacional GoldVarb X. Por ordem de relevância, são eles: escolaridade, tempo verbal, paralelismo linguístico e saliência fônica.

4.2.1 Escolaridade

A escolaridade foi apresentada pelo programa GoldVarb X como sendo a variável estatisticamente mais significativa para o fenômeno da CV no *corpus* em estudo. Atuante como preservadora das formas de prestígio social, a escola veicula, na maioria das vezes, a ideia de

homogeneidade linguística, de forma que assume uma certa variedade linguística como única, excluindo as demais. Seleccionada frequentemente nos estudos sociolinguísticos para os diferentes fenômenos investigados, a atuação desse grupo de fatores tem demonstrado que a escola “incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e escrever” (VOTRE, 2012, p. 51), principalmente, no que concerne a fenômenos estigmatizados, como a não realização de CV com pronome *nós*, como em (40).

(40) - bom o dia a dia aqui é o seguinte aqui **nois vévi** da roça da agricultura né - o dia a dia cada um amanhece tem seus qui fazê né vai pá sua roça ôtos vai dá de cumê a seus bicho e assim vai sobreviveno. L22mt1

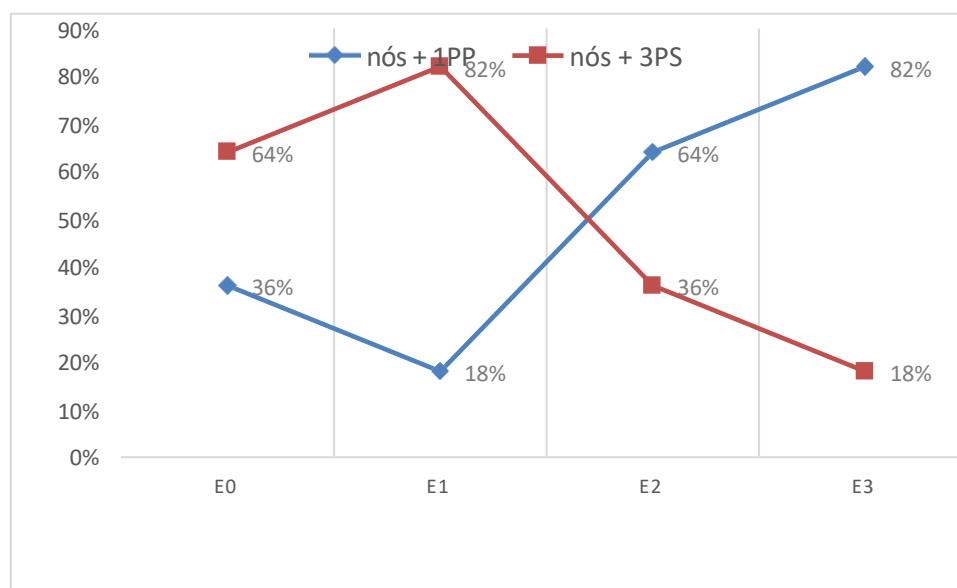
Ao selecionarmos a variável escolaridade, buscamos analisar os seguintes fatores: sem escolarização (E0), ensino fundamental (E1), ensino médio (E2) e ensino superior (E3), e partimos do pressuposto de que a variante *nós+1PP* será mais frequente na fala dos informantes que possuem maior nível de escolarização. Os resultados podem ser visualizados na tabela 6 e no gráfico 6³¹.

Tabela 6: Realizações de *nós + 1PP* e *nós + 3PS* em relação à escolaridade

Fatores	Nós + 1PP			Nós + 3PS		
	Total/Oc.	Per.	Pr.	Total/Oc.	Per.	PR.
Sem Escolarização	33/12	36%	.21	33/21	64%	.79
Ensino Fundamental	83/15	18%	.19	83/68	82%	.81
Ensino Médio	73/47	64%	.64	73/26	36%	.36
Ensino Superior	74/61	82%	.85	74/13	18%	.15

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

³¹ Reconhecemos que a falta dos três informantes sem escolarização pode ter provocado uma diminuição no uso da variante *nós+3PS* nos informantes não escolarizados, o que pode ter gerado 64%, percentual menor que os informantes com ensino fundamental.

Gráfico 6: Percentuais de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme a escolaridade

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

A partir dos dados obtidos, verificamos que os informantes sem escolarização e os que possuem ensino fundamental mostraram-se favorecedores da variante *nós+3PS*, com frequências de uso de 64% e 82%, e pesos relativos de .79 e .81, respectivamente. Os informantes com ensino médio e ensino superior, por sua vez, desfavorecem o seu uso, uma vez que a probabilidade desses informantes é de .36 e .15, respectivamente. Embora demonstrem desfavorecimento, o peso de .36 para os informantes do ensino médio, revela que o uso de *nós+3PS* na comunidade em estudo não se restringe apenas aos menos escolarizados.

No que diz respeito à variante *nós+1PP*, constatamos que são os fatores ensino médio (.64 de peso relativo) e ensino superior (.85 de peso relativo) que condicionam o seu uso, com frequência de 64% e 82%, respectivamente, como observamos no gráfico 6. Essas frequências mostram a correlação existente entre o maior nível de escolaridade e a realização dessa variante, ratificando, assim, a nossa hipótese de que, na zona rural de Pariconha, são os informantes mais escolarizados que fazem mais usos da variante de prestígio social.

Diante destes resultados, observamos que, de forma geral, na comunidade em estudo, a variante *nós+3PS* é mais frequente na fala dos informantes menos escolarizados (sem escolarização e ensino fundamental), enquanto que *nós+1PP* é a forma preferida entre os informantes com maior nível de escolarização (ensino médio e ensino superior). Dessa forma, podemos depreender que à medida que aumenta o nível de escolarização, aumenta também o uso da variante *nós+1PP* por parte dos falantes, visto que eles “se apropriam da norma culta e não querem se sentir socialmente desprestigiados” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 93).

4.2.2 Tempo verbal

O tempo verbal foi a segunda variável estatisticamente significativa selecionada pelo programa. O controle deste grupo de fatores foi embasado nos estudos de Carmo (2016) , Benfica (2016) e Foeger (2014). Em seus resultados, Foeger (2014) demonstra que, na zona rural de Santa Leopoldina/ES, o morfema *-mos* está se especializando como marca de pretérito perfeito, para desfazer a ambiguidade que há com o tempo presente, como exemplificado em (41) e (42). Tomando por base esses trabalhos, a nossa hipótese para essa variável é de que o pretérito perfeito é quem mais favorece o uso da variante *nós+1PP*.

(41) - ***nós mulheres conseguimos*** nossa liberdade. L3fa3 (Pretérito perfeito)

(42) - a festa daqui é uma festa boa – bem organizada dá muito trabaio qui a dificuldade é grande né /mas, mais/ ***nois consegue*** cum fé em Deus e nossa sinhora. L13ft1 (Presente).

Consideramos para análise desta variável os modos indicativo e subjuntivo, e selecionamos quatro fatores, a saber, presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e infinitivo pessoal/futuro, como em (43), (44), (45) e (46), respectivamente. Os resultados obtidos estão apresentados na tabela 7 e no gráfico 7.

(43) - tradição – sexta fêra santa - - ***nois sempre fazemos*** nossa caminhada sexta fêra santa é:: épuca do natal também. L16fd2

(44) - é no caso desse ***nois corremo*** risco nesse nessa parte desse assalto quê era a gente na frente dum revolve eu meu irmão meu pai intão foi o risco maió queu sofri né. L14fa0

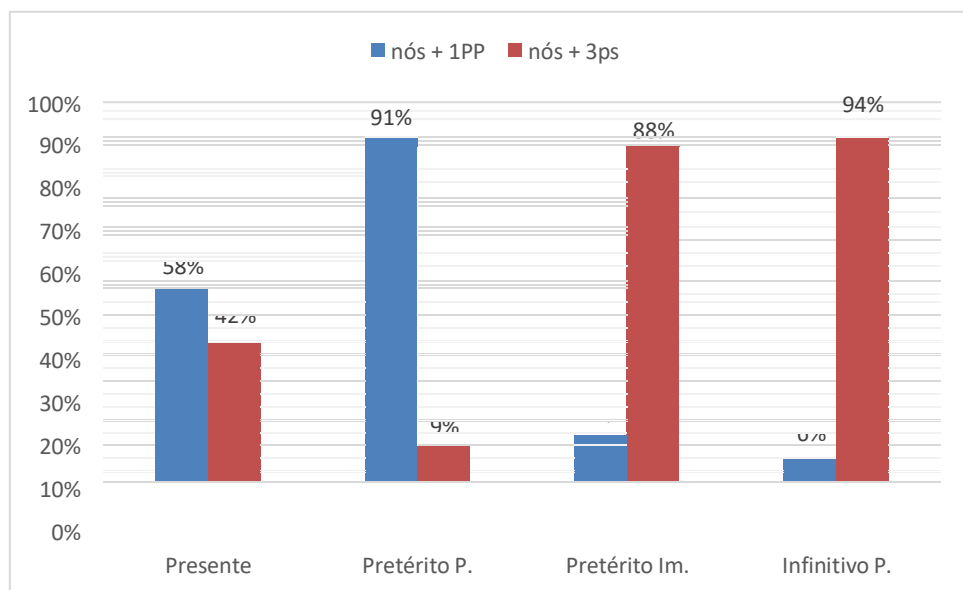
(45) - ***nós íamos*** prá igreja em Pariconha foi em Pariconha isso e daí tinha um home parado na moto e vinha uns boi daí na realidade minha vó pensô qui esses boi o home estava falando em relação aos boi qui vinha /mas, mais/ ele estava dando voz de assalto. L16fd2

(46) - isso aí ele tá erradíssimo porque se ele tá fazeno isso ele num tá fazeno a lição de casa porque pela educação e a valorização dos professores que ***nós iremos*** melhorá o nosso país. L3fa3

Tabela 7: Realizações de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme o tempo verbal

Fatores	Nós + 1PP			Nós + 3PS		
	Total/OC.	Per.	Pr.	Total/Oc.	Per.	Pr.
Presente	173/100	58%	.57	173/73	42%	.43
Pretérito perfeito	32/29	91%	.60	32/3	9%	.40
Pretérito imperfeito	42/5	12%	.42	42/37	88%	.58
Infinitivo pessoal	16/	6%	.05	16/15	94%	.95

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Gráfico 7: Percentuais de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme o tempo verbal

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Verificamos, a partir dos dados expostos acima, que a CV com 1PP na zona rural de Pariconha é favorecida nos dois tempos verbais (pretérito perfeito e presente). No entanto, o fator pretérito perfeito favorece bem mais a aplicação de concordância, com percentual de 91% de realizações e peso relativo de .60, confirmando, dessa forma, a nossa hipótese. Esse resultado também confirma a descrição de Foeger (2014) que mostra que o morfema *-mos* está se especializando como marca de pretérito perfeito, para desfazer a ambiguidade que há com o tempo presente.

4.2.3 Paralelismo linguístico

Selecionada como a terceira variável estatisticamente significativa, o paralelismo linguístico, segundo Scherre e Naro (1993), desempenha papel central no fenômeno da

concordância. Esse fator consiste na ideia de que formas gramaticais semelhantes tendem a se repetir em uma sequência discursiva, de modo que as marcas precedentes tendem a regular as realizações seguintes. Partindo deste princípio, a nossa hipótese é a de que a variante *nós+1PP* seja favorecida quando a forma verbal anterior apresentar marcas de 1PP.

Para análise desta variável, foram controlados quatro fatores: forma isolada, quando na sentença ocorre apenas uma das variantes, como exemplificado em (47) e (48); primeira da série, quando não há citação anterior, como em (49) e (50), verbo anterior com marca de 1PP, quando a forma verbal anterior apresenta o morfema *-mos*, como em (51); e verbo anterior sem marca de plural, quando a forma verbal apresentar marca zero, como em (52). Os resultados obtidos estão apresentados na tabela 8 e no gráfico 9.

(47) - em termos de violência até qui num é tão - - porque graças a Deus a gente vive aqui numa vida /mais, mas/ sussegada - - **nós temos** assim: o nosso município vira e mexe acontece né porque cê sabe qui ne todo lugá tem gente ruim. L11fa3

(48) - tem não qui isso daí isso daí já vem de criança **nois aprende** já nisso já falano essas coisa - - esses nome. L17ft1

(49) - hoje o qui disagrada muinto é a falta de imprego qui a gente num tem essa oportunidade às vezes **nós terminamos** os istudo /mas, mais/ não temos oportunidade de arrumá um imprego aí isso aí isso aí dificulta muito. L25ft2

(50) - antigamente **nois trabaia**va muinto e:: *saia* pôco qui num *tinha* pá onde saí nera não tinha nérgia na:: na época no meu tempo ainda ainda não tinha inérgia no meu tempo. L38ma1

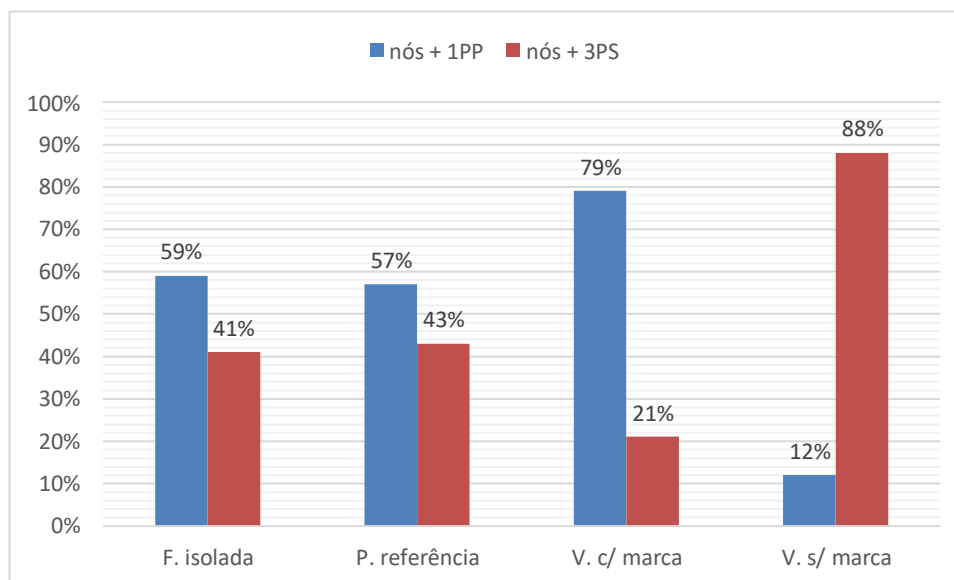
(51) - a festa do padruero? pronto qui é uma tradição qui todo ano **nois temo** a festinha do padruero qui é dia quato de ôtubro – né e *temos* a ôta festa qui a gente faz de novo po padruero também - qui é a festa fora de época né qué agora ne dezembro. L24fa2

(52) o jeito de nossa convivência de falá qui **nois gosta** de falá aí nois num *pode* xxx nois já *fala* assim essas coisa assim nois num *pode* falá ôtas coisa já é o jeito que nois fala

Tabela 8: Realizações de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme o paralelismo linguístico

Fatores	Nós + 1PP			Nós + 3PS		
	Total/Oc.	Per.	Pr.	Total/Oc.	Per.	Pr.
Forma isolada	70/41	59%	.62	70/29	41%	.38
Primeira referência	63/36	57%	.69	63/27	43%	.31
Verbo anterior c/ marca 1PP	63/50	79%	.70	63/13	21%	.30
Verbo anterior s/ marca 1PP	67/8	12%	.12	67/59	88%	.88

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Gráfico 8: Percentuais de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme o paralelismo linguístico

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Ao analisarmos a tabela 8 e o gráfico 8, verificamos que os fatores: primeira referência (com frequência de 57% e peso relativo de .62) e forma isolada (com frequência de 59% e peso relativo de .69) tendem a condicionar o uso da variante *nós+1PP*. No entanto, o condicionamento maior é exercido quando verbo anterior apresenta marca de 1PP, elevando a probabilidade de aplicação do morfema *-mos* para 79% e peso relativo de .70. Contrariamente, quando a forma verbal anterior não é marcada, há favorecimento da variante *nós+3PS*, com peso relativo de .88 e 88% de frequência.

De modo geral, podemos notar, através dos dados expostos, que os resultados obtidos estão em consonância com o princípio do paralelismo linguístico, isto é, de que marcas tendem a levar a marcas, e zero tendem a levar a zero (SCHERRE; NARO, 1993), confirmando, dessa forma, a nossa hipótese de que a variante *nós+1PP* é mais usada quando a forma verbal anterior apresenta marca de P4. Esses dados também corroboram os trabalhos de Pereira (2004), Antonino e Bandeira (2011) e Rúbio (2012), que apontam o paralelismo linguístico como favorecedor do uso da variante padrão.

4.2.4 Saliência fônica

A saliência fônica foi a última variável estatisticamente significativa na variação em estudo. Esse grupo de fatores tem sido importante para explicar a variação na concordância verbal, visto que, a depender do grau de saliência existente entre as formas verbais singular e plural, pode ocorrer mudança completa no radical da palavra quanto à marca de pluralidade. Baseados em Almeida (2006), Rúbio (2012) e Silva (2018), partimos do pressuposto de que a frequência de aplicação de concordância é maior quando as formas verbais são mais salientes (média e máxima), e desfavorecida em contextos de menos saliência (esdrúxula e mínima).

Para o controle desta variável, adotamos a divisão dos níveis de saliência proposta por Rúbio (2012), que compreende quatro fatores: saliência esdrúxula, quando a forma verbal é proparoxítona, como em (53); saliência mínima, quando a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical, como em (54); saliência média, quando ocorre uma semivogal na forma de 3PS que não ocorre na forma da 1PP, como em (55); e saliência máxima, quando ocorre mudança no radical e a oposição vogal/vogal-mos em tônica em uma ou nas duas formas, como em (56). Os resultados obtidos estão apresentados na tabela 9 e no gráfico 10.

(53) - ah a festa era muinto boa e quê vê boa era de manhã quando já tinha tomado umas duas que **nois ficava** [*ficávamos*] nas festa até seis hora sete hora da manhã. L8mt0

(54) - eu me responsabilizo de pidí as ajuda né os povo nas comunidade aqui perto mermo só aqui nas vizinha - - aí vende eu mermo faço **nois faz** [*fazemos*] da: paga os zabumbero compra os fogo dá cumida. L13ft1

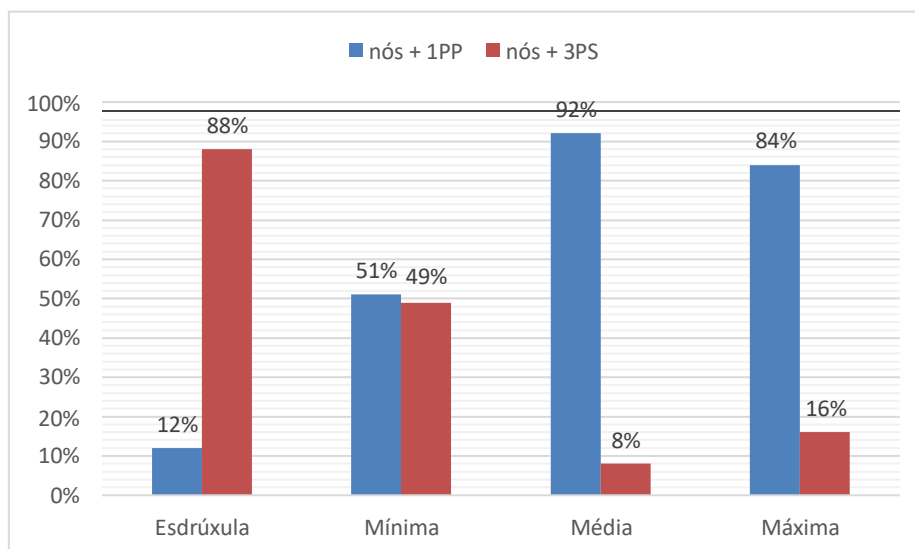
(55) - esse ano eu fui prá: pro incontrão no mês de:: de agosto apostolado da oração lá em: lá em:: Inhapi na qual **nois vimo** [*viu*] a primera vez o nosso bispo. L38ma1

(56) - a formação dessa comunidade - - **nós somos** [*é*] um povo de descendência polonesa né qui o pessual vieram foragido das guerra família castores. L12mt3

Tabela 9: Realizações de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme a saliência fônica

Fatores	Nós + 1PP			Nós + 3PS		
	Total/Oc.	Per.	Pr.	Total/Oc.	Per.	Pr.
Esdrúxula	43/5	12%	.11	43/38	88%	.89
Mínima	175/90	61%	.47	175/85	49%	.53
Média	26/24	92%	.96	26/2	8%	.04
Máxima	19/16	84%	.84	19/3	16%	.16

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Gráfico 9: Percentuais de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme a saliência fônica

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Como podemos observar nos dados da tabela 9, os resultados revelam que, em contextos de saliência média (peso relativo .96) e máxima (peso relativo .84), em que a diferenciação entre as formas verbais é mais acentuada, maior é a probabilidade de uso da variante *nós+1PP*, com frequências de uso de 92% e 84%, respectivamente. Por apresentar diferenças menos perceptíveis entre singular e plural, a saliência mínima, por sua vez, exibe propensão ao uso da variante *nós+3PS*, apresentando percentual de 49% e peso relativo de .53.

Quanto ao fator saliência esdrúxula, podemos observar, no gráfico 9, que, embora sejam formas verbais (proparoxítonas) com níveis de saliência acentuados, em que há mudança completa no radical, é o fator que favorece mais fortemente o apagamento das marcas de 1PP, com peso relativo de .89 e frequência de 88%. Podemos depreender que o desfavorecimento de *nós+1PP* por parte deste fator está ligado a uma tendência geral na língua portuguesa de que os falantes parecem evitar palavras proparoxítonas (cf. ZILLES *et al.*, 2000, p. 207), principalmente na zona rural.

Em consonância com o princípio da saliência fônica, de maneira geral, os resultados evidenciados ratificam a nossa hipótese, visto que as formas verbais mais salientes (média e máxima) favorecem a realização de *nós+1PP* na zona rural de Pariconha, enquanto que as formas menos salientes (esdrúxula e mínima) desfavorecem. Esses resultados também corroboram as análises de Almeida (2006), Antonino e Bandeira (2011), Rúbio (2012), Foeger (2014), Carmo (2016) e Silva (2018), que também atestam o favorecimento de *nós+1PP* em contextos de maior saliência.

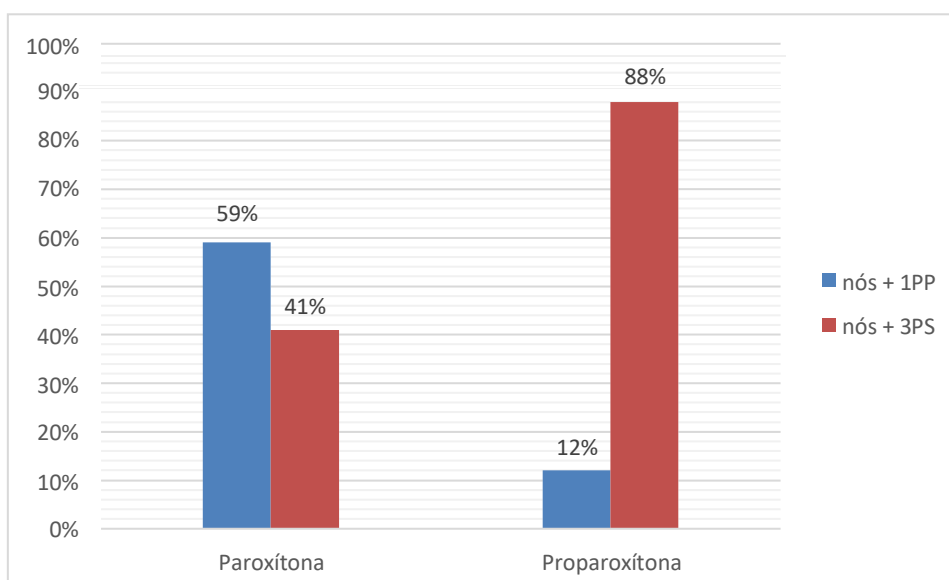
4.3 Variáveis estatisticamente não significativas

Nesta seção, apresentamos as variáveis que, em nossa pesquisa, foram consideradas estatisticamente não significativas para o programa GoldVarb X. Por ordem de eliminação são elas, acentuação da forma verbal, explicitude do sujeito, faixa etária e sexo/gênero. Embora menos significativas, acreditamos que essas variáveis apresentam dados importantes a respeito da concordância verbal com P4 na zona rural de Pariconha.

4.3.1 Acentuação da forma verbal

Pesquisas sociolinguísticas apontam que a variável acentuação da forma verbal é importante, e que desempenha papel decisivo no condicionamento da concordância (cf. ZILLES et al.; 2000; PEREIRA, 2004). No entanto, em nossa pesquisa, a variável em questão foi a primeira descartada pelo programa, por considerá-la estatisticamente não significativa. Para o controle desta variável, selecionamos dois fatores: formas verbais paroxítonas (*gostamos*) e proparoxítonas (*gostávamos*). Nossa hipótese é de que a variante *nós+1PP* é mais frequente quando as formas verbais são paroxítonas, e menos frequente quando proparoxítonas. A tabela 10 e o gráfico 11, apresentam os resultados obtidos para esta variável.

Gráfico 10: Percentuais de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme a acentuação da forma verbal



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Tabela 10: Realizações de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme a acentuação da forma verbal

Fatores	Nós + 1PP			Nós + 3PS		
	Total	Ocorrências	Perc.	Total	Ocorrências	Perc.
Paroxítona	220	130	59%	220	90	41%
Proparoxítona	43	5	12%	43	38	88%

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Ao analisarmos os dados acima, verificamos que as formas verbais paroxítonas apresentam percentual de 59% de aplicação da concordância com 1PP na comunidade em estudo. As formas verbais proparoxítonas, por sua vez, apresentam apenas 12% de frequência *nós+1PP*, enquanto que a variante *nós+3PS* apresenta percentual de 88%. Esses resultados se assemelham aos resultados apresentados por Zilles *et al* (2000) e Pereira (2004), que também mostram o desfavorecimento das formas proparoxítonas para concordância com 1PP, no entanto, não confirmam a nossa hipótese, pois não apresenta significância.

Câmara Jr. (2004), afirma que, na variedade popular da língua portuguesa, há uma tendência em reduzir formas linguísticas proparoxítonas a paroxítonas, como em (57) e (58), também verificamos que esse mesmo comportamento ocorre na comunidade, pois, das 43 ocorrências de formas verbais proparoxítonas encontradas na amostra, apenas 5 realizações foram de *nós+1PP*.

(57) - *nós íamos* prá igreja em Pariconha foi em Pariconha isso. L16fd2

(58) - *nois ía* /mas, mais/ vó e vô no nosso pé ó – agora dexasse nois lá. L13ft1

4.3.2 Explicitude do sujeito

Selecionada como a segunda variável não significativa estatisticamente, a explicitude do sujeito diz respeito à forma como o sujeito pode ocorrer. Ao controlarmos esta variável, objetivamos analisar se determinado tipo de sujeito exerce influência ou não na aplicação da regra de concordância verbal com 1PP. Para tanto, consideramos dois fatores: sujeito explícito, quando o pronome *nós* é realizado foneticamente, conforme exemplo (59), e sujeito implícito/nulo ou desinencial, identificado a partir da desinência número pessoal, como em (60), e, supomos que o fator sujeito implícito é quem mais favorece marcas de 1PP. Os resultados obtidos estão apresentados na tabela 11 e no gráfico 12.

(59) - *nós participamos* cum a juventude com todo o povo da comunidade em si geral.
L30ft3

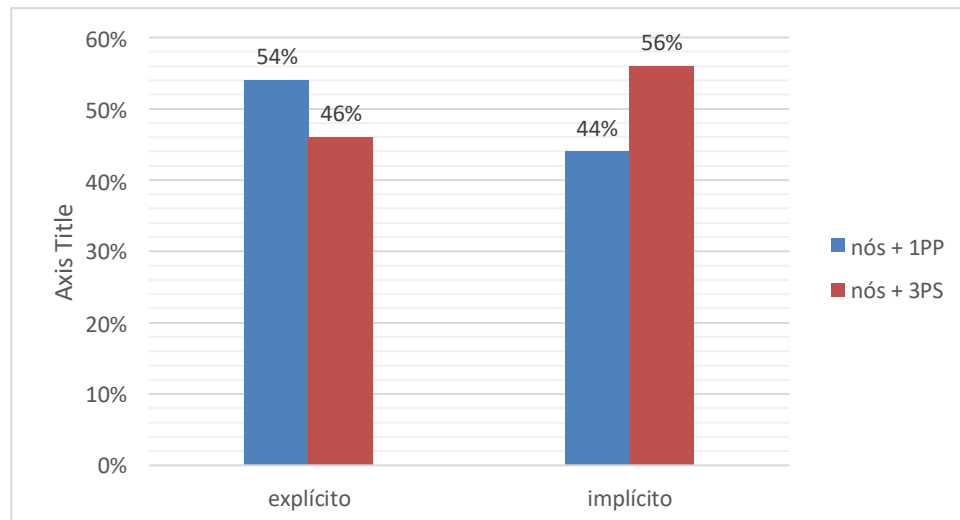
(60) - *Ø pegamos* o catamarã em em: Piranhas e de lá fomos pá Poço Redondo – foi maravilhoso. L11fa3

Tabela 11: Realizações de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme a explicitude do sujeito

Fatores	Nós + 1PP			Nós + 3PS		
	Total	Ocorrências	Perc.	Total	Ocorrências	Perc.
Explícito	186	101	54%	186	85	46%
Implícito	77	34	44%	77	43	56%

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Gráfico 11: Percentuais de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme a explicitude do sujeito



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Conforme os dados da tabela 11, o fator sujeito explícito apresenta maior aplicação de concordância com 1PP. Para este fator, foram constatadas 186 ocorrências, destas, 101 realizações foram de *nós+1PP*, representando um percentual de 54%, e, 85 ocorrências de *nós+3PS*, que representam 46%. Para o fator sujeito implícito, foram contabilizadas 77 ocorrências, sendo 34 realizações de *nós+1PP* e 43 realizações de *nós+3PS*, que correspondem, respectivamente, a frequências de 44% e 56%.

4.3.3 Faixa etária

Investigada desde os trabalhos pioneiros da sociolinguística laboviana, a variável social faixa etária mostrou-se não influente na variação em estudo. Embora não tenha sido selecionada pelo programa, esta variável é importante em nossa pesquisa, uma vez que nos possibilita analisar o comportamento da concordância verbal com 1PP em relação a diferentes grupos sociais (jovens, adultos e idosos) e compreender como as variantes estão distribuídas na comunidade em estudo, de modo que pode nos indicar se estamos diante de uma variação estável ou de uma mudança em progresso.

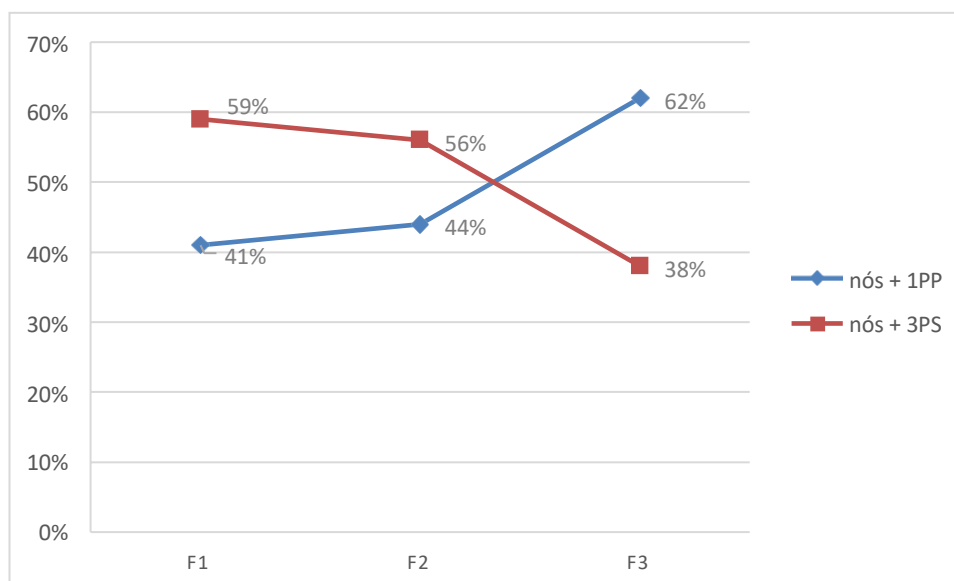
Dessa forma, selecionamos para analisar este fator as seguintes faixas etárias: F1 (18 a 29 anos), F2 (30 a 44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e partimos do pressuposto de que, na comunidade em estudo, a variante *nós+3PS* será mais frequente na fala dos informantes mais jovens, no entanto, não acreditamos que estamos diante de uma mudança em curso, visto que parece haver estigma no uso dessa forma linguística. Os resultados obtidos para esta variável são apresentados a seguir.

Tabela 12: Realizações de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme a faixa etária

Fatores	Nós + 1PP			Nós + 3PS		
	Total	Ocorrências	Perc.	Total	Ocorrências	Perc.
18 a 29 anos	22	9	41%	22	13	59%
30 a 44 anos	129	57	44%	129	72	56%
Acima de 44 anos	112	69	62%	112	43	38%

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Gráfico 12: Percentuais de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme a faixa etária



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

De acordo com os dados da tabela 12, verificamos que, na zona rural de Pariconha, a aplicação da concordância verbal com o pronome *nós* é mais frequente entre informantes mais velhos (acima de 44 anos), com uma frequência de 62%, que correspondem a 69 realizações. As faixas etárias 1 (18 a 29 anos) e 2 (30 a 44 anos), por sua vez, apresentaram percentuais de 41% e 44%, que correspondem, respectivamente, a 9 e 57 ocorrências de aplicação da regra.

No que diz respeito à variante *nós+3PS*, foram contabilizadas para a faixa etária 1 (18 a 29 anos), 13 ocorrências e percentual de 59%, para a faixa etária 2 (30 a 44 anos), houve 72 realizações que representam 56% de frequência, e, para a faixa etária 3 (acima de 44 anos), constatamos 43 ocorrências com um percentual de 38%.

A distribuição da variável faixa etária revela que, na comunidade em estudo, a não concordância é mais frequente na fala dos informantes mais jovens (18 a 29 anos), com percentual de 59%, conforme observado no gráfico 12. Com o aumento da faixa etária dos falantes, a frequência de uso dessa variante entra em declínio (diminui para 56% na F2 e depois para 38% na F3), e o uso da variante *nós+1PP* tende a aumentar (41% na F1 e 44% na F2), apresentando frequência de 62% na faixa etária 3 (acima de 44 anos), o que pode ser um indício de que a comunidade caminha para uma maior implementação da variante *nós+1PP*.

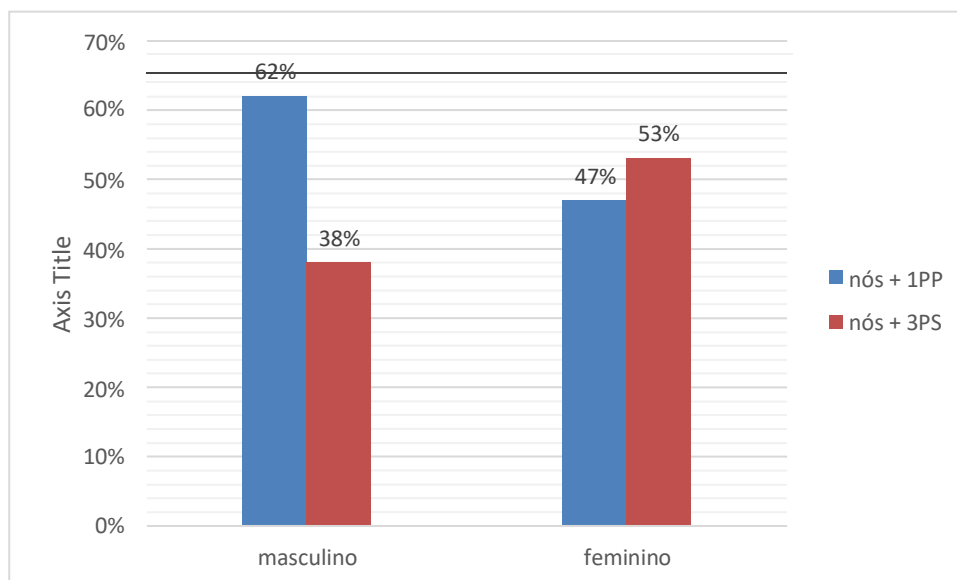
4.3.4 Sexo/gênero

O sexo/gênero foi a última variável descartada pelo programa, por considerá-la não significativa estatisticamente. Para o controle desta variável, consideramos dois fatores, a saber, masculino e feminino. Tendo em vista que, em comunidades rurais, são os homens que costumam sair em busca de trabalho, e, com isso, têm mais contato com a variante padrão, nossa hipótese é a de que a variante *nós+1PP* é favorecida pelos informantes do sexo masculino. Os resultados obtidos estão apresentados na tabela 13 e no gráfico 15.

Tabela 13: Realizações de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme sexo/gênero

Fatores	Nós + 1PP			Nós + 3PS		
	Total	Ocorrências	Perc.	Total	Ocorrências	Perc.
Masculino	76	47	62%	76	29	38%
Feminino	187	88	47%	187	99	53%

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Gráfico 13: Percentuais de *nós+1PP* e *nós+3PS* conforme sexo/ gênero

Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Ao observarmos a tabela 14, os resultados mostram que, no fator masculino, a variante *nós+3PS* apresentou 29 ocorrências e percentual de 38%, para o fator feminino, verificamos 99 realizações e uma frequência de 53%, revelando que as mulheres produzem mais o apagamento do morfema de 1PP (*-mos*) na comunidade em estudo. No que concerne à variante *nós+1PP*, obtivemos um total de 47 ocorrências para o fator masculino e percentual de 62%, enquanto que, no fator feminino, houve 88 realizações, que correspondem a 47% de aplicação da regra de concordância, como podemos visualizar no gráfico 13.

A partir desses resultados, verificamos que, embora os estudos sociolinguísticos revelem que as mulheres tendem a ser mais conservadoras e fazem mais uso de variantes linguísticas socialmente prestigiadas, em nossa análise, constatamos, que, na zona rural de Pariconha, são os homens que mais produzem a aplicação de concordância verbal com 1PP, com percentual de 62%. Podemos inferir que esse favorecimento está associado também ao fato de que são eles que comumente se deslocam para os centros urbanos em busca de emprego, tendo, assim, maior contato com a variante de prestígio social, passando a incorporá-la em seu repertório linguístico.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho, mapeamos o perfil sociolinguístico dos falantes da zona rural do município de Pariconha-AL, com intuito de analisar se há variação na concordância verbal com o pronome *nós* na fala dos pariconhenses. Assim, sendo a variação motivada por fatores internos e externos à língua, buscamos investigar as relações entre os aspectos linguísticos e sociais, com o objetivo de entendermos a sua realização. Para tanto, realizamos uma análise quantitativa dos dados visando responder aos seguintes questionamentos: há variação *nós* + 1PP e *nós* + 3PS na zona rural de Pariconha? Supondo a existência de variação, qual a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos nesse processo variável? Estamos diante de uma variação estável ou mudança em progresso?

Tendo em vista o caráter heterogêneo e inerentemente variável do sistema linguístico, como respostas provisórias a estes questionamentos, partimos da hipótese de que há variação linguística na CV com a forma pronominal *nós*. Considerando que a variação linguística é ordenada, acreditamos que as ocorrências de *nós* + 1PP e *nós* + 3PS são motivadas tanto por restrições linguísticas quanto por sociais. Por fim, hipotetizamos que por *nós* + 1PP ser a forma selecionada na norma culta e a não realização da concordância apresentar estigma social nas variedades brasileiras, acreditamos que estamos diante uma variação estável.

Desse modo, para validar ou refutar estas hipóteses, buscamos analisar se na zona rural de Pariconha a concordância verbal com 1PP apresenta comportamento variável, verificando a frequência de realização de concordância nesta comunidade, possibilitando dessa forma descrever os mecanismos linguísticos e sociais que estariam condicionando as realizações dessa variação na comunidade de fala aqui estudada.

Tomando por base o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), para o desenvolvimento deste trabalho e assim alcançar os objetivos propostos, coletamos uma amostra sincrônica da fala de 45 informantes, nascidos e criados na zona rural de Pariconha, estratificada segundo as variáveis escolaridade, sexo/gênero e faixa etária. Após a coleta dos dados, analisamos e codificamos todas as realizações de CV; em seguida, procedemos à rodada dos dados no programa computacional GoldVarb X. Ao final, obtivemos em nossa amostra um total de 263 ocorrências de concordância verbal com 1PP, distribuídas da seguinte forma: 135 ocorrências de *nós* + 1PP e 128 realizações de *nós* + 3PS.

A partir da análise estatística dos dados, verificamos que, na zona rural de Pariconha, a concordância verbal com a primeira pessoa do plural apresenta comportamento variável, com frequência de 51% de realizações de *nós + 1PP* e 49% de realizações de *nós + 3PS*, mostrando, que na comunidade estudada, há uma disputa acirrada entre as variantes, com leve predomínio no uso da variante padrão. Esses resultados não só corroboram a nossa hipótese de que na fala dos pariconhences há variação na CV com pronome *nós*, como ratificam os resultados dos estudos sociolinguísticos realizados no Brasil a respeito deste fenômeno, que também atestam a variabilidade da CV com 1PP.

Constatamos ainda que, na comunidade em estudo, as ocorrências de *nós + 1PP* e *nós + 3PS* não acontecem de forma aleatória, mas condicionadas pelas variáveis escolaridade, tempo verbal, paralelismo linguístico e saliência fônica, selecionadas como estatisticamente significativas pelo programa GoldVarb X. As variáveis acentuação da forma verbal, explicitude do sujeito, faixa etária e sexo/gênero, por sua vez, foram descartadas pelo programa por não apresentarem significância estatística.

A escolaridade foi a única variável social e a primeira selecionada pelo programa como sendo estatisticamente a mais significativa no fenômeno da CV. Os dados para esta variável nos mostraram que, na zona rural de Pariconha, o uso da forma *nós + 3PS* é mais frequente na fala dos informantes menos escolarizados (sem escolarização e ensino fundamental), com pesos relativos de .79 e .81, respectivamente, enquanto que a variante *nós + 1PP* é a forma preferida entre os informantes com maior nível de escolarização (ensino médio e superior), com pesos de .64 e .85. Em consonância com os estudos sociolinguísticos, esses dados revelam que a escolaridade exerce forte influência nas escolhas linguísticas dos falantes, favorecendo o uso da forma socialmente prestigiada, *nós + 1PP*.

A segunda variável considerada estatisticamente relevante pelo programa foi o tempo verbal. Controlamos neste grupo quatro fatores, a saber, presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e infinitivo pessoal, e constatamos, a partir dos resultados obtidos, que o fator tempo presente favorece o uso de *nós + 1PP* com percentual de 58%, porém, o tempo pretérito perfeito apresenta uma frequência maior, correspondente a 91% de aplicação. Esses resultados parecem indicar que, na comunidade em estudo, o *-mos* aparentemente está se especializando como marca de pretérito perfeito, corroborando o estudo de Foeger (2014).

O paralelismo linguístico foi a terceira variável selecionada pelo programa como significativa estatisticamente. Observamos para esta variável, que a realização da concordância

é favorecida pelos fatores primeira referência (57%) e forma isolada (59%), porém o condicionamento de realização é maior (79%) quando o verbo anterior apresenta marcas de 1PP. Contrariamente, quando não há marcas de pluralidade na forma verbal anterior, há favorecimento no uso da variante *nós + 3PS*, com 88% de frequência. Assim, esses resultados atestam o princípio do paralelismo de que marcas tendem a levar a marcas e zero tendem a levar a zero.

A saliência fônica foi a última variável considerada estatisticamente significativa no condicionamento da variação na CV. Para a análise desta variável, controlamos quatro fatores, a saber, saliência esdrúxula, mínima, média e máxima. A partir dos dados obtidos, verificamos que o uso da variante *nós + 1PP* é favorecido quando as formas verbais são mais salientes (média e máxima), com frequências de 92% e 84%, respectivamente, e desfavorecida em contextos de menor saliência (esdrúxula e mínima), com percentuais de 12% e 51%. Desse modo, constatamos que nossos resultados estão em consonância com o princípio da saliência proposto por Lemle e Naro (1977), de que quando a saliência fônica entre os verbos é maior há o favorecimento da marca de plural.

A acentuação da forma verbal, embora considerada importante e com papel decisivo no condicionamento da concordância (ZILLES *et al.*, 2000; PEREIRA, 2004), foi o primeiro grupo de fatores descartado pelo programa como estatisticamente não significativo. Os resultados desta variável revelam que a forma *nós + 1PP* apresenta maior produtividade quando as formas verbais são paroxítonas (59%), e é menos frequente quando proparoxítonas (12%). Segundo Câmara Jr. (2004), na variedade popular da língua portuguesa há uma tendência em reduzir formas linguísticas proparoxítonas a paroxítonas. Verificamos que esse comportamento também acontece na comunidade em estudo, visto que, das 43 realizações de formas verbais proparoxítonas presente no *corpus*, apenas 5 foram de *nós + 1PP*.

A segunda variável descartada pelo programa foi a explicitude do sujeito. Ao controlarmos esta variável acreditávamos que a variante padrão seria favorecida pelo fator sujeito implícito e desfavorecida pelo fator sujeito explícito. No entanto, contrariamente à nossa hipótese, os resultados obtidos apontam frequências de 44% e 54% respectivamente da variante *nós + 1PP*, com diferença percentual de 10%. Os dados para esta variável não apresentaram resultados estatisticamente significativos para o condicionamento da variação aqui tratada.

Em relação à faixa etária, os resultados são relevantes para nosso estudo, permitindo-nos compreender como as variantes estão distribuídas na comunidade. Após análise desta

variável, verificamos que são os informantes da faixa etária 1 (18 a 29 anos) que mais produzem a forma *nós + 3PS* (59%), e que à medida que avançam de faixa etária esse uso entra em declínio (56% entre os falantes de 30 a 44 anos e 38% para faixa acima de 44 anos), e o uso da variante *nós+1PP* tende a aumentar (41%, 44% e 62 %, respectivamente). Com base nesses resultados, inferimos que tal comportamento também pode estar relacionado à inserção dos falantes no mercado de trabalho, o que parece mostrar que há uma mudança na direção do uso da variante *nós + 1PP*.

Quanto à variável sexo/gênero, apontada pelos estudos sociolinguísticos como forte condicionador da variação linguística, foi considerada estatisticamente irrelevante pelo programa. Apesar disso, esta variável apresenta dados interessantes, nos mostrando que na zona rural de Pariconha são os informantes do sexo masculino que mais produzem a CV com 1PP (62%), enquanto que as mulheres apresentam uma frequência menor (47%). Isso nos leva a inferir que em comunidades rurais são homens que normalmente se deslocam para os centros urbanos em busca de emprego, mantendo, assim, maior contato com a variante prestigiada socialmente.

Diante do exposto, constatamos que apesar das variáveis acentuação da forma verbal, explicitude do sujeito, faixa etária e sexo/gênero serem descartadas pelo programa GoldVarb X, os resultados apresentados por elas são importantes para nosso estudo, pelo fato de ao correlacionarmos estas variáveis com as variáveis estatisticamente significativas, isto é, escolaridade, tempo verbal, paralelismo linguístico e saliência fônica possibilitou-nos apresentar como as variantes *nós + 1PP* e *nós + 3PS* estão encaixadas no sistema linguístico da comunidade da zona rural de Pariconha, e assim, mostrar como configura-se o perfil sociolinguístico desta comunidade quanto ao uso da concordância verbal com a forma pronominal *nós*.

Desse modo, através da nossa pesquisa, verificamos que, diferente do que pregam as gramáticas normativas, na fala dos pariconhenses, a concordância apresenta comportamento variável, sendo esta variação regida por mecanismos de ordem linguística e social.

Em síntese, ressaltamos que os objetivos propostos foram atingidos, uma vez que conseguimos responder as perguntas norteadoras deste estudo. Ao mesmo tempo, ressaltamos que o tema dissertado não finda aqui. Os resultados obtidos suscitaram novos questionamentos que possibilitam a realização de pesquisas futuras, abrangendo aspectos que aqui não foram contemplados, como:

- a) Realizar uma análise comparativa entre os informantes da zona rural e os da zona urbana;
- b) Contrastar dados de produção e percepção do fenômeno da concordância com P4 na comunidade, a fim de verificar como os falantes falam e o que eles acham que falam;
- c) Analisar como as variantes são avaliadas na comunidade em estudo;
- d) Verificar se os falantes se reconhecem como usuários da variante *nós + 3PS* e a quais fatores extralinguísticos eles relacionam o uso desta forma;
- e) Analisar se a profissão dos informantes interfere na escolha das variantes.

Tendo em vista a escassez de estudos sobre a concordância verbal com a primeira pessoa do plural, esperamos que nosso trabalho tenha contribuído para o entendimento de como se processa a variabilidade deste fenômeno na comunidade aqui estudada, de modo que, juntamente com outras pesquisas, possam, contribuir para o mapeamento das variedades do português brasileiro e para o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. P. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS**. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006.
- ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ANTONINO, V.; BANDERA, M. **Nós, a gente e a concordância em uma comunidade afro-brasileira isolada**. Papiá, São Paulo, n.21, V.1, p. 159-176, 2011.
- ARAUJO, S. S. F. **A concordância verbal e sua importância para os estudos sobre a formação do português brasileiro**. PAPIA. V.22, p. 91-110, 2012.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BENFICA, S. A. **A concordância verbal na fala de Vitória**. Vitória. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Espírito Santo. 2016.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris [et al.] (orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BRESCANCINI, C. R. Análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (Orgs.). **Fonologia e variação: recorte do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- CÂMARA JR. J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Editora vozes, 2004.
- CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CÂMARA JR, J. M. **História da linguística**. Trad. Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CARMO, S. D. S. **A variação na concordância verbal com a primeira pessoa do plural em comunidades rurais do semiárido baiano**. Feira de Santana. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Feira de Santana. 2016.
- CASTILHO, A. T. **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção morfológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CESCA, V. **Dicionário genealógico latino-português**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

- COELHO, I. L [et al.] **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- DASCAL, M; BORGES NETO, J. De que trata a linguística, afinal? **Histoire, Epistemologie, Langage** 13(1), p.13-50, 1991.
- DUARTE. M. E. L.; SERRA, C. R. **Gramática (s), ensino de português e adequação linguística**. Rio de Janeiro: Matranga, 2015.
- FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FOEGER, C. C. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES**. Vitória. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Espírito Santo. 2014.
- FREITAG, R. M. K. **Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro**. D.E.L.T.A., 32.4, 2016.
- FREITAG, R; LIMA, G. **Sociolinguística**. São Cristóvão: CESAD, 2010.
- GUY, G; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LUCCHESI, D. et al. **A concordância verbal**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- MATTOS, S. E. R. **Goiás na primeira pessoa do plural**. Brasília. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília. 2013.
- MOLLICA, C; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MUSSALIM, F. **Linguística 1**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.
- MUSSALIM, F; BENTES, A. (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V.1. São Paulo: Cortez, 2001.
- NARO, A. J; SCHERRE, M. M. P. **Sobre as origens do português popular do Brasil**. Revista D.E.L.T.A. V.9, No. Especial, p. 437-454, 1993.
- NICOLAU, E. M. D. **A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística**. Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, 1984.
- PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

- PEREIRA, D. C. **Concordância verbal na língua falada nas trilhas das bandeiras paulistas**. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo. 2004.
- PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.
- ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico. Brasília: INL, 1979.
- RUBIO, C. F. **Decisões metodológicas no estudo de fenômenos variáveis de primeira pessoa do plural**. XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística Y Filología de América Latina. João Pessoa – Paraíba, Brasil, 2014.
- RUBIO, C. F. **Padrões de concordância e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. São José do Rio Preto. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, 2012.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **GoldVarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>.
- SANTOS, R. L.; VITÓRIO, E. G. **Uma rodada no GoldVarb**. In: COSTA, J.; SANTOS, R. L.; VITÓRIO, E. G. (Orgs). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoa**. Maceió: Edufal, 2011, p. 23-62.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Sobre o deslocamento da concordância verbal**. *Linguística*, Rio de Janeiro, V.3, p. 133-158, 2007.
- SCHERRE, M. Paralelismo linguístico. **Rev. Est. Lin.**, Belo Horizonte, vol. 7, n.2, p. 29-59jul/dez, 1998.
- SCHERRE, M.; NARO, A. Análise quantitativa de tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.
- SCHERRE, M.; NARO, A.; YACOVENCO, L. Nós e a gente em quatro amostras do português brasileiro: revisitando a escala da saliência fônica. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 20 – especial, p.428- 457, 2018.
- SCHERRE, M.; NARO, A. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. **D.E.L.T.A**, vol.9, n.1, 1993.
- SILVA, J. **A variação na concordância verbal na língua falada no sertão do Pajeú**. Recife. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco. 2019.
- SILVA, J. A. A. **A concordância de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia**. Bahia. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia. 2005.

- SILVA, J. A. A. **A concordância verbal com o pronome nós no sertão alagoano**. Delmiro Gouveia. Monografia. Universidade Federal de Alagoas, 2018.
- SILVA, M, R.; CAMACHO, R. G. **Os pronomes nós e a gente no português falado em Rio Branco**. Rev. Estudos Linguísticos, V.46. p. 311-321, São Paulo, 2017.
- TARALLO, F. L. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2003.
- VIANA, J. S.; LOPES, C. R. S. **Variação dos pronomes “nós” e “a gente”**. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2015.
- VITÓRIO, E. G. L. S. A. **Avaliação social da concordância verbal com a primeira pessoa do plural no sertão alagoano**. Interdisciplinar, V. 29, jan-jun, p. 139-156, São Cristóvão, 2018.
- VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.
- WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editoria, 2006.
- ZILLES, A. M. S, et al. **A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre**, V. 42, n. 2, p.27-44, 2007.

ANEXOS

ANEXO I

FICHA SOCIAL

Data: ___/___/___ Local da gravação: _____

Documentador: _____

Código do arquivo de áudio: _____

INFORMANTE:

Nome completo: _____

Apelido: _____ Estado civil: _____

Zona de residência: () Rural () Urbana

Endereço: _____ Município: _____

Telefone: _____

Sexo/gênero: () masculino () feminino Idade: _____

Escolaridade: _____

Data de nascimento: ___/___/___ Trabalha atualmente: _____

Morou por mais de um ano em outro município? () sim () não

Ouve rádio? () sim () não Quais emissoras? _____

Programa preferido? ` _____

Vê televisão? () sim () não Quais canais? _____

Tem habito de ler? () sim () não Que tipo de leitura? _____

Está inserido nas redes sociais? () sim () não Quais? _____

Participa de algum grupo religioso? () sim () não Qual? _____

Participa de algum outro grupo? (Associação, coletivo, etc) Qual: _____

ANEXO II

QUESTIONÁRIO-GUIA

1. Há quanto tempo mora aqui?
2. Fale-me da formação da comunidade?
3. Como foi sua infância na comunidade? Mudou muito em relação a hoje?
4. Se tivesse oportunidade, moraria em outro lugar? Por quê?
5. O que você mais gosta de fazer no local onde mora?
6. Você vai para festas ou outras atividades de lazer fora da comunidade onde você mora?
7. O que você acha das festas no município? Por quê?
8. O que é atrativo para os moradores dessa comunidade?
9. O que é desatrativo para os moradores dessa comunidade?
10. A sua comunidade tem mais pontos positivos ou negativos?
11. O que fazer para melhorar a sua comunidade?
12. Fale-me sobre o atual presidente do Brasil? O que você acha do governo dele? Por quê?
13. Qual a sua opinião sobre essa onda de violência no nosso estado?
14. Como é o seu município em termos de violência?
15. O que fazer para amenizá-la?
16. Você (amigo, parente, conhecido) já sofreu algum tipo de violência? O que aconteceu?
17. Fale-me de um passeio/viagem que você fez e achou legal.
18. Como devo fazer para conhecer esse lugar?
19. Já passou por alguma situação que pôs sua vida em risco? O que aconteceu?
20. Tem alguma manifestação cultural aqui na sua comunidade que é considerada tradição? Qual? Como é? Quem participa?
21. Fale-me sobre a festa do (a) padroeiro (a)? Como é a organização?
22. Conte-me uma receita tradicional da região? Quais ingredientes? Como é feita?
23. Você já teve alguma experiência fora do município? Que diferenças e semelhanças você notou?
24. Você percebe se uma pessoa é daqui ou não?
25. Você acha que os jovens de hoje têm mais oportunidades/liberdade que os jovens de antes? Por quê?
26. Onde você mora é comum falar nós moramos aqui/ou nós mora aqui?
27. Você fala nós mora aqui, nós estuda muito, nós chega tarde na aula/trabalho?
28. O que você acha desse jeito de falar?
29. Você acha que esse modo de falar é típico de algum lugar do Brasil? E aqui em Alagoas?
30. Você acha que esse modo de falar tem a ver com a idade dos falantes? Por quê?
31. Você acha que esse modo de falar tem a ver com o sexo/gênero dos falantes? Por quê?
32. Você acha que esse modo de falar está relacionado com a classe social dos falantes? Por quê?
33. Você acha que esse modo de falar está relacionado com o nível de estudo dos falantes? Por quê?
34. Você acha que esse modo de falar está relacionado à situação de comunicação? Por quê?

35. Você acha que as pessoas que falam nós mora aqui sofrem algum tipo de preconceito?
Por quê?